

ANTOLOGIA

EDIFÍCIO SOLARIS

ORGANIZADOR
GILSON SALOMÃO
PESSÔA



EDIFÍCIO
SOLARIS

Panóplia

Antologia Edificio Solaris
Antologia Edificio Solaris



Antologia Edifício Solaris

© 2025 Editora Panóplia

www.editorapanoplia.com.br

Edifício Solaris

Vários Autores

Organização: Gilson Salomão Pessoa

Revisão: Dos próprios autores

Projeto Gráfico: Gisele Starck com imagens geradas por

IA

Capa: Andreia Marques com imagens geradas por IA

1ª edição

ISBN 978-85-54018-95-5



Tipo de Licença:

Atribuição-SemDerivações-SemDerivados- CC BY-

NC

Esta obra pode ser baixada e compartilhada desde que

o crédito seja atribuído à editora Panóplia.

Não pode ser alterada de nenhuma forma.

Não pode ser comercializada de nenhuma forma.

Antologia Edifício Solaris

Antologia
Edifício Solaris

Gilson Salomão Pessoa

Antologia Edifício Solaris

Introdução

A antologia "**Edifício Solaris**", organizada pelo autor e colunista **Gilson Salomão Pessoa** e promovida pela editora Panóplia, será publicada de forma física e digital. O tema será um intrigante e multifacetado edifício, onde cada apartamento carrega histórias únicas e misteriosas, revelando camadas ocultas da vida de seus moradores. Cada autor será responsável por um conto ambientado em um dos apartamentos do "Edifício Solaris", explorando temas como segredos pessoais, encontros sobrenaturais, dramas psicológicos, e vínculos inesperados entre os personagens.

Sumário

Introdução... 04

Apartamento 101 Central dos autônomos... 11

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 102 Visita Divina... 20

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 103 Desencuentros improváveis... 28

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 104 Improváveis, mas complementares... 35

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 201 Conhecendo meus poderes... 45

Giselle Starek

Apartamento 202 A viagem dos pelicanos... 53

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 203 Acompanhada, mas solitária... 62

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 204 Nina e o bzeo sombrio... 68

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 301 Contatos imediatos... 75

Gilson Salomão Pessoa

Antologia Edifício Solaris

Apartamento 302 Momento certo e hora errada... 82

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 303 Detetive particular... 89

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 304 A máfia entre nós... 97

Gilson Salomão Pessoa

Apartamento 401 e 402 As gêmeas... 107

Waldo Temporal

Apartamento 402 Medindo as Medinas... 120

Jurandyr Rasquinho Filho

Apartamento 404 O mistério do apartamento 404... 134

Simone Ferreira

Apartamento 501 Senhora Helen... 156

João Starek

Apartamento 502 Taxista psicopata... 163

Gisela Starek

Apartamento 503 Violinista znerenqueira... 170

Gisela Starek

Apartamento 504 Quem vê Rock não vê coraço... 179

Gisela Starek

Antologia Edifício Solaris
Apartamento 601 Pesadelos de um escritor... 185

Gisela Starek

Apartamento 602 Orfanato de Judé... 192

João Starek

Apartamento 603 O quarto do tempo... 199

João Starek

Apartamento 666 Paraíso profano... 207

João Starek

Apartamento 701 Charlotté, lágrima e solidão...216

Drilly Manfré

Apartamento 702 e 703 Reencontro de Almas... 221

Belle Dantas

Apartamento 704 A moça da Lua... 238

Andréia Marques

Apartamento 801 Melancolia... 250

Andréia Marques

Apartamento 802 Quem mora ao lado?... 257

Valéria Rezende

Apartamento 803 Caos em família... 266

Fernando Cozzi

Antologia Edifício Solaris
Arrêdores Edifício Solaris: Kalzi, Maribel e a praça... 270

Gilson Pessôa



Gilson Salomão Pessoa é Funcionário Público formado em jornalismo pela UFJF. Colunista com dois livros publicados, participou de antologias lançadas pela Revista Conexão Literatura e pela Editora Panóplia. Dentre os seus livros publicados estão o romance “Histórias de Titãs Quebradiços” e o livro de Poemas “Um Suspiro Resgatado”, ambos pela Editora Panóplia. Pela Editora Panóplia publicou os livros “Terras e tramas sertanejas”, “Sapo Tobias” e “Terror não tem tamanho”, além de ter participado de diversas antologias com o selo da Editora. Ganhou por três vezes o prêmio literário de melhor conto de Matias Barbosa.



Apartamento 101: Central dos Autônomos

Gilson Salomão Pessoa

O apartamento 101 era onde se reunia o núcleo mais jovem do prédio. Pessoas que ainda tinham muitos sonhos ainda a ser conquistados, muitas frustrações e corações partidos que despontarão no horizonte provisoriamente longínquo em suas vidas. Vivem e desfrutam do sabor de cada momento tentando ganhar o pão de cada dia aos trancos e barrancos.

Os cinco habitantes que dividem o aluguel são a confeitadeira Isabel, Leila que passeia com cachorros e ocasionalmente faz bico de babá, o motoboy Maurinho, o motorista de aplicativo

Plínio e o fotógrafo Sócrates. Não se sabe ao certo como e quando esse time foi formado, mas as relações interpessoais são bastante respeitadas, caso contrário esse esquema não funcionaria.

Todos desviam uma parte do seu limitado orçamento para pagar as contas e o aluguel, embora insistam em fazer festas quase todo dia, sem considerar a economia necessária para andar com os pagamentos em dia. Isso gera várias discussões, pois alguns tentam ser mais responsáveis enquanto outros só querem curtir sem se preocupar com o dia seguinte.

— A gente precisa de um jarro, colocar tudo certinho numa planilha ou então todo mês vai ser esse stress. Não aguento mais essa incerteza, gente. Não consigo nem dormir direito. — pontuou Isabel, que acaba sendo uma espécie de irmã mais velha do grupo.

— É uma boa ideia, mas nós dois somos minoria aqui. — afirmou Plínio que tinha um leve interesse amoroso na cozinheira.

— A gente precisa dessas reuniões para conhecer possíveis novos empregadores, é assim que funciona hoje em dia. Esse negócio de mandar currículo já era. — disse Maurinho para defender o esquema atual de curtição.

— Eu também gosto de diversão, mas pelo menos não fico inventando desculpa fajuta para me justificar. Eu só assumo e

pronto. A gente rala tanto, aguenta tanta gente insuportável que é bom ter uma válvula de escape.

— O que vem de baixo não me atinge. — disse o motoboy fazendo uma brincadeira com a baixa estatura da moça. — Ainda não entendo como você carrega uns cachorros que são duas vezes o seu tamanho. Se botar uma sela dá para você cavalgar igual cavalo.

A garota respondeu apenas fazendo uma cara feia e dando a língua para ele, sem intenção de começar uma briga.

Sócrates encerrou a discussão propondo um meio termo entre os dois lados, tendo em vista que ele é o mais diplomático, sempre evitando conflitos, chegando inclusive a sofrer bastante com isso, pois acaba assimilando emocionalmente muita energia ruim que deveria ser extravasada, mas fica presa ocasionando tiques e dores de cabeça.

Assim os dias caminhando, como uma montanha russa onde o destino era incerto quando surgiu um evento que traria oportunidades para o quinteto: Adelaide, uma das patroas de Leila afirmou que sua filha iria se casar e estava pensando em fazer a festa com um orçamento mais modesto, porque ela estava economizando para fazer uma viagem, o que obviamente gerou várias discussões dentro daquela família. Isabel ficou responsável pelo buffet, Sócrates pelas fotos e Plínio ficaria na área para o transporte de alguns convidados.

Leila por sua vez iria como convidada e Maurinho era o único sem motivo aparente para ir, mas por acaso ele era o ex da noiva e ainda não havia superado o término. Isso gerou uma tensão enorme no grupo, que antecipava uma tempestade se formando. A passeadora de cães era a mais preocupada, pois um desastre dessa magnitude poderia lhe custar uma de suas empregadoras mais rentáveis. Ela chegou até mesmo a pensar em dopar o motoboy com o Rivotril que usava para dormir, mas depois achou aquilo tudo muito extremo e desistiu da ideia.

Todos então se reuniram para conversar com o rapaz para que ele não fizesse nada que fosse gerar algum problema naquele evento tão importante para todos eles. Explicaram de todas as maneiras possíveis para que ele entendesse, mas ainda assim Maurinho não aceitava que ela ficasse com outro que não fosse ele. Começou então a pensar secretamente em maneiras de sabotar aquele casamento. Estaria lá de qualquer jeito para atrapalhar, nem se fosse como penetra.

Apesar de todo aquele possível contratempo, o resto do pessoal continuou investindo nos seus afazeres para entregar o melhor serviço possível, acreditando que aquele seria um grande cartão de visitas para catapultar suas respectivas carreiras.

Quando enfim chegou o dia do grande evento, todos estavam mais do que prontos para dar o seu melhor. Capricharam no visual e foram no carro de Plínio. Maurinho resolveu tentar a sorte em meio a todo aquele infortúnio que o

cercava e resolveu comprar um bilhete de loteria, para ver se ganhava algum dinheiro e melhorava o seu humor naquele momento. O sorteio sairia em alguns dias, mas pelo menos lhe deu algo para pensar que não fosse a ex-namorada. Deitou-se na cama e ficou olhando o teto depois que todos saíram.

A decoração da festa estava bastante chique. O grupo chegou com algumas horas de antecedência, para deixar tudo preparado. Plínio, Leila e Sócrates foram para a igreja, enquanto Isabel ficou arrumando a comida na recepção, que era em um enorme sítio da família.

Quando chegou o momento da festa, estava tudo pronto e muito bonito. Uma das madrinhas começou a flertar com o fotógrafo, deixando a passeadora de cachorros com muito ciúmes, sentimento esse que era desconhecido até mesmo para ela. Tinha muita afinidade com Sócrates e o achava atraente, mas nunca tinha pensado em nenhum envolvimento com ele até aquele momento. Se sentiu confusa. Aquela sensação era nova, diferente e ela não sabia lidar com isso. Seu primeiro impulso foi puxar o cabelo da garota e fingir que tinha acidentalmente prendido a sua pulseira nas madeixas dela. Depois disso o rapaz se afastou das duas, sem entender nada.

As crianças ficaram entediadas na festa e resolveram fazer uma travessura. Enquanto todos estavam distraídos dançando elas resolveram soltar os cachorros do canil, sendo que entre eles estava o Dogue Alemão Maximus, que tinha aproximadamente 90 cm de altura. A matilha entrou correndo

no meio das festividades, atraída pelo cheiro da comida e derrubando tudo. Os garçons ganharam dentadas nas pernas para assim soltarem as bandejas. Os risos dos pequenos logo denunciaram a sua autoria do delito. Foram sentenciados a ficarem detidos em um dos quartos da sede, até a festa acabar.

O primeiro impulso de Leila foi tentar conter os cachorros, mas seus reflexos estavam prejudicados porque ela tinha decidido beber para sublimar os seus sentimentos pelo fotógrafo. Pulou para agarrar o pescoço do imenso canídeo, mas acabou errando o alvo, ficando assim presa (dessa vez de verdade) ao dogue alemão, que se desequilibrou e caiu em cima dela. Todos começaram a rir com exceção do fotógrafo que se prontificou a salvar a sua amiga. Quando a passeadora foi tentar dizer alguma coisa, novamente a madrinha interveio e puxou Sócrates pelo braço, levando-o para longe dali.

A garota solitária e confusa deitou-se num banco de madeira branca e ficou olhando o céu estrelado, esperando aquilo tudo acabar rápido. Sentiu uma súbita vontade de chorar, mas não sabia explicar porque aquilo estava acontecendo com ela.

Plínio enquanto isso tinha certeza do que sentia por Isabel e buscava as palavras certas para demonstrar o seu afeto. Era complicado porque isso poderia afetar a sua convivência dentro do apartamento, caso fosse rejeitado e ficasse um clima constrangedor residual. Por fim sentou-se em um banco perto da cozinha e ficou olhando o vazio, refletindo sobre tudo aquilo.

— Você está bem? — disse Bebel lhe fazendo um cafuné na cabeça. — Tá com uma cara estranha...

— É difícil explicar. Estou a fim de uma garota, mas tenho medo de ser rejeitado.

— Porque ela faria isso? Você é simpático, atraente. Acho que ela teria muita sorte em ficar contigo.

— Não acho que ela gosta de mim desse jeito.

— Você não vai saber até perguntar.

— Sei não. Acho que vai piorar as coisas.

— Fecha os olhos.

— Hã?

— Vai, fecha os olhos.

Assim que ele fechou os olhos ela o beijou nos lábios. Quando ele os abriu, ela sorriu e disse:

— Nossa, você é lerdinho mesmo, hein?

Ele olhou confuso e Isabel o beijou de novo. Obviamente a mulher já tinha percebido as intenções do rapaz há muito tempo e sentiu que se ele não tomasse uma atitude, ela teria que se adiantar, nem que fosse para encerrar aquela inconstância.

De repente Maurinho apareceu na festa, todos ficaram apreensivos, menos Leila que continuava inerte afogando as suas mágoas. Sócrates se adiantou e foi abordar o intruso:

— Veja lá o que você vai aprontar. Nossas carreiras estão à prova hoje. Não ponha tudo a perder.

— Não se preocupe com isso, já desencanei.

Estava bêbado de cachaça e desmaiou em cima de uma das mesas. Um dos convidados que era mais idoso, não aguentou tanta emoção depois dos cachorros e acabou enfartando. A ambulância levou o velhinho e de quebra pegou também a passeadora de cachorros, que estava precisando urgente de uma injeção de glicose. Sócrates aproveitou e a acompanhou nesse trajeto:

— O que aconteceu com você hoje? Estava tão focada e de repente começou a encher a cara, não entendi nada.

— Porque você não aproveitou e ficou com a sua amiguinha?

— Que amiguinha? Do que você está falando?

— A garota da festa que estava se oferecendo para você. Não percebeu?

— A madrinha? A gente tava conversando, qual o problema?

O diálogo terminou ali porque a moça desmaiou. Quando ela despertou não se lembrava de mais nada, mas passou a sentir algo diferente pelo fotógrafo, que ela precisava processar antes de seguir em frente com aquilo. Maurinho ganhou uma pequena fortuna, mas antes de pensar em fazer uma festa

refletiram sobre o enfarto do velhinho e decidiram abrir uma caderneta de poupança, porque afinal de contas a vida é breve, mas nem por isso precisamos viver no limite o tempo todo. A melhor forma de riqueza é aquela onde você possui dinheiro o bastante para não precisar se preocupar com ele.



Apartamento 102: Visita divina

Gilson Salomão Pessoa

A campainha tocou. Juvenal, que tinha dormido no sofá, limpou a baba da boca e foi rastejando para abrir a porta. Uma pessoa com uma clara expressão de tédio estava parada esperando em pé.

— Pois não?

— Eu vou ser bem honesto com você, tá bom? Eu não queria estar aqui, mas fui enviado para te ajudar. Meu nome é Ylael e eu sou um anjo da guarda que está cumprindo pena por infração.

Juvenal fechou a porta. A campainha tocou novamente.

— Cara, vai encher o saco de outro, eu não preciso de ajuda.

— Você assina um documento por escrito confirmando isso?

— Você tem esse papel aí para eu assinar?

— Lógico que não! Geralmente as pessoas aceitam ajuda. Especialmente as que realmente precisam.

— Eu não preciso de ajuda.

— Olhando esse muquifo onde você mora sou obrigado a discordar. Não me leve a mal.

— Não vou dizer que estou ótimo, tá bom? Problema todo mundo tem.

— Gente que acorda a essa hora obviamente tá na merda, vamos ser sinceros.

— Como você sabe que eu acabei de acordar?

— Você tá com o cabelo despenteado, um bafo desgraçado e parecendo um mendigo. Sem falar no olho cheio de remelas. Tem vergonha não?

— Eu trabalho à noite. Faço comédia stand up.

— Ah, entendi.

— O quê?

— A sua necessidade de ajuda. Não sei como não senti o desespero irradiando pelos seus poros...

— Não sei do que você está falando...

— Cara, você obviamente é menos engraçado que um sacolé de pepino.

— Eu estou apurando o meu repertório, comédia é difícil.

— Ninguém disse que era fácil. Mas algumas pessoas tem o dom e outras não. Eu estou aqui para dar um tapinha no seu ombro e dizer que tá na hora de jogar a toalha. Você tentou e já deu. Vida que segue.

— Mano, eu nem te conheço. Por que eu ouviria você?

— Porque eu sou o único amigo que você tem.

— Há! Puta mentira! Ontem eu arrasei! Galera foi abaixo!

— Só se foi para pegar pedras para atirar em você!

— Você disse que veio para me ajudar, mas só está me deprimindo...

— Vai chorar? Ah, puta merda! Era só o que me faltava! Vamos fazer o seguinte, já que você obviamente não vai desistir dessa merda, vamos tentar pelo menos melhorar as suas piadas, que tal?

— Minhas piadas são o máximo!

— Nossa, um comediante merda e iludido. Parabéns, vocês realmente me afundaram na merda com gosto! Como se eu tivesse feito algo tão grave para merecer isso... Um minuto de distração, foi só isso que aconteceu! Porra, vão ficar me fudendo só porque o cara foi parar no hospital? Não foi nada grave, o cara já tá de boa de novo.

— Com quem você está falando? Tá olhando para o céu igual maluco...

— Não importa. Vamos analisar as suas piadas merd., quero dizer o seu material...

— Eu não vou discutir nada com um estranho.

— Eu já te disse o meu nome. Tecnicamente não sou mais estranho...

— E você veio com esse papo de anjo e etc.

— Porra, lá vamos nós de novo!

Dizendo isso tocou a testa de Juvenal com o dedo indicador. O rapaz ficou com uma expressão abobada no rosto...

— Nossa, você é realmente um anjo!

— Sim, e o meu cocô tem gosto de bolo de chocolate.

— Sério?

— Nossa, você vai dar trabalho. Puta que o pariu.

— Para um anjo você é muito desbocado. E xingou a minha mãe, peça desculpas.

— Aqui na Terra eles liberam. Facilita o entrosamento com os terráqueos. Além do mais, foda-se, estou cumprindo pena mesmo... O que é um peido para quem tá cagado, né?

— Você realmente precisa melhorar o seu linguajar.

— E você precisa plrrrr.... cara, desencana, se solta. Leve-se menos a sério. Fica contando piadinha de salão para tia velha, sabe onde você vai parar?

— Eu sou um comediante politicamente correto, qual o problema?

— Se você não entende o problema, me desculpe, mas você não é um comediante. O humor parte exatamente da quebra de expectativa, do deboche, do escárnio, da ironia, da sátira...

— Anjos deveriam ser tão versados nesse assunto?

— Me desculpe se eu já estou na Terra tempo suficiente para aprender uma coisa ou outra... A zoeira bem feita é o melhor traço de humanidade que vocês possuem. Mostra que apesar de todas as contradições, vocês ainda conseguem brincar com as próprias mazelas, não se deixam abater. Estão sempre dispostos a sorrir e enfrentar um novo dia. Isso é muito bonito e inspirador, cara!

— Você acha?

— Claro! Brinque com as contradições da vida, faça observações inteligentes. Você não precisa ser escatológico nem certinho para ser engraçado. Seja você mesmo!

— Mas eu sou um merda!

— Exato! Esse é o seu ponto de partida!

— Engraçado que antigamente eu conseguia fluir meus textos humorísticos com mais naturalidade. Na época da faculdade eu escrevi o roteiro de um filme onde quem leu rachou de rir. Hoje estou igual ao Coringa do Joaquim Phoenix, forçando o sorriso com os dedos na boca.

— O dilema do palhaço triste é bastante comum...

— Mas eu não estou triste. Mais calejado talvez. Mais cético e cínico provavelmente...

De repente Juvenal tomou um tapa na cara.

— Pra que isso? Que desnecessário!

— Mas foi espontâneo, inesperado e dessa forma engraçado. Pelo menos para mim foi. Você devia ver a sua cara!

— Você não é anjo porra nenhuma. É só um cara me trolando.

— Não não não não não, é sério, cara. Agora eu vou te dar uma dica quente. Quer ouvir?

— Não, mas sinto que você vai me dizer do mesmo jeito. Pode falar.

— É assim ó. Chega mais perto.

Juvenal inclinou a cabeça.

— Chega mais perto.

Assim que ele inclinou a cabeça o anjo deu uma lambida na cara dele e gritou:

— ZUUUUUUUUUUUUUP!

— Ah, vai tomar no seu cu! Que porra de aula inútil do caralho!

— Isso mostra o quanto estou certo a seu respeito. Você está realmente desesperado. E se não entendeu a minha zoeira, é porque você está bem chateado. Você precisa usar isso a seu favor, aprender a rir de si mesmo. Transforme esse chiqueiro escroto onde você vive em um repertório para as suas piadas. Numa piada, sempre alguém sofre ou é ridicularizado. Melhor que seja você, né? Já tá carregando essa cruz mesmo...

— Como assim?

— Que tal moro num lugar tão imundo que as baratas estão me cobrando aluguel. Sou tão fedido que os porcos do meu sítio fizeram vaquinha para pagar o meu desodorante. Meu bafo é mais corrosivo que sangue de alien...

— Nossa, pegando pesado...

— Estou te dando um monte de piadas de graça e você tá reclamando? Que tal meu chulé é tão fedido que fez a minha

meia se suicidar? Eu tento ser engraçado, mas sou mais entediante que enxugar gelo? Se você é tão covarde para não rir de você mesmo, fala mal dos outros, não precisa ser ninguém específico. Pensa numa coisa ridícula que todo mundo faz e você acha ridícula...

— Só eu mesmo para dar ouvidos para um zé ruela que disse ser um anjo, me humilhou, me deu um tapa na cara, uma lambida e ainda disse que estava me ajudando...

— Isso, você está pegando o jeito!

— É, agora que eu disse em voz alta realmente parece engraçado.

E pela primeira vez naquela manhã, ele riu.



Apartamentos 103: Desencontros improváveis

Gilson Salomão Pessoa

Isidoro e Otília se mudaram ainda jovens para o Edifício Solares. O ano era 1964 e eles tinham 10 anos cada um. A menina morava no apartamento de cima, o rapaz logo abaixo dela. Havia poucas crianças no prédio, que era ocupado em sua maioria por artistas boêmios que tinham ideias subversivas, sendo posteriormente perseguidos, torturados e mortos pelos militares. O único companheiro delas era Atanagildo Pereira, filho do zelador. O trio cresceu junto e ficou bastante íntimo.

Passaram-se muitos anos e agora eles eram jovens, na faixa dos vinte anos. O rapaz começou a nutrir sentimentos pela sua vizinha, mas tinha medo de criar uma situação desconfortável e perder a amizade da moça. Sua timidez também impedia que ele se relacionasse com outras garotas na escola, fazendo com que ele se tornasse cada vez mais introvertido. Além disso, só tinha olhos para Otília, com quem tinha uma amizade muito forte. Não estudavam na mesma escola, por divergências religiosas por parte dos pais, já que uma instituição era metodista e a outra era católica. Compensavam essa ausência conversando entre si sempre que podiam.

Certo dia a garota lhe confessou que estava interessada em um rapaz que estudava com ela. Ele ficou normal diante dela, embora estivesse todo quebrado por dentro. Obviamente ele não lidou bem com aquela situação e começou a ficar cada vez mais recluso, sentindo-se rejeitado. Ela não entendeu nada, ficou triste e terminou sendo consolada por Atanagildo, com quem acabou namorando.

Isidoro ficou bastante chateado com aquilo tudo e cortou relações com os dois, durante muito tempo. Era uma raiva que ele não conseguia explicar, um orgulho ferido que não tinha a menor intenção de cicatrizar, pelo menos não tão cedo. Enfiou a cabeça nos estudos e entrou para a faculdade de engenharia, sem deixar de acompanhar de longe o progresso de Otília, que sempre esteve em seus pensamentos. Ela resolveu fazer Letras, queria muito ser professora como sua mãe.

Ele se envolveu com várias mulheres, mas nunca se casou, pois nenhuma se comparava ao seu primeiro e único amor. O relacionamento físico ia bem, mas não suportava a convivência diária. Não sentia nada em comum, se sentia avulso, deslocado, por mais que tentasse. Nunca conseguiu superar a ausência da moça que se casou, indo morar longe dele e do seu primeiro ex, que agora assumia a vaga do pai como faxineiro do prédio.

Atanagildo, que nunca foi muito de estudar, se resignou a seguir o caminho de seu antecessor, por puro comodismo. Não tinha grandes aspirações, ali ele recebia um salário fixo, dormia em um anexo no térreo e ainda tinha facilidade de contato com as diaristas. Estava feito.

O tempo foi passando e Isidoro acabou ficando com o apartamento, depois que os seus pais faleceram. O zelador então se reaproximou de seu amigo nesse momento fúnebre.

— Você sempre tem essa tática, né? Ganhar o coração das pessoas quando elas estão tristes, vulneráveis. — disse o inquilino enquanto era abraçado.

— Simplesmente acho que isso não se nega a ninguém. E eu estou sempre pronto a oferecer.

— Isso é muito humano da sua parte. Por isso não dá para ficar com raiva de você.

— É, mas por conta desse seu faniquito, acabou perdendo alguém que significava bastante para você.

— Ela e você também, né?

— Você nunca me perdeu. Eu estava só esperando você ficar pronto para voltar.

— Não é à toa que ela preferiu ficar com você do que comigo.

— Você gostava dela?

— Não sabia? Achei que estava implícito.

— Cara, se você não falar as coisas, ninguém vai adivinhar. Você precisa parar de achar que as pessoas leem a sua mente.

Nesse momento Isidoro percebeu o quanto esteve equivocado por todos aqueles anos. Já estava velho e não tinha se declarado para a única mulher que ele tinha realmente amado em toda a sua vida. Sentou se na poltrona que ficava na sala, perto da janela e ficou observando aquele ambiente vazio por várias horas, até a escuridão tomar conta de tudo.

Decidiu adotar um cachorro, um basset hound chamado Salim para ter uma companhia quando não estivesse lendo livros ou vendo filmes e séries na televisão. Aceitou seu estilo de vida solitário, que acabou se tornando estranhamente confortável para ele. Fazia também algumas atividades com Atanagildo, que aderiu ao estilo de vida sem relacionamento fixo, onde segundo ele havia mais liberdade.

Estava indo tudo seguindo uma relativa paz quando um rosto familiar retornou, após a morte do marido. Otilia e sua

gata angorá Matilde voltaram para o apartamento que era dela e estava vazio há bastante tempo, desde que os pais dela se separaram. Não quiseram vender porque haviam decidido que era herança da filha e ela faria o que quisesse com ele. A moça pensou várias vezes em se desfazer do imóvel, mas sempre arrumava uma desculpa para ir adiando. Agora estava de volta, mais amarga e cínica, sem a mínima vontade de socializar.

Isidoro sabia que teria um grande caminho a percorrer para reconquistar o carinho de alguém que ele havia deliberadamente abandonado sem motivo aparente. Inicialmente pensou em mandar seus pêsames através do faxineiro, mas depois decidiu ir pessoalmente. Tocou a campainha e ela não atendeu. Talvez não estivesse em casa, embora Atanagildo tivesse garantido que a viúva não saiu. Decidido a não perder a viagem ele gritou no corredor:

— Sinto muito pela morte do seu marido! E sinto mais ainda por ter me afastado de você, tá bom? Você é a única mulher que eu amei na vida e eu sinto demais a sua falta!

O silêncio permaneceu no local. Alguns curiosos observaram a cena pelo olho mágico, mas não tiveram coragem de sair e lhe dar um abraço após aquele momento claramente constrangedor. O velho estava triste, mas aliviado pois não sabia como ela reagiria. Poderia lhe bater ou lhe dar um beijo. Foi preparado para as duas reações e não teve nenhuma. Foi ruim, mas sinceramente não tinha certeza se sobreviveria ao tapa.

Naquele dia ele foi para casa com um sentimento agridoce em seu coração.

Nos dias seguintes começou a deixar pequeninos vasos de flores na porta, na expectativa de pelo menos amolecer um pouquinho o coração dela e ao mesmo tempo se redimir dos erros cometidos no passado. Otília por sua vez ficou com raiva e jogou todos aqueles vasos no lixo, embora a sua vontade fosse de atirar todos eles na porta do seu vizinho de baixo. Não precisava de consolo, carinho ou bajulação. Só queria ser deixada em paz com sua gata sem ser importunada até o fim dos seus dias.

Isidoro se sentiu pessoalmente responsável por ela ter se transformado numa pessoa tão fechada, pois o seu afastamento fez com que ela perdesse alguém que poderia estar lhe fazendo companhia agora, ajudando nesse momento difícil. Sua atitude não foi só imatura. Foi covarde e egoísta também. Ele demorou a compreender como aquele ato tinha se mostrado tão nocivo a longo prazo. Ela precisava de desculpas genuínas, não de simples gestos de carinho.

Otília precisava saber que ele tinha noção do tamanho do estrago que o seu afastamento havia causado em sua vida. E assim ele fez. Sentou-se numa mesa, pegou lápis, papel e derramou todos os seus sentimentos numa carta que seria sua derradeira alternativa para derrubar aquela muralha entre eles que Isidoro inadvertidamente havia construído. Pediu ao zelador para entregar à sua vizinha em mãos e se certificar de que ela

havia lido. Muitos dias se passaram. Ele estava a ponto de perder as esperanças quando de repente a campainha tocou. Quando abriu a porta tomou um soco no estômago de Otacília que chorando lhe disse:

— Porque você demorou tanto tempo para fazer isso?

— Você precisa me dar um desconto. Eu sou homem, poxa.

— disse o velho gemendo com a mão na barriga.

Ela lhe deu um beijo na testa e perguntou:

— Não vai me convidar para entrar?

— Depende, você vai me bater mais?

— Só se você merecer. — respondeu ela sorrindo.

Finalmente depois de tantos anos eles se abraçaram.

— Você não faz ideia da falta que fez em minha vida.

— Faço minhas as suas palavras.

A partir daquele momento eles nunca mais se separaram. Ficavam namorando e alternando os apartamentos, pois nenhum dos dois quis se desfazer do próprio imóvel. Além disso, sentiam mais liberdade para conviver com as suas próprias manias e excentricidades sem o risco de gerar algum tipo de desavenças, afinal de contas a última coisa que eles queriam naquela altura da vida era brigar e recomeçar tudo de novo.



Apartamento 104: Improváveis, mas complementares

Gilson Salomão Pessoa

No coração da cidade de Calvinópolis erguia-se o Edifício Solaris, testemunha silenciosa do passar dos anos. Inicialmente uma mansão, viu-se transformado em apartamentos ao longo do século. Cada quarto esconde uma história única.

Na década de 1920, era o lar de uma socialite vibrante, palco de festas glamorosas. Durante a Segunda Guerra Mundial, tornou-se um refúgio para famílias em busca de segurança. Nos

Antologia Edifício Solaris
anos 70, abrigava artistas boêmios, deixando marcas coloridas nas paredes.

Hoje, com uma fachada restaurada, é uma mistura eclética de inquilinos. O zelador, Sr. Pereira, é o único que viu todas as eras do edifício, guardando segredos nas fundações e sussurros de histórias passadas nas vigas. O edifício, um testemunho vivo do tempo, continua a escrever suas histórias em cada traço de sua arquitetura.

Edgar terminou a sua mudança para o referido prédio numa tarde de sábado. O lugar era pequeno, mas confortável. Tinha pouca bagagem. Quarto e sala, com um banheiro e uma cozinha diminuta. Alguns móveis, TV e o computador. Na verdade, ele não se importava com nada daquilo, só queria deitar em sua cama e temporariamente esquecer a própria existência.

Não conseguia esquecer o seu recente divórcio, por conta de sua constante depressão e os remédios receitados pelo seu neurologista que inadvertidamente lhe causaram uma espécie de castração química. Não conseguia pensar em nada que levantasse o seu espírito. Só queria ficar um tempo deitado e esvaziar a própria mente.

Formado em Letras, dava aulas em uma pequena escola municipal, mas estava de licença médica. O celular tocou. Era Raul, professor de Geografia na mesma escola. Deixou tocar, não tinha ânimo para atender. Só conseguia pensar na ex-mulher e os bons momentos que agora estavam presos no passado e

nunca mais retornariam. Estava sem chão, sem ânimo para comer, beber ou tomar banho. Tinha perdido a noção do tempo quando a campainha tocou. Achou estranho porque ainda não tinha passado o seu novo endereço para ninguém, mas mesmo assim resolveu abrir a porta.

Do lado de fora estava uma linda mulher de olhos verdes, uma peruca ruiva comprida e lisa, corpo bem definido, coxas torneadas e seios fartos. Era um pouco menor que ele.

— Boa noite! Me chamo Krystal. — disse ela estendendo a mão. — Eu sou sua vizinha e trabalho como garota de programa. Percebi que você se mudou recentemente e achei justo te informar que de vez em quando o trânsito fica meio movimentado nesse corredor, por razões óbvias, né?

Ele sorriu e ele repetiu o gesto, meio sem graça.

— De vez em quando o bicho pega e as coisas ficam meio barulhentas, espero que você não se incomode.

— Eu sinceramente não sei como responder a essa afirmação.

— Eu compenso você pelo incômodo. — disse ela piscando para ele de forma insinuante.

— Eu estou ficando realmente desconfortável com essa conversa. Não se incomode comigo. Está tudo bem.

Fechou a porta enquanto se perguntava se aquela conversa tinha realmente acontecido. Deitou-se no sofá e ficou olhando o

vazio por alguns minutos até a campainha tocar novamente. Era a mesma garota, agora com cabelo curto azul-celeste.

— Me desculpe, acho que passei a impressão errada.

— Não tem problema. Não prestei atenção.

— Tem problema sim, porque eu não sou daquele jeito. Eu me apresentei meio que no piloto automático. Era um personagem, por assim dizer. Não quero que você pense que a sua vizinha é um tipo de piranha vagabunda.

— Acredite, moça. Eu não estava pensando nada. Nada mesmo.

— Meu verdadeiro nome é Kátia. Kátia Flores.

— Edgar Paranhos.

— Eu sou garota de programa, acho que você já percebeu.

— Sim.

— E você?

— Eu estou afastado pelo INSS. Depressão. Sou professor.

— Ah, ok — disse ela sem saber o que responder. Foi indo embora e antes de entrar em seu apartamento disse: — se precisar de alguma coisa é só me falar. O pessoal aqui nesse andar tem preconceito e não conversa comigo. Na verdade, sou bastante solitária. Entrou com a cabeça baixa e fechou a porta, deixando o corredor do andar com um silêncio bastante constrangedor. Ele entrou em sua casa, sentou-se no sofá e

depois de um tempo escreveu um bilhete que deslizou por debaixo da porta da moça.

No dia seguinte Kátia percebeu um pedaço de papel no chão enquanto tomava café. Seu gato Tobias brincava com ele, por isso estava um pouco rasgado. Já ia jogar no lixo quando percebeu que algo estava escrito nele:

“Bom dia. Gostei de conhecer você. Sou tímido. Estou passando por uma fase ruim e não gosto de ficar sozinho. Fique à vontade para me visitar quando quiser. Att Edgar”

Assim que terminou de ler, ela sorriu, mudou de roupa e foi convidar seu vizinho para tomar um café. Este tinha dormido cedo pois estava desanimado demais para fazer qualquer coisa. A amizade entre eles pode fluir naturalmente, já que nenhum deles cogitava sexo ou relacionamento. Assistiam a filmes e faziam refeições juntos. A união se revelou saudável para ambos e embora tudo parecesse bem, o professor começou a ficar incomodado com a ocupação da moça. Não era ciúmes nem machismo. Ele ficava chateado porque achava que ela tinha potencial para fazer algo mais especial, seguindo a sua linha de raciocínio. Tinha medo dela se ofender e se afastar dele, por isso aguentou tanto o quanto pode. Estavam sentados em seu sofá um dia quando finalmente ele disse:

— Estava querendo te perguntar uma coisa, mas tenho medo de te chatear.

— Engraçado, estava querendo te perguntar algo também.

— E agora? Quem pergunta primeiro?

— Sei lá. Tanto faz. Pode começar.

— Você gosta do seu emprego?

— Caraca, era exatamente o que eu ia te perguntar! Tinha medo que você se ofendesse! Demorei um tempão para tomar coragem.

— Que loucura! Eu também!

Ambos ficaram um tempo em silêncio. Na verdade, nunca tinham parado para refletir. Ela gostava de sexo e não via problema em ganhar dinheiro com isso, mas a bem da verdade já estava ficando cansada de tantos clientes escrotos que a tratavam como lixo. Raramente acabava pegando algum menos asqueroso. Além disso no fundo ela tinha vontade de formar uma família, trabalhando como atriz ou cantora numa casa de shows. Os anos foram passando e ela se acomodou, pois tinha a vantagem de fazer os próprios horários e cobrar o quanto quisesse. Mais quais seriam realmente suas opções? Será que ela tinha alguma? Não se sentia capacitada para mais nada além daquilo e ficou muito triste quando percebeu isso. Levantou-se e foi embora chorando sem dizer nada.

Edgar se sentiu péssimo porque achou que não tinha o direito de perguntar algo tão pessoal. Cada lágrima dela doeu como um espinho perfurando a sua alma. Sentiu seu corpo franzino se tornar ainda mais insignificante. Foi então que ele percebeu o tamanho do carinho que sentia por Kátia. Não sabia

dizer se era amizade ou amor. Só sabia que a queria em sua vida, dividindo opiniões, choros e risadas. Tinha vontade de colocá-la em seu colo e protegê-la de todos os males do mundo, beijando a sua testa e embalando o seu sono.

O castramento químico permitiu que ele a enxergasse além dos arquétipos sociais e isso eliminou a óbvia atração física que provavelmente acabaria nublando o seu julgamento. Por fim refletiu sobre o que ela ia lhe perguntar. O trabalho de professor era realmente satisfatório para ele? Seu psiquiatra tinha dito sobre o seu sentimento de inadequação ao contexto em que se encontrava.

Filho único, teve uma infância solitária, já que sua timidez sempre impediu que ele tivesse muitos amigos. Cresceu lendo livros e com eles construiu o seu universo. Conheceu a sua primeira e única namorada (que mais tarde se tornaria sua esposa) na faculdade. De certa forma tinha colocado a sua vida no piloto automático, aceitando as dificuldades, sem paixões nem experiências que lhe trouxessem uma nova perspectiva. Nunca tinha tomado nem um gole de cerveja, fumado um cigarro, andado de bicicleta em alta velocidade ou nadado em cachoeira. Sua vida até então fora seca e insossa. Nunca correu nenhum risco e isso o frustrava profundamente, só não tinha percebido isso até aquele momento.

Decidiu então tomar a atitude mais arriscada que podia conceber: abandonou todos os ansiolíticos que estava tomando e foi bater à porta de sua vizinha, a fim de expor toda a sua

vulnerabilidade e seus sentimentos por ela. A princípio estava bastante confiante, depois ficou um pouco apreensivo, mas não recuou. Marchou em direção à porta da moça, tocou a campainha, mas ninguém atendeu.

Os dias se passaram e ele não a viu mais. Seus clientes deixaram de aparecer também, o que era bastante estranho. Estaria ela procurando emprego? Isso seria bacana. Sentiu-se um pouco responsável por essa possibilidade e ficou um pouco excitado ao pensar que sua opinião importava tanto para ela. Certamente ela já tinha considerado isso antes, mas por que agora era diferente? Por causa dele? Será que a afetividade era mútua? Sentiu então um princípio de ereção em sua cueca. Mas aí ele viu que precisava mudar também, era uma rua de mão dupla, não adianta se somente uma das partes caminhar nesse sentido.

Tomou remédios para incrementar a sua testosterona, começou a fazer caminhadas e exercícios. Sentia-se renovado graças a uma pessoa que conhecia muito pouco, mas isso não fazia diferença. Ela fez com que ele percebesse que poderia ser uma pessoa melhor, se tivesse disciplina, esforço e dedicação. Aquela mulher, apenas com a sua simpatia e humildade, tinha lhe dado o melhor tratamento para o seu problema. Estava curado, mas não queria voltar a dar aulas. Começou a fazer um curso de gastronomia e descobriu o seu dom. Progressivamente foi evoluindo até se tornar o chef de um restaurante famoso. Estava feliz, tinha começado a namorar uma garçonete, mas

nunca tinha se esquecido da sua musa inspiradora, que subitamente tinha desaparecido de sua vida.

Certo dia estava em sua rotina feliz quando a viu entrar em seu restaurante, acompanhada de um homem distinto com um bebê no colo. Foi então que ele percebeu o que havia acontecido. Na noite de sua epifania, Kátia foi chorando para o bar e lá encontrou um milionário. Começou a namorar e eventualmente se casaram. Edgar sentiu um soco no peito que fez com que ele soltasse a concha que estava segurando. Na verdade, não existe uma fórmula matemática para resolver os problemas. Algumas pessoas alcançam o bem-estar pelo esforço, outras simplesmente acham um atalho. De uma maneira ou de outra, ela o tinha dado exatamente o que precisava. Caprichou no prato daquela mesa e disse à sua namorada, que se chamava Nina e era sua vizinha no andar de cima:

— Esse pedido é por minha conta.

— Porquê?

— Mais tarde eu te explico. É uma longa e estranha história
— respondeu ele com um sorriso no canto da boca.



Gisele Starck, 43 anos, casada com Jones Carvalho e mãe de quatro filhos da sua alma e coração. Escritora há mais de 20 anos, começou a escrever poesias e romances quando ainda era adolescente e retornou com força total quando completou 18 anos e assim fez da escrita sua maior paixão. Ao longo desses anos seu forte sempre foi romance e escreveu 64 livros, sendo 8 suspense e 56 romances. Lançando seu primeiro livro físico em 2017, “A Fazenda” (romance), “Reformando Vidas” (romance), “Manipulando seus Pecados” (suspense), “Desvendando seus Pecados” (suspense), “Liberte-me dos Pecados” (suspense), “Apocalipse dos Pecados” (suspense), “Despertar da Alma... Criando Conexões” (romance) e “Dança é Vida” (romance) e Um culpado entre nós (suspense). Já participou de várias antologias em Editoras diversas e algumas na Editora Panóplia. Também é membro oficial na AILB (Academia Internacial de Literatura Brasileira) e membro convidada pela FLAL 2025.



Apartamento 201: Conhecendo meus poderes

Gisele Starck

Era apenas mais um dia pacato como qualquer outro que antecedia meu aniversário, “assim eu pensava quando acordei”. Para minha surpresa meu pai falou que aquele seria meu último dia naquele lugar e que me mandaria para morar com a minha avó em uma cidade pequena e isolada, mas que também não queria me contar onde era. Falou que ia deixar o apartamento alugado para uma prima nossa e que ia viajar, mas para fora do país. Estava cheio de mistérios e eu além de adorar solucionar um mistério, não gostava de ficar sem saber o que realmente

acontecia. Será que ele descobriu que eu andava passeando pelos andares de cima? Ele sempre me proibiu de ir lá, mas eu não me dou muito bem com regras, e nunca deixo ele saber disso fazendo tudo as escondidas. Quando ele sai para o trabalho, eu vou para a escola e ele mal sabe o que fico fazendo e acredita que sou uma menina que fica trancada lendo dentro de casa. Bom, eu era assim até pouco tempo e amo ler. Só que já tem um tempo que venho tendo uns sonhos esquisitos que mais parecem recados e que também me guiam. Foi assim que aconteceu comigo na primeira vez em que sonhava com o prédio e que eu andava pelos corredores e via bruxas, demônios, fantasmas e tudo que geralmente só via em filmes, ou que imaginava nos livros de fantasia que gostava de ler. Só sei dizer que eu andava meio que flutuando, pois não sentia o chão sobre os meus pés e não sei como explicar... Eu quando acordei estava dentro do apartamento de uma mulher que tinha um gato preto e tudo ali era decorado com muita cor e cheio de artesanato para todos os lados. Ela estava distraída tocando piano e seu gato olhou em minha direção e me encarou, eu nervosa, tentei sair dali e atravessei o sofá e pude perceber que não estava ali em carne e osso. Atravessei as paredes e vi um cigano alto, forte e muito bonito e ele pareceu sentir minha presença assim como o gato e segui passando por outra parede e vi uma mulher loira e senti algo pesado ao olhar para ela acordando em seguida após cair andar por andar até cair em minha cama e rolar no chão em seguida. Toquei meu corpo e a cama para ver se ainda era um sonho. Fiquei com aquilo na

cabeça por uns dias, até ver a mulher que vi em meu sonho chegar no prédio com umas sacolas e me ofereci para ajudar e ela muito simpática aceitou e subimos com ela me elogiando de como eu era bonita e simpática. Quando descemos no andar dela, senti um leve arrepio, pois era exatamente o sétimo andar em que estive e quando ela me convidou para entrar, até prendi o ar e lá estava o gato preto dela pulando em seu colo e me olhando. Geralmente me dou bem com gatos, mas tive medo dele, que foi algo bem passageiro, pois ele pulou em meu colo e me fez carinho com sua cabeça. A vizinha simpática sorriu e disse que ele não era de ir com qualquer um, mas que naquela semana estava assim comigo e com seu vizinho cigano. Essa era mais uma prova de que meu sonho havia sido mais real do que eu imaginava. Fiquei mais um pouco e aceitei um suco e descí após ela me dar uma vela de presente que ela tinha feito e me convidou para voltar quando quisesse.

Naquela semana voltei a sonhar e dessa vez estava no quarto andar e fui parar no apartamento de uma mulher que tinha decoração parecida com a de Gio do sétimo andar, mas ela estava sentada olhando fixo para umas fotos e ao seguir para outro apartamento, a vi com outras roupas, agora usava roupa de executiva e era mais séria, assim como seu apartamento, passei para outro apartamento com uma família sentada no sofá assistindo um filme juntos e em seguida entrei no apartamento 404 e senti um arrepio percorrer por minha espinha e caí em minha cama, como da outra vez. No dia seguinte fui falar com o

síndico para saber os nomes dos moradores e também ví alguns deles chegando no prédio e eram exatamente como em meus sonhos. Toda semana eu sonhava com um andar diferente, dos andares pra cima, os demais eu já conhecia. Passei a ir nos andares de cima e subia de elevador para o último andar, ficava um pouco no terraço e depois ia descendo pelas escadas.

Sonhei com o quinto andar e uma senhora flutuava como eu e tentou me chamar para um dos apartamentos e eu fugi para o andar de cima e ela parou nas escadas e me pediu para não entrar no sexto andar, pois era muito perigoso. Claro que não obedeci, era um sonho e geralmente não conseguimos controlar o que vamos fazer. Passei por duas mulheres que estavam abraçadas e em sua sala e dei de cara com uma bruxa e ela me olhou bem nos olhos dizendo para eu correr dali e antes que eu caísse, como nos outros sonhos, vi um homem de chifres colocar um chapéu antes de seguir para o elevador. Ele estava de costas, mas percebi ela girar lentamente em minha direção, mas entre nós, apareceu a tal bruxa e não vi mais nada. Apenas senti meu corpo descer ainda mais rápido que das outras vezes e em vez de cair em minha cama, caí no sofá da sala e meu pai apareceu todo descabelado e preocupado.

— Você não tinha ido dormir em seu quarto?

— Tinha sim, mas acho que vim para cá sozinha, como quando era criança.

Foi aí que meu pai me chamou em seu quarto e me deu duas caixas, uma grande e outra pequena.

— Abra a maior primeiro e quando estiver pronta, eu volto, mas não abra a pequena ainda.

Mesmo tentada a abrir primeiro a pequena, abri primeiro a grande e retirei da caixa um vestido preto lindo, um chapéu e uma varinha. Ainda havia alguns vidrinhos e livros de encanto. Eu fiquei maravilhada com meus presentes e estranhei ele me dar aquilo, mas vesti sem questionar e animada chamei por ele e o vi entrar usando uma capa e usava roupa preta.

— Onde estava sua roupa?

Ele não respondeu, apenas estalou os dedos e trocou de roupa na minha frente e eu dei um passo atrás assustada. Seria mais um sonho? Bom, se fosse, pela manhã ia procurar pelas roupas em seu quarto e no quarto do pai.

— Somos bruxos filha... Agora pode abrir a outra caixa.

Eu fiquei sem fala, coisa que era basicamente impossível, mas lá estava eu abrindo outra caixa e meu pai pegando minha varinha fez aparecer dentro dela um livro com fotos de nossa família e a quantas gerações éramos bruxos. Com tanta informação eu desmaiei e apaguei.

O sol batia forte em meu quarto e meu pai entrava todo animado me dando parabéns e contando que teríamos que ir embora o quanto antes. Eu via tudo se repetir e ele me contar

que não voltaria mais ali e no automático levantei e sentei para tomar o café da manhã que ele me trazia em uma bandeja. Após tomar o café com ele, o via preparando as nossas malas e o ajudei seguindo para a sala depois que troquei de roupa. Seguimos para o carro e eu até pensei em me despedir de alguns moradores e do zelador, mas meu pai falou que me contaria no caminho e que tínhamos pouco tempo. Assim que entrei no carro, vi as caixas que ganhei dele de presente e o olhei e ele apenas sorriu e piscou um olho, enquanto me ajudava a colocar o cinto de segurança.

— Não foi sonho filha, tudo o que vem vendo e fazendo, foi você e seus poderes e por isso que estamos saindo daqui o quanto antes.

— É por causa do pessoal do prédio?

— Sim, aqui antes era um lugar seguro e nossa família já morava aqui a anos, mas como que atraídos, tudo de ruim começou a chegar aqui e temo por quererem usar você para o que está por vir. Por isso temos que nos separar por enquanto, você é uma bruxa e vai aprender tudo com minha mãe num lugar bem longe daqui. Vou seguir por caminho diferente do seu e vou te deixar com um amigo, suas roupas vou levar comigo e vai levar com você somente o que te dei para poder despistar quem você viu nesses últimos dias.

— Eu vi que tipo de gente?

— Bruxa que não é da nossa linhagem, mas que mais pra frente vocês vão se encontrar. Ela te colocou um feitiço de invisibilidade para o demônio não te ver e por isso não podemos mais ficar por lá, ele sabe o quanto você é poderosa, mas tem que aprender a controlar.

— Por que somente agora me contou? Sempre pensei que a gente podia contar tudo um para o outro.

— Seus poderes agora que vão aflorar minha querida. — Ele falava e ia parando o carro em um prédio e fez sinal para eu descer e me apresentar um amigo — Esse é o Bento, ele é amigo da sua avó e vai cuidar de você.

Me vi entrando em um banheiro para me trocar e colocar chapéu de palha e uma peruca loira de tranças e minha roupa nova era calça jeans surrada e camisa quadriculada. Retornei para perto deles e abracei meu pai antes de entrar no carro.

— Vamos ficar longe por enquanto meu amorzinho, mas quando sua avó disser que podemos, vamos nos falar pelo espelho dela.

— Você vai se amarrar quando puder usar o espelho! — comentou Bento animado.

— Você também é bruxo?

— Não, sou fiel ajudante de sua avó, ela é minha família desde que fui abandonado. Mas sei tudo do que são capazes.

— Não poderia deixar você com pessoa melhor filha.

Eu me despedi do meu pai e o vi seguir para dentro do prédio e Bento me contou no caminho que ele ia fingir por uns dois dias que estavam por ali, deixando suas coisas e que ia embora as deixando naquele novo apartamento. Durante a viagem, eu fiquei quieta com meus pensamentos e tentando entender se era mais um sonho. Não tinha contato com minha avó e pensava que ela estava morta desde que era criança, lembro vagamente de ter uma avó agora que puxava por minha memória. Mas quando cheguei ao sítio de minha avó, foi como se uma porta abrisse mostrando tudo que eu havia esquecido na minha infância. Eu me lembrei que vivi ali até meus quatro anos e que eu conseguia fazer as coisas flutuarem.

— Uau! Eu sempre fui uma bruxa!



Apartamento 202: A viagem dos Pelicanos

Gilson Salomão Pessoa

O apartamento 202 do Edifício Solaris era a sede do encontro mensal da Confraria dos Pelicanos, um grupo de amigos desde os tempos de faculdade. O nome surgiu em função do perfil da ave em questão, sempre solitária e malvista por onde passa. Lá eles se sentiam à vontade para desabafar sobre os seus problemas e beber bastante, além de jogar baralho e jogos de tabuleiro. O grupo era formado pelo dono do apê e bancário Alexandre que nunca tinha sucesso com

mulheres, o veterinário Cassiano preso num casamento sem amor, o mulherengo DJ Michel e Astolfo, um professor de escola estadual e pai de gêmeos, constantemente sonolento e cansado por motivos óbvios.

— Essas reuniões são o ponto alto do mês para mim. — disse o anfitrião enquanto sacudia um dado em sua mão. — deixam minha vida mais suportável.

— Odeio admitir isso, mas é o único lugar onde me sinto realmente em casa. — concordou Cassiano.

— Eu adoro vocês, mas sempre achei que seria melhor se tivesse mulheres. Essa festa de cuecas é deprimente, desculpa falar. — afirmou Michel

Os três olharam para o professor que não se pronunciou porque estava apagado no sofá. Eles concluíram que aquele deveria ser o único momento em que ele se sentia verdadeiramente relaxado para descansar e por isso não o incomodavam.

— Esse não é o propósito dessas reuniões e mesmo se fosse, garanto a vocês que ainda arrumaria um jeito de terminar a noite na seca como sempre.

— Você precisa sair mais comigo, vou te levar nuns lugares bacanas.

Eu não tenho o que reclamar em relação a mulheres. Eu amo a minha esposa, mas ela não me deixa fazer as coisas que

eu realmente gosto. Fui cedendo tanto sem perceber que hoje sinto que me tornei uma sombra de quem eu realmente era.

— Porque você não se divorcia dela?

— Sei lá, acho que é porque não vou achar ninguém melhor.

— Quem disse?

— Sei lá, eu demorei tanto a achar alguém que me suporte. Eu sei que sou uma pessoa difícil. Eu a amo por suportar a minha convivência.

— Cara, isso é muito triste.

Os três ficaram em silêncio por bastante tempo. O veterinário quebrou o silêncio:

— Olha, ela não é uma pessoa ruim.

— Ninguém disse isso.

— Mas eu sinto que dei essa impressão.

— Gente, vamos mudar de assunto? — disse Alexandre claramente incomodado com toda aquela situação. — Ele desabafou e agora vamos seguir em frente.

— Esse é exatamente o problema. — disse Michel. — todo mundo vem aqui, chora as pitangas e segue em frente. A gente precisa fazer alguma coisa a respeito. Não podemos ficar só nessa terapia paliativa para superar a existência. A gente precisa viver! Viver de verdade! Fazer isso uma vez só não vai matar ninguém. A gente precisa dessa catarse. Vocês são praticamente

a minha família. Pegar mulher é bom, mas é bastante solitário também, podem acreditar. Acho que por isso me interessei tanto nessa declaração do Cassiano. Desculpe se fui invasivo.

— Não, eu gostei de comentar sobre isso. Não se preocupe. Fui eu que comecei, afinal de contas.

— Acho que a gente precisa arrumar uma maneira de estender esse nosso contato. Estamos precisando de uma espécie de intensivão, onde todos tenham a oportunidade de se ajudar para sair desse marasmo emocional em que estamos. — refletiu Alexandre.

— O que você está propondo? Uma viagem? Para onde a gente iria? — perguntou Michel.

— Uma viagem seria legal. A gente podia acampar, pescar... — disse Cassiano.

— Eu gosto de pescar, mas a gente precisa incrementar a nossa sociabilidade. Não a minha, mas a de vocês. — rebateu o DJ

— Vamos pesquisar um festival em uma cidade aqui perto. Alguns dias com muita festa e bebidas. A gente está precisando de algo assim, não é?

— Agora você está pegando o espírito da coisa! Vamos sair dessa zona de conforto, pessoal!

Resolveram então ir para a Festa da Cachaça em Abreus. Cada um fez a sua própria programação, conseguindo folgas no

trabalho e fazendo reservas na pousada da cidade. Partiram no Gol vermelho de Alexandre que montou até uma playlist para animar o pessoal. A viagem durou algumas horas e eles tiveram bastante tempo para conversar no carro. Michel aproveitou para dar umas dicas de pegação para o amigo bancário:

— Cara, posso te falar uma coisa? Por favor não se ofenda.

— Pode falar, você é irmão.

— É sobre a sua abordagem com a mulherada.

— O que tem ela?

— Você tem que ser mais desapegado. Elas sentem a sua carência de longe, não curtem.

— Eu sou romântico, qual o problema?

— Romântico não, é desesperado mesmo.

— Isso realmente é um choque para mim.

— Me desculpe por ser tão direto. Já devia ter conversado isso contigo antes.

— Tranquilo, sem problemas.

Alexandre aproveitou para mudar de assunto e perguntou a Cassiano:

— E você, quais os planos para a nossa viagem?

— Não sei, vou aproveitar esse tempo longe da patroa para curtir, pensar na vida, sei lá. Estou indo mais pela farra mesmo, sem expectativas.

Astolfo dormia um sono pesado com a cabeça apoiada na janela. Era o único que dispensava quaisquer explicações sobre eventuais motivações para aquela viagem.

Depois de um tempo acabaram chegando ao seu destino. Se instalaram na Pousada e saíram para ver as atrações da cidade. O professor estava desperto, como se tivesse recobrado as suas energias, ansioso para retomar o tempo perdido. A típica cidade do interior mineiro ganhou o coração dos turistas sem fazer esforço. Os estandes estavam começando a ser montados, assim como o palco onde aconteceria o show da banda Pedra Leticia à noite. O olhar curioso dos pelicanos chamou a atenção de uma moça que obviamente percebeu que eram de fora e os convidou para tomar um café em sua padaria. Mia era o seu nome. Alexandre ficou encantado pela moça e já estava se adiantando quando foi interrompido pelo DJ que sussurrou no seu ouvido:

— Pega leve. Lembra do que eu te falei. Sem ansiedade.

O bancário respirou fundo e manteve a conversa despreocupado. Astolfo estava incrivelmente animado e já foi perguntando sobre as melhores cachaças para beber na região. A moça respondeu que havia uma marca famosa chamada Brisa, nas opções Caipibrisa e Maracujá. O professor quis logo começar

a beber, enquanto os outros três resolveram deixar para mais tarde. Ficaram sabendo de uma cachoeira muito bonita ali perto e foram tomar um banho para relaxar da viagem. Cassiano respirou fundo e sentiu um estranho alívio percorrendo por todo o seu corpo que fez com que ele gargalhasse alto sem motivo aparente.

— Deveríamos ter feito isso há mais tempo. — disse o veterinário com um sorriso de satisfação estampado em seu rosto.

— É curioso como ficamos presos aos nossos hábitos a ponto de não percebermos a gaiola invisível que cresce ao redor da gente.

— Nem bebeu e já está filosofando, Alex? — perguntou Michel em tom de brincadeira.

— Está tudo indo tão bem que estou prevendo que em algum momento essa viagem vai dar merda. — profetizou Cassiano.

— Porque você diz isso?

— Está tudo calmo demais. Parece filme de terror barato.

— Você é neurótico. Acho que você sente falta do stress.

— Eu estou estranhamente relaxado, para dizer a verdade. Acho que nunca me senti assim na minha vida.

— O céu está azul, a pousada é ótima, só aproveita. Não pense no que virá. Só aproveite o momento.

O veterinário respirou fundo, olhou a água cristalina e só absorveu o instante. Depois de retornarem e almoçarem é que deram conta do sumiço do professor. Todos pensaram no que foi profetizado anteriormente, mas ninguém disse nada. Provavelmente estava bêbado e caído em algum lugar.

Quando escureceu eles começaram a beber. A multidão se formou na praça e a festa começou. Cassiano foi atrás do professor e o DJ se perdeu despreocupado no meio da galera. Alexandre completamente sem jeito resolver se sentar em um dos bancos da praça que estavam vazios. Nem percebeu quando Mia se sentou ao seu lado, mas sentiu uma descarga de ternura quando ela encostou a cabeça em seu ombro, já um pouco embriagada. Ela disse que por algum motivo se sentia bem ao lado dele. Uma espécie de calma reconfortante emanava do banqueiro, segundo ela. Ele resolveu seguir o que foi conversado na cachoeira e só curtiu o momento, sentindo a adorável fragrância floral que brotava dela. Fechou os olhos e colocou os braços ao redor da moça. De repente um beijo no rosto, depois na boca. E assim ficaram naturalmente juntinhos até o fim do Festival, sem forçar a barra, espontaneamente. Depois disso trocaram contatos e continuaram se falando, mesmo depois que eles foram embora. Não havia o compromisso de algo mais sério, ele já estava feliz de poder contar com o carinho da moça, mesmo que fosse à distância.

O veterinário achou Astolfo na cadeia por perturbação da ordem. O rapaz festejou de forma tão intensa que tirou a roupa

Antologia Edifício Solaris

e ficou muito louco com o excesso de cachaça. Depois de pagar a fiança foi levado a um posto de saúde onde tomou glicose. De certa forma cada um acabou ganhando exatamente o que pretendia daquela viagem, que foi a primeira de muitas outras.



Apartamento 203 Acompanhada, mas solitária

Gilson Salomão Pessoa

Kátia Flores cresceu ambiciosa, sempre firme com a ideia de que merecia mais do que tinha. Aluna mediana na escola, onde já era popular com o público masculino, sonhava em se tornar uma atriz ou cantora numa casa de shows. Exibicionista por natureza, percebia que estava destinada aos palcos. Após sofrer inúmeras decepções e rejeições nas artes cênicas,

terminou como alvo de um outro tipo de plateia, trabalhando numa casa como stripper.

O ato de tirar a roupa por dinheiro para entreter uma plateia não a deixava triste ou constrangida. Tinha olhos verdes, um corpo bem definido, coxas torneadas e seios fartos. Era um mulherão e sabia disso. Sentia-se empoderada com todos aqueles homens babando ao seu redor, jogando dinheiro e implorando por atenção. Ganhava uma quantia boa e quando eventualmente tornou-se a grande atração do lugar, seu patrão começou a pressioná-la para atender os clientes da casa, fazendo programa em troca de uma comissão que ele embolsava.

Kátia então pediu um tempo para pensar, pois não é algo que faria levemente.

Precisava pesar os prós e contras. Gostava de sexo, mas precisava de trabalhar esse distanciamento emocional que estava relacionado ao ato em si.

A primeira vez não foi agradável, mas ninguém disse que tinha que ser. Era mais estranho do que repulsivo. Transa ruim não era novidade. A vantagem é que não havia frustração, pelo menos da parte dela, pois ela sempre ganhava dinheiro, independente da performance da outra parte interessada. Homens são fáceis de agradar e ela não precisava se importar com o local que era providenciado pelo próprio dono do estabelecimento.

Sua agenda de encontros naturalmente começou a crescer e a inveja das suas colegas começou a afetar o clima do ambiente. Além disso seu patrão começou a exigir tarifas de comissão cada vez mais agressivas, levando a moça a repensar seu futuro naquele estabelecimento. Sabia que seus admiradores a seguiriam onde quer que ela fosse. Só precisava de uma nova localidade. Seu apartamento atual era pequeno demais, com paredes muito finas. Queria algo um pouco mais discreto, que não chamasse tanta atenção.

Estava trabalhando numa despedida de solteiro quando ficou sabendo que a futura esposa do noivo abandonaria o seu antigo apartamento no Edifício Solaris para morar com ele.

Era o número 203. Kátia resolveu então investigar e conversar com a dona para saber se ela estaria interessada em alugar.

Otília obviamente desconhecia o trabalho da moça e na verdade nem queria saber.

Acabou aceitando porque seria uma boa forma de ganhar uma grana em cima de um imóvel que provavelmente ela venderia. A fim de evitar problemas em seu próprio andar, fez um arranjo na Central dos Autônomos, localizada no apartamento 101. Alugou um quarto lá, pois ficou sabendo que eles sempre estavam precisando de completar o orçamento.

Os dias foram passando e ela não conseguia evitar de se sentir solitária, embora nunca estivesse fisicamente sozinha.

Chegou a adotar um gato de rua e o batizou de Tobias, buscando amenizar esse vazio que crescia em seu peito.

Foi então que ela conheceu Dante Lopes, um rapaz que a procurou para um programa, mas ficou encantado pela sua personalidade. Não tinha muito dinheiro, apenas o bastante para

uma hora na companhia da moça. A conexão foi instantânea e fluíu de forma tão especial e magnética que ela quase chorou quando o horário dele chegou ao fim. Além do orgasmo alcançado, gostava da sua companhia e sentiu uma vontade imensa de encostar a cabeça em seu peito, relaxada o bastante para sentir tudo se dissolvendo ao seu redor. Esperava que ele se tornasse um cliente fixo a partir daquele dia, mas isso não aconteceu. Desapareceu sem deixar nenhum tipo de contato, inesquecível e fugaz ao mesmo tempo.

O tempo foi aumentando e a saudade só cresceu. Kátia sentiu a insegurança tomando conta dos seus pensamentos, questionando o que havia feito para afastar o rapaz. Seria uma simples questão de dinheiro? Não cobrava tão caro assim. Podia pelo menos se explicar por uma mensagem no Whatsapp, mas não havia deixado nem o número com ela. O contato que ele usou para falar com ela foi através de uma outra pessoa que havia deletado o seu número porque se casou.

Quando tudo parecia perdido ela percebeu que alguém estava se mudando para o apartamento 104. Foi a sua

oportunidade de começar uma bela amizade, pois tinha percebido que esse tipo de laço não desvanecia com o tempo. O relacionamento platônico com Edgar era tudo o que ela precisava. Não havia julgamentos nem promessas. Somente carinho recíproco e nada mais. Por um momento chegou até mesmo a pensar que aquilo seria o mais próximo que ela chegaria a ter de um relacionamento saudável e isso a deixou um tanto triste, mas resignada ao mesmo tempo.

As conversas com o professor foram gradativamente se tornando cada vez mais profundas e a levaram a refletir sobre o tipo de vida que levava. Pensou em todos os sonhos e expectativas que tinha abafado e subitamente sentiu uma crise de pânico se instalando em sua mente. Sua conduta atendia as suas necessidades a curto prazo e não eram nada além de meios para um fim. Sentiu-se bastante vazia e perdida. Tentou conversar sobre isso com Edgar, mas terminou ficando ainda mais triste. Acabou indo afogar as mágoas no primeiro bar que encontrou e de repente avistou um rosto conhecido: Dante Lopes, agora com roupas de executivo, discutindo negócios com empresários em uma mesa. Apesar de sentir muita raiva dele, percebeu seu coração disparar alucinadamente. Tentou ir embora sem chamar a atenção, mas ele a viu e chamou seu nome. O rapaz foi em sua direção e explicou porque havia desaparecido. Na verdade ele não se sentia merecedor dela e não se sentia a vontade para aceitar o estilo de vida da moça, embora estivesse bastante apaixonado depois do breve

encontro que tiveram juntos. Quando chegou em casa decidiu que faria de tudo para conseguir o suficiente para que ela fosse tratada como uma rainha e não precisasse mais de exercer aquela profissão. Depois daquela eles nunca mais se separaram.



Apartamento 204: Nina e o beco sem saída

Gilson Salomão Pessoa

Nina se mudou no início da primavera, com suas poucas malas. Seguindo um estilo mais minimalista, precisava de muito pouco para se sentir bem. Sua característica mais marcante com certeza é o seu sorriso, que já havia sobrevivido a muitos ataques de raiva. Aconteça o que acontecesse, estava sempre em paz consigo mesma. Quando percebia que ia ficar irritada, respirava fundo e refletia a respeito do sentido de sua raiva, só para depois perceber que não valia a pena. Adepta da filosofia oriental e vegetariana, estava em paz consigo mesma.

Conheceu o professor Raul saindo de uma sessão de cinema. Sentiu que ele era uma pessoa diferente pois tinha se emocionado com o filme. Tentou disfarçar as lágrimas, mas ela tinha visto. Ao perceber que tinha sido flagrado ele negou, com raiva de sua própria vulnerabilidade, mas ela não tinha se importado. Na verdade, ela tinha notado um oásis de

sensibilidade em meio a um deserto de boçalidade e machismo. Encantado pela beleza da moça que tinha reparado nele, convidou-a para um café num bistrô perto dali.

Enquanto saboreavam um cappuccino ela acabou percebendo outras qualidades no rapaz, que era bastante divertido apesar de sua aparência séria.

— O que você faz? Perguntou ele sem rodeios.

— Faço muitas coisas, você precisa ser mais específico.

— Digo, sua ocupação, seu trabalho.

— Eu acabei de me mudar e sou formada em Educação Física. Gostaria de dar aulas de Yoga. E você?

— Sou professor de Geografia.

— Ah, legal.

— Não precisa fingir interesse. Nem eu sei direito porque escolhi me formar nessa faculdade.

— Ué, mas você não gosta do que ensina?

— Sei lá, acho que sim. Nunca fui muito de estudar quando era mais novo e me matriculei na faculdade que teoricamente seria mais fácil de entrar, com pouca concorrência. Depois que estava lá dentro fui me acomodando e pegando gosto.

— Então você gosta da disciplina.

— Eu não odeio. Paga as contas.

— Nossa, que triste. Você tem algum hobby?

— Eu busco prazer nas pequenas coisas. Cortar cubos de queijo minas no café quente, sentir o perfume noturno das damas da noite que crescem embaixo da minha janela, sentir a maciez do edredom revestindo o meu corpo numa noite fria, essas coisas.

— Mas se você não trabalha no que gosta, perde muito tempo útil de vida.

— Eu amo pescar, mas não me rende dinheiro. Em certas coisas é preciso ser pragmático. No seu caso, por exemplo eu te recomendo procurar um estúdio para ensinar. Se você for dar aulas particulares não irá conseguir se sustentar.

Ela ficou calada, pensando; ele ficou na defensiva porque achou que a tinha magoado.

— Desculpe, eu não tive a intenção...

— Não, tudo bem, o que você disse infelizmente faz sentido. Talvez eu seja um pouco sonhadora demais, mas não me arrependo de pensar assim.

— Nem deveria, são pessoas como você que fazem a experiência de viver ser tão incrível.

Ela sorriu, enrubescida por aquele elogio repentino. Trocaram telefones e mantiveram contato desde então. Aos poucos, um foi modificando a consciência do outro. Ela começou a buscar uma ocupação que pagasse as contas enquanto ele foi

em busca de algo que realmente dialogasse com as suas verdadeiras paixões. Sentiam um carinho e conforto mútuo, algo nunca antes vivenciado por ambos.

Um relacionamento amoroso acabou surgindo, mas a convivência cada vez mais intensa com o professor acabou revelando um lado dele que ela desconhecia ou tinha inadvertidamente ignorado até então: o professor, que até então era bastante gentil e divertido foi gradativamente revelando sua personalidade machista, ciumenta e abusiva.

A dificuldade de encontrar um emprego bem remunerado fez com que ela acabasse aceitando a ajuda financeira do mesmo, o que fez com que ela lentamente fosse sugada para um pesadelo da qual não via saída. Sua vida era constantemente vigiada e controlada, celular e internet sempre conferidos e cozinhando para um homem explosivo e truculento. Atingiu então um sério nível de depressão e sua vida entrou no piloto automático. Nada mais importava. Chegou a pensar em se matar, mas não tinha coragem. Quando estava a ponto de perder as esperanças, ele sumiu de repente, sem dar explicação alguma.

Nina sentiu uma mistura de alívio com desnorreamento. O que estava acontecendo? Será que ele simplesmente se cansou e foi embora? E as suas dívidas? As contas chegando e ela sem dinheiro para pagar. Ao mesmo tempo sentia uma imensa liberdade, uma vontade de rir por horas a fio, coisa que há muito

tempo não sentia. Entregou o seu currículo em algumas academias e escolas de natação, mas não obteve resposta.

Um dia estava voltando para casa tão chateada e distraída que quase seguiu andando em frente, em vez de entrar no próprio prédio. Foi surpreendida por uma voz:

— Me desculpe, achei que você subiria comigo e fiquei segurando o portão. Era o solícito Edgar, do apartamento 104.

Foi então que ela se deu conta de seu deslize, e envergonhada deu meia volta:

— Eu que peço desculpas. Estava com a cabeça nas nuvens.

— Eu sei como é, não se preocupe.

— Tanta coisa na cabeça que está difícil aterrissar.

— Se quiser conversar a respeito, eu sou um bom ouvinte.

— Você não precisa dos meus problemas.

— Olha, todo mundo passa por problemas. Eu mesmo estou tentando entender o sumiço de uma mulher que estava começando o relacionamento comigo...

— Não é possível!

— Possível é, porque eu sei que não sou lá grande coisa, mas sumir assim, sem aviso? Bem indelicado da parte dela, não acha?

— Eu estou passando pela mesma coisa!

— Não brinca! Uma mulher te abandonou também? Será que é a mesma?

— Não, meu namorado sumiu.

— Como assim sumiu? Você foi no trabalho dele?

— Eu liguei para a escola. Sumiu. Como se tivesse sido abduzido por alienígenas.

— Que loucura!

— Pois é!

— E que coincidência! Quem poderia imaginar isso!

— A vida é essa caixinha de loucuras previamente arranjadas. A gente muitas vezes acha que está num labirinto, mas, na verdade, o caminho já estava traçado há muito tempo. Eu sei que existe livre arbítrio e tudo mais, mas muitas vezes a gente se encontra nesse excesso de coincidências que nos leva a pensar: será que o acaso realmente existe?

— Realmente faz a gente pensar...

Assim começou uma amizade entre vizinhos que naturalmente progrediu para um relacionamento saudável. Ela acabou trabalhando de garçonete no restaurante onde Edgar trabalha como chef.

Até hoje, quando ocasionalmente bate a insegurança ele bate com a vassoura no teto enquanto ela responde fazendo

Antologia Edifício Solaris
barulho no assoalho, e vice-versa, só para acalmar os nervos um
do outro.



Apartamento 301: Contatos imediatos

Gilson Salomão Pessôa

Astolfo e Joana cresceram fascinados pela ideia de vida extraterrestre. O pensamento de que a Terra seria o único planeta com vida inteligente em toda a vastidão do Universo era inconcebível. Sabiam que todo o conteúdo disponível para análise deveria ser devidamente analisado e filtrado, pois haviam muitos interesseiros que só estavam interessados em obter fama e dinheiro em cima desses relatos. Não acreditavam cegamente em tudo o que ficavam sabendo, mas tinham a convicção de que nem tudo era falso.

O casal se conheceu num fórum online que debatia os eventos ocorridos durante a “Operação Prato”, realizada pela Força Aérea Brasileira para investigar alegações de Objetos voadores não identificados na região do município de Colares, no Pará. A mesma foi encerrada após 4 meses, e outras missões relacionadas foram realizadas durante o ano de 1978.

Antologia Edifício Solaris

A partir desse dia trocaram números e se falavam todos os dias, discutindo a série Arquivo X e outros seriados relacionados, além de notícias de avistamentos e abduções que encontravam na internet. Assim foram ficando cada vez mais íntimos até finalmente se encontrarem pessoalmente em um Congresso de Ufologia em Betim. Depois disso se enroscaram fisicamente para não mais desgrudarem um do outro.

Foram morar em Calvinópolis no Edifício Solaris, onde Astolfo era proprietário do apartamento 303, quitado às custas de seu trabalho como funcionário público concursado na prefeitura local. Sua namorada e futura esposa era acima de tudo uma talentosa cabeleireira e não foi difícil para ela arrumar emprego em sua nova cidade.

Juntos compraram uma Kombi e a equiparam com todos os tipos de equipamento para vigília do espaço, além do telescópio estrategicamente instalado na janela da sala. Acampavam quase todos os finais de semana em locais bastante inóspitos, na esperança de um dia finalmente poderem contar a sua própria história envolvendo contatos imediatos ou até mesmo abdução.

Eram absolutamente fascinados pelo tema e nunca se cansavam. Mesmo depois de voltarem sem resultados por meses e até anos, sempre era bom viajar no fim de semana e namorar sob a luz das estrelas. Tanto que depois de um tempo, a vigília de Ovnis deixou de ser um objetivo e passou a ser uma desculpa para piqueniques noturnos e sexo ao ar livre. Se algum

alienígena aparecesse, só melhoraria e experiência. Chegaram até a considerar um ménage interestelar e riram muito sobre isso.

Certa noite tudo mudou. Estavam namorando romanticamente quando foram interrompidos por um misterioso ruído alto que os deixou intrigados e assustados ao mesmo tempo. Mesmo nus correram para o veículo para pegar câmeras e gravadores. Três círculos luminosos começaram a girar e piscar no céu.

— Venham! Estamos esperando vocês há muito tempo! —
Gritava o homem calvo de meia-idade saltitando pelado.

Joana olhou para ele com um ar de reprovação, pensando que aquela talvez não fosse uma boa primeira impressão da civilização terrestre.

Um facho de luz desceu e Astolfo de jogou sobre ele, mas permaneceu deitado na grama, sem ser abduzido. O luzeiro foi se afastando lentamente dele, como se estivesse constrangido por ter presenciado aquela cena bizarra. O ufólogo gritou confuso:

— Qual é? Não sou bom o bastante para vocês?

— Olha, eu te amo muito, mas super entendo os alienígenas.

— Nossa, bateu até uma depressão agora.

— Me desculpa, mas não é uma visão atraente, querido. É preciso haver amor envolvido. Muito amor. Eu curto, mas não é o auge da sua forma física, vamos combinar. Tudo caído e essa barriga de cerveja.... os Ets devem olhar e pensar: “nossa, esse aí já passou da validade”

— É isso o que você pensa de mim?

— Eu não, mas acredito que eles sim. Eu vivo falando para você fazer um Pilates, uma musculação....

— Nossa, rejeitado em nível interestelar. Eu realmente preciso te valorizar mais, Joana...não sei como você me suporta.

— Não fica assim, amor. Vem cá, vamos voltar a namorar.

— Mas eles ainda estão lá, olhando. Sei lá, é estranho. Sem contar que essa rejeição me deu uma broxada.

Lentamente foram recomeçando a troca de carícias até as coisas começarem a esquentar novamente. Dessa vez foram para dentro do automóvel, onde era mais seguro e não seriam interrompidos. Foi quando ouviram um estranho barulho vindo do lado de fora do veículo.

A princípio julgaram que fosse apenas um bicho e ignoraram, mas a frequência dos ruídos começou a realmente incomodar o casal. Astolfo, muito contrariado, vestiu suas roupas e pegou uma lanterna para em seguida sair fazendo uma averiguação pelos arredores, detectando assim a origem do som em questão.

O ufólogo escaneou rapidamente o perímetro usando o facho de luz que cobria uma distância considerável. Foi então que ele notou uma silhueta peculiar caminhando ao fundo. Era uma figura hominídea alta, com uma cabeça grande e oval. Seria exatamente aquilo que ele estava pensando? Não era possível! Era bom demais para ser verdade. Gritou o mais alto que pode, não conseguindo conter o seu entusiasmo:

— Joana! Tem um alien aqui fora! Corre!

A mulher saiu correndo seminua, louca para ver a criatura que agora percebia a presença do casal por causa do escândalo de Astolfo com sua lanterna nada discreta.

O estranho ser começou a caminhar na direção da dupla entusiasmada que lentamente começou a se questionar se tinham feito a escolha certa, porque até então tinham ignorado a hipótese do extraterrestre ser violento. Depois de uma breve deliberação optaram por entrar dentro da Kombi e trancar as portas até obterem a confirmação de que estariam seguros naquele momento.

Ficaram observando pelas janelas sujas do veículo a aproximação da figura que caminhava lentamente em direção a eles.

— Se essas janelas estivessem mais limpas a gente teria uma visão melhor. — resmungou a moça. — Se pelo menos você fosse um pouco mais higiênico...

— E como é que eu ia saber que isso iria acontecer? Eu me preocupo em limpar os vidros da frente e de trás, para poder dirigir melhor...

Enquanto os dois discutiam dentro do carro a criatura lentamente se aproximava cada vez mais, tentando entender o cenário que lhe era apresentado naquele momento. Foi então que um felino pulou em suas costas, mordendo a sua nuca. Era uma suçuarana que provavelmente o havia confundido com um humano.

O casal parou de brigar e começou um conflito interno de emoções, aliviados por terem se livrado de uma possível agressão do ser espacial ao mesmo tempo em que lamentavam por não terem conquistado o desfecho que tanto desejavam daquele encontro.

Depois que o animal se afastou, Astolfo e Joana correram para tentar pegar alguma amostra dos restos mortais da criatura, que se decompôs num ritmo acelerado demais, impedindo que eles conseguissem coletar alguma coisa. Fizeram vídeos e tiraram fotos, mostrando o rastro de sangue grosso e roxo como tinta de carimbo. O cadáver não foi devorado porque deveria ter um gosto indigesto, mas ficou tão desfigurado por dentadas que era impossível afirmar qualquer coisa. Parecia que alguém numa roupa de mergulhador tinha sido dilacerado por um leão e em seguida pisoteado por uma manada de elefantes, o que fazia menos sentido ainda.

O ufologista olhou aquele cenário e suspirou, frustrado:

— Ninguém vai acreditar no que aconteceu essa noite.

Nem se a gente contar.

A mulher sorriu olhando para ele e disse:

— Por outro lado, ninguém pode dividir essa experiência conosco. Isso a torna especial...E somente nossa. Haverá outras oportunidades. Pelo menos agora sabemos que estamos no caminho certo. Tivemos a confirmação que queríamos. Não sei quanto a você, mas isso por enquanto já é suficiente para mim.

— “Sexo, aliens e morte”! — disse Astolfo olhando para o céu. — Essa noite teve realmente de tudo!

Os dois saíram gargalhando enquanto arrumavam as tralhas para ir embora.



Apartamento 302: Momento certo, hora errada

Gilson Salomão Pessoa

Juliano e Beatriz nunca tiveram nada em comum além de serem extremamente competitivos. Talvez esse seja o único fator que os uniu por tanto tempo, além da fotografia. Desde jovens eles disputavam notas nas provas, jogos de tabuleiro, videogames, esportes, tudo era motivo para que eles dessem tudo de si para superar o outro. Quando namoravam disputavam o melhor presente no dia dos namorados e até quem chegou primeiro ao altar no dia do casamento.

Beatriz é uma excelente fotógrafa, o que é uma óbvia desvantagem para o seu cônjuge. Todo dia ela posta uma foto no Instagram com a hashtag #fazmelhorjuliano, que já gerou times rivais e muita discussão. No final ele era sempre obrigado a amargar a sua derrota. Chegou até a ficar deprimido por um bom tempo. Cada dia ela mesmo se superava tornando a vitória cada vez mais distante. Ele procurava novos ângulos, cores,

luzes, temas, mas ela sempre arrumava um jeito de vencer indubitavelmente. Nem as extensas aulas nem a prática constante o fizeram superar sua nêmesis, até o inusitado bater em sua porta.

Estava na praça em frente ao seu prédio certa manhã ajustando o zoom de sua lente quando percebeu uma movimentação estranha no hall do seu prédio. Um loiro de cabelo escovinha e óculos escuros sacou uma arma e meteu uma bala na testa de um certo professor de Geografia que estava em lugar e hora errados. Não perdeu tempo e registrou todo o assassinato em uma bateria de fotos, desde que a bala saiu do cano do revólver. No momento ele não percebeu o risco que estava correndo, pois estava muito empolgado com a oportunidade que havia sido apresentada a ele. Nem quando postou com a hashtag #finalmentebeatriz. Escolheu uma foto onde a bala estava no meio da sua trajetória, captando o olhar de pavor da vítima que não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo. Mal sabia ele que seu pesadelo estava apenas começando.

As curtidas em sua foto foram crescendo e ele ficou muito empolgado. Finalmente tinha chegado o seu dia!!! O telefone tocou. Era Beatriz. Ele deixou tocar por um tempo, para “saborear” a vitória e depois atendeu casualmente, bem irônico:

— Pois não?

— Seu burro! Você faz ideia do que você postou?

— Só a vitória plena, depois de tantas derrotas. Agora você conhece o gostinho da derrota, né? Olha como as curtidas só crescem! Parecem um manto me cobrindo de glórias!

— E a que custo, hein sua besta? Você não faz ideia do perigo que está correndo!

— Porquê? É impossível reconhecer o cara. A vítima muito menos.

— Alguém conhece esse cara que morreu. E quem matou vai querer apagar as evidências. Você nunca viu filme ou leu romance policial? É a trama mais batida que existe.

— É impossível chegar até mim.

— Eu que não vou ficar perto para ver. Você foi avisado. Tira essa porcaria de post.

— Você bem que gostaria disso, né?

— Nossa, sua burrice me dá tanta raiva!!!

Ele estava tão inebriado com a sua sensação de vitória que não percebeu o perigo que estava por vir. Nem notou que o corpo do homem que ele tinha visto morrer tinha magicamente desaparecido, sem nenhum traço incriminatório, ou seja, a foto tornou-se a única evidência daquele assassinato.

Afinal, como poderiam rastreá-lo? Será que o assassino o encontraria? Não tinha tantos seguidores assim. Será que Beatriz estava certa ou só tinha arrumado uma desculpa para tirar ele do páreo? Todos esses pensamentos o perseguiram

naquela noite. Beatriz resolveu ficar um tempo morando com sua irmã, pois não iria ser cúmplice daquela maluquice e correr risco desnecessário. Quando ela saiu o fotógrafo começou a ficar realmente preocupado.

Era melhor tirar a postagem e admitir a derrota. Não valia a pena sofrer todos esses percalços por essa vitória que rapidamente se tornou amarga em sua boca. Começou a suar frio e olhar por todos os lados ao andar pelo prédio. Passou a raramente sair para fazer compras e somente em caso de extrema necessidade. Por fim deletou a postagem, mas era tarde demais...já estava sendo caçado.

Quando estava quase se esquecendo do ocorrido, levantou certa manhã e viu o assassino na praça rondando e calculando uma possível distância da foto. E se viu a foto dele de perfil? Pela teoria dos seis graus de separação era realmente inevitável. Algum amigo do amigo do amigo certamente viu e o alertou. Como não tinha percebido isso antes? Sua boca ficou seca, a nuca fria e as pernas tremiam. O que fazer? Afinal, era questão de tempo até ele ser alcançado e acabar como o professor de Geografia.

Trancou todas as portas, fechou cortinas, apagou as luzes e ficou em silêncio deitado embaixo da sua cama com um lençol cobrindo o seu corpo. Perdeu a noção de quanto tempo ficou deitado ali. Beberia a própria urina se fosse necessário, ou as lágrimas, o que era mais provável, pois depois de um tempo começou a chorar de pavor.

Ficou dias sem mover um músculo. A tensão o deixava dormir muito pouco. Cogitou até beber água da privada, para se movimentar o mínimo possível. Por fim ouviu uma movimentação nos corredores do seu prédio. Dois paramédicos conversavam do lado de fora:

— É a coisa mais absurda que já ouvi. Quem morre assim? O cara escorrega e cai de uma escada, batendo a cabeça. Parece comédia-pastelão.

— Eu já presenciei coisas mais bizarras nesse prédio. Eu te conto na volta para o hospital. Acho que tem um vodu cercando esse prédio. Te juro! Cada ocorrência aqui parece um episódio de Além da Imaginação.

— Doideira. De onde surgiu todo esse sabão e essa água, se a faxineira está de folga? E porque esse cara não pegou o elevador?

— Deixa isso para os investigadores, não cabe a nós responder essas perguntas. Deixa quieto e toca o barco.

Juliano tentou olhar pelo buraco da fechadura, mas não viu nada. Arriscou sair e conseguiu ver os dois saindo do prédio e carregando um cadáver coberto por um lençol branco numa maca. Sentou-se pálido no corredor do prédio com os olhos arregalados encarando o vazio. Afinal, o que tinha acontecido? Foi então que ele percebeu um casal de crianças olhando para ele no fundo do corredor. A menina cochichou algo no ouvido

do menino, que começou a chorar e a vir correndo em sua direção:

— Desculpa moço, desculpa! Foi sem querer! Eu não queria! — e chorava de soluçar...

A menina veio andando devagar e explicou:

— A gente estava brincando com água e sabão em pó. Era uma competição de quem fazia mais espuma. Aí a gente se empolgou e foi colocando cada vez mais água e mais sabão. Quando a gente viu tava saindo pelo corredor e indo para a escada... Aí a gente se escondeu dentro de casa. Fomos ver televisão e de repente ouvimos um barulhão do lado de fora. A gente só saiu agora. Seu amigo morreu num acidente que a gente causou. Foi sem querer, moço! Não dedura a gente!

— Vocês viram quem morreu?

— Não, a gente saiu agora.

— Mas ele tava armado.

— Como você sabe disso?

— Eu vi o moço do hospital colocando uma arma dentro de um saco plástico.

— Seu amigo andava armado porquê? — perguntou a menina curiosa.

— Ele não era meu amigo. — disse Juliano. — Na verdade ele era um cara muito perigoso, se é quem eu estou pensando...

Juliano se despediu das crianças e voltou para dentro do seu apartamento. Assim que trancou a porta, respirou aliviado e ligou para Beatriz, afinal depois de tudo aquilo, ele tinha finalmente percebido que haviam coisas mais importantes na vida que uma mera competição de fotos. Não tinha ideia de como seria a sua vida dali em diante, pois até então suas motivações eram exclusivamente competitivas. De qualquer forma queria viver sem pressa. Deitou-se na cama e ficou olhando o teto, com um longo sorriso na boca.



Apartamento 303:

Gilson Salomão Pessoa

Amadeus Gontijo trabalhava como detetive particular, seguindo pessoas e tirando fotos de flagrante adultério. Abandonou qualquer tipo de moral ou ética depois de quase morrer de fome seguindo princípios. Era ganancioso e não se orgulhava, tampouco se envergonhava. De acordo com a sua ótica, estava apenas evidenciando os vacilos dos outros. Nunca

precisou fazer nenhum tipo de montagem para expor os vilões de sua narrativa. Sentia um pouco de pena das mulheres que eram traídas, mas nunca dos homens, porque para ele era um claro sinal de que eles estavam satisfazendo as moças. Tinha um assistente chamado Abel que fazia as compras para ele e dirigia o carro (que era do ajudante). Seguiam essa rotina sem problemas até que um dia apareceu uma mulher linda em seu escritório/apartamento e disse a ele:

— Boa tarde, meu nome é Verônica Pavão. Meu marido descobriu que eu o estou traindo e ele quer me matar.

O detetive cuspiu o uísque barato que estava tomando e perguntou assustado?

— A senhora tem alguma prova disso? Quem te indicou e porque você não foi direto na polícia?

— Meu esposo Alair é amigo de infância do delegado. Se eu falecer ele arquiva o caso. Talvez até já tenham combinado isso.

— Você sabe se alguém te seguiu até aqui?

— Não que eu saiba.

— Esse caso é interessante. Vou precisar de afiar todos os meus instintos. Abel, traga a vodka boa. Não aquela vagabunda que eu uso para escovar os dentes. A que está presa no congelador. A senhorita quer alguma coisa?

— O senhor tem calmante?

— Não, mas tenho muito álcool. Pode escolher a bebida que quiser que eu te sirvo.

— Quero absinto então.

— Porra, mas aí você foi longe, né? Quem compra essa porra? Enfim pode ser um vinho?

— Vinho está ótimo.

— Abel, traz um vinho para a moça. Coisa boa. Se trouxer vinho de cozinha eu quebro na sua cabeça.

— Vocês têm uma parceria um tanto tóxica, não?

— Não, é só um pouco de amor bruto. Ele está acostumado. Antes eu batia, hoje eu só xingo. Nossa relação está evoluindo, sabe?

— Fico feliz em saber disso. — respondeu a moça.

— Mas me conte os detalhes. A partir de hoje você fica sob os nossos cuidados. Tem dinheiro?

— Tenho, isso não é problema.

O rapaz trouxe uma taça de vinho, que ela acabou virando numa só golada.

— Bom, eu sou casada com o Alair há sete anos. Ele é dono da rede de supermercados TANAM.

— Sério? Nossa, eu compro muita coisa lá.

— Ele é muito ocupado e viaja bastante. Aí acabou rolando um lance com Daru o meu professor particular de Yoga e dono do centro Respirah! De Meditação. Meu marido é muito ciumento e disse que se fosse traído, mataria todos os envolvidos.

— Ok e como você sabe que o Alair descobriu?

— Meu amante está morto. Foi assassinado. — após dizer isso ela começou a chorar.

— Será que ele não foi morto por algum outro motivo?

— Acho muito difícil, ele era muito tonto, muito inocente. Não tinha maldade no coração, sabe?

— Mas tava pegando mulher casada, não era tão inocente assim. — Abel interferiu.

Amadeus fez um gesto silencioso com a cabeça para o seu assistente, pedindo para que ele não se intrometesse na conversa. Voltando-se para a moça, perguntou:

— Eu sei que é um assunto difícil, mas sabe dizer como ele foi assassinado?

Nesse momento o celular dela tocou. Era o marido.

— É ele! O que eu faço?

— Respire e atenda normalmente, como se nada tivesse acontecido. A gente te dá privacidade. Vamos para a cozinha, Abel.

Os dois se retiraram e ela ficou conversando no telefone.

Depois que desligou ela começou a chorar e gritar:

— Ele sabe! Ele sabe! Eu vou morrer! Eu vou morrer!

Os dois entraram correndo na sala. Amadeus perguntou:

— O que aconteceu? Como foi a conversa?

— Ele sabe! Ele sabe!

— Ele te disse?

— Praticamente disse.

— Como assim?

— Ele disse que eu era a coisa mais importante da vida dele e me amava mais que tudo...

— Agora fiquei confuso.

— Ele nunca me disse isso. Ele provavelmente está gravando a ligação para ter um álibi quando me matar.

— Isso não é inteiramente impossível. — o ajudante novamente interveio.

— Abel, vai comprar uma rabanada lá embaixo. Traz uma dúzia.

— Uma dúzia? Mas quem vai comer isso tu...

— Porra, traz uma dúzia de rabanadas que eu vou distribuir no sopão dos mendigos! Vai logo!

O assistente saiu sem entender nada. Quem iria pagar pelas rabanadas? Ele nunca tinha feito caridade...Assim que começou a descer as escadas entendeu porque tinha sido expulso do recinto e riu sozinho. Amadeus decidiu voltar ao assunto do assassinato do instrutor, afinal de contas as duas coisas provavelmente poderiam não estar relacionadas e ela estaria se preocupando à toa.

— Ele foi encontrado congelado dentro de um freezer de frigorífico, fazendo a pose da Flor de Lótus.

— Ok, isso é bem incomum. E você acha que os assassinos arrumaram o cadáver dele assim?

— E você acha que ele iria se trancar dentro de um freezer para meditar?

— Sei lá, você mesma disse que ele era burro.

— Burro não, eu disse tonto. É diferente.

Amadeus não entendeu a diferença, mas deixou quieto. Por fim ele disse:

— Ainda não entendi a parte do assassinato.

— Isso que é o genial. É um assassinato que não parece assassinato. O freezer era do supermercado do Alair, você não está vendo a conexão?

— Você está afirmando que o seu marido colocou um revólver na cabeça do seu amante e mandou ele ficar trancado

nessa posição dentro de um freezer, mesmo sabendo que ele iria congelar e morrer do mesmo jeito?

— Tá vendo? Agora concordamos que ele foi assassinado!

— Nossa, agora você bugou a minha mente. Mas se ele não fizesse a posição, iria tomar o tiro na cabeça e isso iria dificultar para o assassino, que teria que se livrar do corpo. Além disso, ele morreria mais rápido. E porque manter a posição depois que a porta se fechou?

— Sei lá, ele é tonto. Já disse. Era tonto, melhor dizendo.

— Minha senhora, sinceramente eu acho que não há caso nenhum. Esse homem deve ter se trancado lá por acidente por causa do silêncio para poder meditar em paz. Na minha opinião ele é um sério candidato ao Darwin Awards, nada mais que isso. Eu gostaria muito de ganhar dinheiro com essa sua teoria maluca, mas estaria perdendo o seu tempo e o meu. De qualquer forma recomendo que a senhora durma hoje num hotel e tome cuidado com o seu marido, caso eu esteja errado, só por via das dúvidas.

— Será que eu estou me preocupando à toa?

— Talvez sim, embora todo cuidado seja pouco. Contrate um guarda-costas, diga para ele que você não tem se sentido segura ultimamente. Faça questão de incluir testemunhas quando disser isso. Eu vou deixar o seu depoimento registrado e se alguma coisa acontecer com você eu te garanto que contarei tudo o que sei para a polícia.

A moça se levantou, meio desconcertada e foi saindo devagar em direção à porta. Agradeceu o tempo dispensado e desceu as escadas pensando nos conselhos de Amadeus. No caminho cruzou com Abel, que lhe ofereceu uma rabanada.



Apartamento 304: A máfia entre nós

Gilson Salomão Pessoa

Enzo começou desde cedo a trabalhar para o gângster alemão Hanno Lasker. Começou fazendo pequenas transferências para lavagem de dinheiro através de seu celular aos dezoito anos e com o tempo foi ganhando confiança para fazer cada vez maiores movimentações monetárias, sempre ficando com uma porcentagem.

Dessa forma, sempre tinha mais dinheiro que seu irmão mais velho Raul, que por sua vez ficava ressentido por receber menos, mesmo sendo o único dos dois a possuir diploma universitário. Sentia-se injustiçado e com raiva ao vê-lo desfilando com carros, roupas e mulheres, indo a restaurantes e passando finais de semana em clubes caros. Além disso, ele pegava uma parte do dinheiro que recebia e dava para os seus pais,

aumentando o ciúme do professor de Geografia e fazendo que o mesmo se sentisse cada vez mais inferiorizado.

Ele também incomodava o braço direito de seu chefe, Bastian Wieseltier, pois era secretamente interessado pela filha do mesmo, Martina Lasker, com o único propósito de consolidar o poder e herdar o império do seu sogro.

Enzo e a garota acabaram ficando mais íntimos porque não tinham interesse em poder. Só queriam dinheiro suficiente para não precisar de trabalhar e viajar o tempo inteiro, desfrutando o melhor que a vida pode oferecer. No entanto, apesar das investidas da moça, que era bastante atraente por sinal, ele sabia que brincaria com fogo se embarcasse naquela brincadeira. Dessa forma, ela acabou se envolvendo secretamente com Rinaldo Gorganti, um traficante de cocaína em ascensão na cidade, para fazer ciúme nele.

Lasker, suspeitando das atividades de sua filha, pediu ao rapaz que a seguisse de longe e informasse o seu itinerário somente a ele. Entretanto Bastian acabou ouvindo a conversa e insistiu para ir junto, afinal ele precisava proteger os seus interesses. Muito a contragosto, o aprendiz de mafioso acabou aceitando a companhia.

O carro de Martina parou em frente à Cantina Gorganti e o parceiro de Enzo logo ligou os pontos

— Filho da puta! — Disse ele rangendo os dentes enquanto pegava o revólver no porta-luvas. Depois se virou para ele — você sabia disso?

Enzo estava pálido e nem conseguia raciocinar direito. Começou a gaguejar:

— Eu, eu, eu.

— Sabia ou não sabia, porra?

— Eu, eu estou tão surpreso quanto você. A chance de isso tudo dar merda é tão grande que não consigo nem pensar direito.

— Já deu merda! Merda grossa! — gritou Bastian saindo do carro.

Enzo pegou no seu braço, mas tomou uma cotovelada na boca.

— Me desculpe, foi puro reflexo.

— Não tem problema. Só queria evitar que você fizesse uma burrice, invadindo um lugar cheio de gente armada para começar uma guerra sem a autorização do seu chefe.

— Obrigado por intervir. — tirando um lenço do bolso completou. — Toma. Limpa aí que sujou de sangue.

Enquanto isso o casal saía do Restaurante e entrava no carro dela.

— Filho da puta, você não me escapa! — disse Bastian espumando de ódio. — Vai, vai, vai! Não perde eles de vista.

Enzo sentiu a alma saiu de seu corpo, como se já não fosse mais responsável pelos acontecimentos a seguir. Estava na iminência de um desastre e não podia fazer nada. Talvez pudesse fingir que o carro morreu ou estivesse sem gasolina. Talvez forçar uma batida de leve em um outro carro. Qualquer coisa menos seguir Martina naquele momento, mas então por que ele continuava fazendo aquilo?? Provavelmente porque parte dele sentia ciúmes e quisesse trazer sofrimento ao italiano, utilizando uma outra pessoa e se livrando de parte da culpa. Se alguém perguntasse, ele estava somente cumprindo ordens. “Só estava dirigindo, nem saí do carro.” Mas o motorista de fuga também não faria parte dos assaltantes de um banco?

Enquanto pensava nisso viu o carro de Martina parar em frente a um hotel. Entraram e depois de um tempo foi a vez do alemão irritadiço.

— Espera aqui, disse Bastian enquanto saía do carro e enfiava o revólver na parte de trás da calça. Sua pistola tinha silenciador, por isso ele se sentia seguro para atirar em qualquer lugar.

— Não vai dizer que foi por falta de aviso. — respondeu Enzo já querendo se isentar da culpa dos acontecimentos a seguir.

— Não esquento que vai dar tudo certo. Eu sei o que estou fazendo.

O tempo pareceu uma eternidade enquanto Enzo tamborilava no volante do carro. Seria prudente ligar para Hanno Lesker? E o que ele poderia fazer? Estava numa encruzilhada. O jeito é esperar para ver o que acontece.

Bastian saiu carregando uma bolsa de viagem numa mão e Martina esperneando pelo braço na outra. Jogou a valise no banco de trás do carro e disse:

— Dá um sumiço nessa coisa. Eu vou levar essa moça para um passeio. Temos muito o que conversar.

A filha de Lesker olhou para seu amigo com um ar de decepção, como se tivesse sido traída por ele. O jovem por sua vez, não tinha muito o que dizer, tinha caído de paraquedas no meio de tudo aquilo. Não tinha a mínima idéia do que tinha acontecido, nem o que havia naquela bolsa. Seria a cabeça do italiano? Não, ele demoraria muito tempo para cortar e estaria sujo de sangue. Enquanto divagava ouviu um grito:

— Tá esperando o quê? Vai, vai, vai!

O jovem motorista dirigiu sem parar até chegar no seu prédio e colocou a valise embaixo da sua cama. Sentou-se no sofá e tomou um copo de cachaça para descarregar a adrenalina que percorria o seu corpo. Sua cabeça rodava. Tomou um banho e deitou-se no sofá. Dormiu ali mesmo. Acordou com um telefonema do seu irmão Raul.

O professor de Geografia estava afundado em dívidas, mas não queria perder a posição de “macho alfa provedor” em seu mais recente relacionamento amoroso. Precisava de dinheiro urgente.

Enzo se propôs a ajudar, pois gostava de seu irmão. Na verdade, até o respeitava por levar uma vida honesta. Aquela loucura que ele encarava todos os dias não era para qualquer um. Já tinha encarado tantas encruzilhadas que ele frequentemente questionava as suas próprias escolhas. No fim aceitava tudo e seguia em frente, como alguém que salta de bungee jump sempre confiando de que alguma forma, sempre seria puxado de volta para cima.

Enquanto esperava a chegada de seu irmão recebeu um outro telefonema, sendo convocado para uma reunião urgente com Hanno e Bastian, provavelmente para decidir os próximos passos na iminente guerra entre famílias. Sem tempo para esperar, mandou uma mensagem para Raul pelo Whatsapp dizendo que a porta de sua casa estava aberta e que ele o esperasse retornar para conversarem sobre o empréstimo do dinheiro.

Raul chegou e enquanto esperava, resolveu bisbilhotar para saber mais sobre a vida secreta de Enzo, que estava sempre cheio da grana, mas morava em um apartamento humilde numa zona suburbana. O que ele estava escondendo? Tentou acessar o computador, mas ficou irritado quando o mesmo pediu senha. Fuçou nos armários, estantes e nada suspeito. Foi então que ele

avistou a bolsa embaixo da cama. Abriu e não acreditou na quantidade de dinheiro que havia ali dentro. Na verdade, era o pagamento de uma transação de drogas que Rinaldo fecharia naquela tarde, se não tivesse sido morto por Bastian num quarto de hotel.

A ganância falou mais alto e ele decidiu levar a bolsa consigo, sem avisar o seu irmão. Pela primeira vez na vida se sentiu tão rico que não resistiu à vontade de esbanjar, passeando com a bolsa para cima e para baixo, obviamente atraindo a atenção dos seus legítimos donos. Sendo assim, não demorou até que o mesmo fosse rastreado e morto.

Seu irmão ficou sabendo através de um print de uma imagem no Instagram. Entendeu o que tinha acontecido quando percebeu que a valise embaixo de sua cama tinha sumido. O assassino provavelmente pensou que Raul morava naquele prédio, então não iria demorar até que fossem atrás do seu apartamento, provavelmente para fazer uma queima de arquivo. Pediu a Lasker uma arma e começou a praticar incessantemente com Bastian em um sítio isolado. Enquanto isso a guerra entre os alemães e italianos começava a esquentar. Muitos morreram até que fosse feito um acordo que beneficiasse ambas as partes.

Estava chegando na porta do seu prédio quando ouviu alguém chamando o seu nome. Era Martina que precisava falar urgente com ele. Tinha conversado com seu pai sobre quem ela realmente amava. Hanno não fez oposição, pois gostava do

garoto, mas Bastian não gostou nada daquilo. Quando estavam a ponto de se beijar na entrada do edifício, Enzo viu o alemão chegando furioso com o revólver apontado para os dois e empurrou a moça para o lado, tomando um tiro no ombro.

O jovem caiu sentado no chão enquanto Martina se levantou e mandou uma joelhada no saco de Bastian. Ela o ajudou e juntos correram para o elevador, enquanto o alemão agonizava. Para alcançá-los ele resolveu subir as escadas correndo, mas não esperava que parte delas estaria ensaboada por conta da competição de duas crianças. Escorregou e caiu, quebrando o pescoço.

Martina chamou uma ambulância que levou o jovem ferido e o corpo de Bastian. Tempos depois, graças à foto de Juliano, a moça conseguiu identificar quem era o assassino de Raul. Era Natale Genovesi, o melhor amigo de Rinaldo que gostava de pintar o seu cabelo de loiro, pois segundo ele, “fazia sucesso com a mulherada”. Seu penteado e seus óculos escuros o destacavam bastante e ele fazia questão disso.

Enzo estudou o itinerário de sua vítima com cuidado para não recomeçar uma guerra. Precisava fazer um serviço limpo, de forma que parecesse um acidente. Por sorte, Natale resolveu voltar atrás do fotógrafo, que tinha relaxado o seu comportamento depois da morte de Bastian.

Estava voltando de um jantar com Martina quando viu Natale rodeando a praça e tentando emular a foto para estudar

de onde ela tinha sido tirada. Um mendigo que estava dormindo num banco ficou incomodado e começou a mandar ele embora. Quando ele se virou para bater e possivelmente matar o sem-teto, foi sufocado por trás com um fio de nylon, sendo depois carregado para o porta-malas de um carro onde foi devidamente desovado nos limites da cidade. Enzo não sentiu orgulho nem se sentiu vingado pelo que fez. Só tinha em seu íntimo a necessidade de encerrar aquele capítulo.

Talvez a única pessoa feliz com aquilo tudo foi o mendigo e talvez Juliano, que nem sabe o quão perto esteve de morrer.



Waldo Temporal, nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo, em 1957, mas sempre morou no Rio de Janeiro. Formou em Direito pelo UFF, EM 1982, e em pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ, em 1992. É artista plástico, professor e crítico de arte e escritor. Lançou seu livro *Pássaros Sem Asas*, pela Rubi Editorial, em 2022. Participou das antologias *A Escrita & Eu*, *Histórias de Um Natal Inesquecível*, *Histórias Que Marcaram o Brasil*, *Enquanto a Chuva Cai*, *Insônia e Imensidão das Letras*, organizadas por Maria Jordânia de Oliveira, bem como da antologia *Sob a Luz da Lua e Cortinas do Tempo*, organizadas por Fabiana Gomes da Silva, e *Ao Encontro do Amor*, organizada por Luana Faria, lançadas pela Rubi Editorial.



Apartamento 401 e 403: As gêmeas

Waldo Temporal

Ao fechar a porta do compartimento destinado à colocação do lixo, localizado ao lado direito dos elevadores, Moana ouviu o inconfundível ruído característico da chave Papaiz. Alguém estava abrindo a porta do apartamento 401. Era sua irmã gêmea.

— Joana! Já está de mudança?

— Sim. Vim abrir o imóvel para ver se preciso dar mais algum jeito antes que as coisas cheguem.

A jovem adentrou no apartamento, tirou o *blazer* do seu *tailleur* azul escuro e o pendurou em um pedestal previamente alocado próximo à porta da sala, juntamente com sua bolsa da mesma cor.

— Você é tão complicada! É só abrir a porta e deixar tudo entrar!

— Até parece que você não me conhece!

Moana riu e sentou-se no chão, em posição de lótus.

— Sempre arrumadinha, sempre certinha, sempre perfeita! Você não cansa disso?

Que coisa chata! Entediante!...

— E você, sempre desleixada, sempre desarrumada, sempre sem preocupação.

— Antes assim, irmãzinha! E aí? Já inspecionou tudo? As coisas já podem entrar?

— Sim.

— Então vamos até em casa. Vou fazer um chá para você desestressar!

— Naquela espelunca do 403? Chá de cogumelo?

Moana deu uma gargalhada:

— Ah, mana, você é tão engraçada!

Assim dizendo, Moana levantou-se, pegou a bolsa da irmã e saiu do apartamento, abrindo a porta do seu, que ficava ao lado.

O interior parecia uma loja de produtos exóticos, com vários almofadões coloridos espalhados pelo chão. No ar pairava um aroma de Patchouli.

— Sente-se, que irei preparar o chá!

— Sentar-me onde? Não existe uma poltrona esta casa!

— Nos almofadões, ora!

Completamente sem jeito, Joana acomodou-se em uma das almofadas:

— Você precisa de uns móveis, umas cadeiras! Essas estantes com essas cabeças indianas e elefantes são estranhos! Essas mãos sem braço, essas pedras... A única coisa bonita é o biombo entalhado!

Moana voltou da cozinha, trazendo uma bandeja contendo um bule e duas chávenas de porcelana.

— Tome seu chá e pare de falar besteiras!... Mudando de assunto: quando suas coisas chegarão?

— Amanhã!

— Vai trazer aquela tralha toda?

— Tralha? Minhas obras de arte?

— Coisas velhas, carregadas de energias sinistras!

— Agora você é quem está falando besteiras!

— Você sabe que objetos carregam energias... Você têm coisas do século XIX, que pertenceram a pessoas que já partiram há anos!...

— São obras de arte! Arte não tem idade!...

Uma semana depois o apartamento de Joana já estava impecavelmente arrumado. Sua sala tinha uma mistura de estilos, com móveis coloniais portugueses, alguns mais atuais e outros completamente do estilo Art Nouveau.

A jovem tinha um gosto apurado e sabia harmonizar os objetos, colocando-os meticulosamente nos armários. Tudo era equilibrado, do tamanho às cores. Nas paredes havia gravuras de artistas famosos e alguns óleos de vários estilos, desde anos 1940 ao atual. Não havia nenhuma reprodução. Todos eram originais.

— Está satisfeita? — indagou Rodolfo, ajeitando um quadro que ficara um pouco torto.

— Por enquanto, sim! — respondeu ela — Você sabe como sou. Vou mudando tudo de lugar até que fique perfeito! Detesto desequilíbrios!

— Então, vamos aproveitar um pouco! — exclamou o rapaz, puxando Joana pelo braço — Seu noivo está cansado!

A jovem riu e desabou ao seu lado, no sofá. Beijaram-se apaixonadamente, enquanto Rodolfo desfazia o coque da moça, deixando seus fartos cabelos caírem pelos ombros.

— Jô! — chamou Moana, entrando pela sala — Vamos este final de semana para Sana? Lá é um lugar lindo! Muita cachoeira e natureza!

— Não vou poder Moana! Já me comprometi com o Rodolfo. Nós iremos ao teatro. Ele até já comprou os ingressos!

— Que saco, esse Rodolfo! Está sempre interferindo nas nossas coisas!

— Ele é meu noivo, Moana! Nada mais natural!

— Desde que vocês ficaram noivos, nunca mais você passou um final de semana comigo!

— Chame um de seus namorados! Você não tem tantos?

— Mas eu queria um tempo com você! Nós sempre fomos tão unidas!

— As coisas mudam querida! Esse é o rumo da vida!

— Que saco!

Depois se uma breve pausa, Joana comentou:

— Mô, acho que você tem abusado do uso da “erva do diabo” que você tanto gosta! O cheiro está empestecendo meu apartamento! Até o Rodolfo reclamou!

— Que cara chato! Não sei como você o atura!

— Quando eu me casar, você terá que aceitá-lo!

— Casamento? — espantou-se Moana. — Já está pensando nisso? Continue só namorando, que já está bom demais!

Joana riu:

— É melhor ir se acostumando!...

Eram quatro e meia da manhã, quando Rodolfo acordou para ir ao banheiro. Sentou-se na cama que dividia com Joana e, no momento em que colocou seu pé no chão, sentiu uma dor lancinante, que o impediu de ficar em pé.

— Ai! Que dor horrível! — gemeu baixinho, para não acordar a companheira.

Esperou por uns minutos, tentando apoiar o pé no chão, até que conseguiu. Ao fazê-lo, sentiu as pernas tremerem. Caminhou até o banheiro, onde urinou, e retornou para o quarto.

Joana estava acordada:

— Por que você está mancando?

— Não sei! Ao tentar levantar, senti uma dor horrível no pé.

— Deve ter torcido!

— Eu não me lembro, mas vai passar! — disse ele, enfiando-se por baixo das cobertas.

— Você já reparou como as pessoas deste prédio se referem a nós?

— Ainda não!

— Algumas pessoas falam que somos um par de jarras desarranjadas...

Joana soltou uma gargalhada.

— Outros dizem Joana e Moana Menezes, a dupla sertaneja!

Joana continuou a gargalhar.

— Adoro!

As duas ficaram rindo durante alguns minutos.

— Que gente besta, né?

— Eu me divirto!

— Joana, porque você e sua irmã não moram juntas? — indagou Rodolfo, sentando-se no sofá. — Apartamentos separados, muitos gastos desnecessários!

— Ah, não dá! Nós nos amamos muito, mas somos bastante diferentes! Quer conhecer o apartamento dela?

— Fiquei curioso!

— Vamos?

— Ela terá um ataque!

— Nada! Não está aqui! Viajou para Sana, “um lugar maravilhoso, cheio de cachoeiras e natureza”, segundo ela.

— Vamos!

Joana pegou as chaves do apartamento 403 e levou seu noivo consigo.

— Veja!

— Nossa! Parece uma loja de produtos exóticos!

— Eu penso a mesma coisa! Não teria como morar aqui!

O rapaz adentrou no imóvel e foi verificando os objetos com cuidado. Entrou em um quarto onde tinham algumas cabeças que pareciam humanas, mas de tamanho bem reduzido, secas.

— Joana, veja isso!

— O que?

— Essas cabeças! Você já tinha visto?

— Já, sim. São horríveis mesmo! Moana gosta de coisas muito estranhas. Não é apenas uma exótica. Parece que anda pesquisando sobre religiões africanas também.

— Isso me causa até calafrios! — Rodolfo estremeceu e abraçou a si mesmo.

— Vamos? — indagou Joana.

— Sim.

— Moana, pare com isso! Deixe a sua irmã em paz! — censurou dona Carmen sentada à margem do riacho.

As duas meninas se divertiam, apoiadas em cima de pedras arredondadas que ficavam para fora das águas do rio.

Mas as duas pareciam não ouvir. E riam! Gargalhavam.

— Ai, Moana! Assim eu caio!

— Deixa de ser frouxa, menina!

E a brincadeira continuou até que...

— NÃO!

— O que houve? — indagou Rodolfo, acordando assustado.

— Foi um pesadelo! — respondeu Joana.

— Você deu um grito assustador!

— Sonhei com minha infância, quando eu e Moana tínhamos uns dez anos.

— E o que tinha de tão assustador?

— Estávamos em Mauá, com minha mãe, em um rio, brincando, quando Moana me empurrou e eu caí. Bati a cabeça em uma pedra e desmaiei.

— Foi só um pesadelo!

— Não foi! Isso, de fato aconteceu!

— Nossa! Mas já faz muito tempo! Esqueça!

— Mas alguma coisa aconteceu! Eu tenho certeza!

Joana estava trêmula, nervosa.

— Seja o que for já passou! Durma!

— Não sei se conseguirei!

— Sua mãe ainda é viva?

— Sim. Ela vive em um abrigo para idosos.

— Como é o nome dela? Você nunca me falou sobre ela!

— É Carmen. Está com Alzheimer, coitada! Eu a visito de vez em quando, mas ela mal se lembra de mim! É muito triste!

— Imagino!

Rodolfo dormia tranquilamente quando, de súbito, voltou a sentir aquela dor forte que já sentira antes, mas, desta vez, na coxa esquerda.

— Ai! — gemeu.

— O que aconteceu? — perguntou Joana, despertando.

— Estou sentindo uma dor horrível na perna!

— Coisa estranha! Outro dia foi no pé! Você precisa ver o que é isso!

— Ai! Está doendo demais! Preciso de um remédio para dor!

— Só um instante, que já trarei!

Joana levantou-se e foi até o banheiro, onde guardava os remédios, mas não encontrou nenhum para dor.

Retornou ao quarto e anunciou:

— Eu não encontrei nenhum aqui! Deve ter acabado! Vou à casa da minha irmã, ver se acho alguma coisa!

— Está bem! — respondeu ele, balançando de dor.

Joana saiu, foi até o apartamento de Moana e, depois de alguns minutos, voltou assustada.

— Veja o que eu encontrei!

Levou até a cama uma caixa de sapato onde havia um boneco com o nome de Rodolfo, com um alfinete enfiado na altura do pé e da coxa esquerda.

— Isso é vodu! Sua irmã é uma louca! Ai, que dor!

— Calma! Eu trouxe um analgésico! — entregou-lhe um comprimido juntamente com um copo de água.

Rodolfo ingeriu o remédio e comentou:

— Sua irmã deve ser uma psicopata!

— Calma! Não exageremos! Isso deve ter alguma explicação!

— Ela deve me odiar! Por quê?

— Acalme-se, que a dor já passará!

Alguns dias depois, Rodolfo chegou do trabalho antes de Joana. Ficou incomodado com o fato, pois se sentia estranho sem a presença dela.

Andou pelo apartamento e viu, acima de uma estante, algumas correspondências. Pegou-as e foi lendo, sem prestar muita atenção, até que viu dois boletos do condomínio. Eram dos apartamentos 401 e 403. Os dois estavam em nome de Joana. Estranhou. Por que as duas taxas estavam no nome dela? Teria sido por algum problema de documentação? Falta de comprovação de renda?

Balançou os ombros e tornou a jogar as correspondências em cima da estante.

— Boa tarde! — Rodolfo ingressou no escritório da Clínica Santa Augusta.

A freira olhou-o com surpresa:

— Pois não?

— Eu gostaria de falar com a senhora Carmen Menezes, que está internada aqui, por favor!

— Aguarde um instante, que verificarei.

— Ok.

Após alguns minutos, a mesma freira retornou e disse:

— Pode vir por aqui, por favor! Ela está descansando no jardim.

— Obrigado!

Rodolfo a acompanhou até que chegaram próximo a uma senhora que deveria estar beirando uns setenta anos.

— Sra. Carmen! — chamou a freira.

— Pois não?

— Este senhor gostaria de falar com a senhora!

— Quem é ele?

— Eu sou um amigo da sua filha Joana!

O corpo de Carmen tremeu levemente e ela o olhou, com desconfiança:

— O que o senhor quer de mim?

— Nada demais! — aproximou-se ele, com cuidado — Eu só queria saber se a senhora está precisando de alguma coisa!

— Não estou precisando de nada!

— Há quanto tempo Joana não a visita?

— Já tem tempo.

— E Moana?

Carmen o olhou com assombro.

— Como assim?

— A sua outra filha, Moana. Há quanto tempo ela não aparece?

— O senhor deve estar maluco! A Moana está morta!

Rodolfo levou um baque com a resposta.

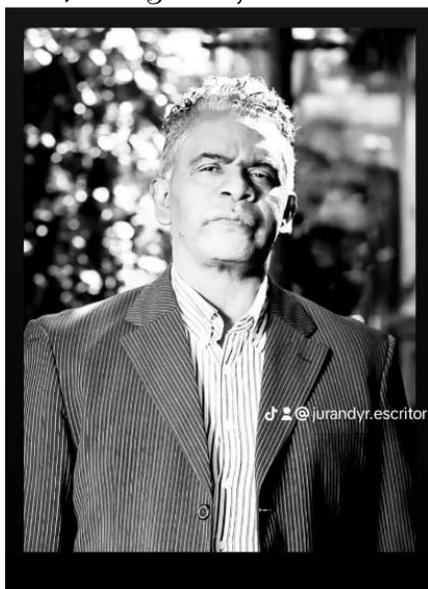
— Não! A senhora deve estar equivocada! A Moana mora no apartamento ao lado do da Joana!

— Impossível! A Moana morreu quando tinha dez anos de idade!

— E como foi isso?

— Elas estavam brincando em um rio, em cima de umas pedras, quando Joana, empurrou Moana que caiu, bateu a cabeça e desmaiou. Quando a tiraram das águas ela já estava morta!

— Não é possível! — exclamou Rodolfo, colocando as mãos na cabeça. — Meu Deus, a Joana, então, é maluca! Completamente louca! O que devo, então, fazer?



JURANDYR RASQUINHO FILHO

Casado com Sônia, pai de William, Tiago e Rebeca; avô de Ágata, Davi, Mariah, Valentina, Eloá e Asafe. Escritor, Formado em Teologia pela Faculdade Betel de Ensino Superior, autor de 2 livros, apaixonado pela vida e pelos seres humanos, independente de credo religioso, raça, ou posição social.

Um guerreiro que lutou anos contra o câncer, e que num período de 4 anos, passou por 6 cirurgias, todas na área da oncologia. Aprendeu através dessas experiências, a compreender o verdadeiro sentido da vida, reconhecendo assim, o valor da fé em Deus, e a importância da medicina, como um instrumento divino, para o bem estar da raça humana.



Apartamento 402: MEDINDO OS MEDINAS

JURANDYR RASQUINHO FILHO

A família é uma instituição social que une pessoas por laços afetivos, biológicos ou legais. É o primeiro espaço de socialização do indivíduo. A Constituição brasileira considera que família abrange diversas formas de organização baseadas na relação afetiva entre os seus membros.

A Bíblia considera a família uma instituição sagrada, criada por Deus, e um pilar fundamental da sociedade. A família é um espaço de transmissão de valores e de unidade social. Foi praticamente dentro deste contexto, que se fundiu a família Medina.

De origem árabe. Seu Youssef e dona Bahirah, sempre procuraram dar o melhor que puderam para os filhos Hassam e

Aisha. Hoje estabilizados aqui no Brasil, e moradores do apartamento 402 do edifício Solaris, um dos edifícios mais requintados de Calvinópolis, armazenavam histórias marcantes, cheia de altos e baixos, e também muitas lembranças dos anos que viveram em Djibuti, na Arábia.

Djibuti era um lugar muito pobre, exposto a fraquezas sistêmicas, e o sistema de justiça ali era bem vulnerável devido algumas influências políticas. A economia de Djibuti era pouco desenvolvida, o que levava a ser considerado como um dos lugares mais pobres do planeta. O solo e o clima não contribuíam para a prática de atividades agrícolas, e por esse motivo, eram obrigados a importar a maioria dos alimentos.

Djibuti é membro da União Africana, da Liga Árabe, um país pequeno, mas importante. Cansado de tanta carestia, perigos eminentes, seu Youssef resolveu vir para o Brasil tentar a sorte.

Em concordância com dona Bahirah, resolveram partir de “mala e cuia” para o Brasil, por entenderem que seriam muito bem acolhidos, e poderiam também obter uma melhor condição de vida, e também criarem os filhos com maior proteção e conforto. Era um grande sonho, e valeria a pena correr alguns riscos.

Juntaram então os poucos recursos que possuíam, e vieram para cá com fé e coragem. De uma coisa tinham certeza, a qualidade de vida por aqui seria bem melhor; sem contar que poderiam também usufruir de uma condição climática muito melhor, e ficarem livres de tanta violência que eram obrigados a conviver no dia a dia em Djibuti. Vieram praticamente com a roupa do corpo!

A CHEGADA AO BRASIL

Ao pisarem em solo brasileiro seus corações dispararam. Numa profunda contemplação e com poucas palavras, suas expectativas triplicavam, pois afinal, agora poderia ser tudo diferente. Hassam o primogênito estava com 4 e Aisha a caçula, com apenas 2 aninhos de idade.

Uma nova história se iniciava. Mesmo com poucos recursos, estavam cheios de esperança, e acreditavam num novo começo. Ao chegarem em Calvinoplis, instalaram-se numa modesta pensão; era o que as condições permitiam naquele momento. Quais seriam as cenas dos próximos capítulos? Eles nem imaginavam! Sonhos não faltavam; apesar do calafrio, uma esperança indescritível permeava o coração daqueles guerreiros árabes.

AS PRIMEIRAS DIFICULDADES

Devido à paisagem áspera de Djibuti e às áreas limitadas de terra arável, a agricultura não é um setor econômico viável e é amplamente praticada apenas em nível de subsistência. Em áreas rurais, o pastoralismo é um modo de vida. A silvicultura e pesca eram os mais requisitados meios de sobrevivência. Seu Youssef era um silvicultor, e através desta profissão é que levava o pão de cada dia para dentro de casa em Djibuti.

A primeira dificuldade foi encontrar um emprego aqui no Brasil. A recessão econômica era muito grande naqueles dias. Suas reservas já estavam com os dias contados, e à beira de um nocaute. A diária que pagavam na pensão não era tão alta, por ser bastante simples, porém, os poucos recursos que tinham estavam se esgotando. Um emprego seria extremamente necessário naquele momento.

Por Djibuti ser tão ligado ao comércio, seu Youssef possuía uma enorme habilidade empreendedora; logo, pensou em comercializar alguns produtos. O centro de Calvinoplis era bem comercial, e atraía um público bem expressivo para dentro de suas lojas, cinema, shopping, mercados e vários outros comércios. Teve uma ideia brilhante!

Resolveu comprar algumas peças de roupa e montar uma banquinha, numa rua bem movimentada, cujo nome era Itajubá, e que ficava bem perto do supermercado mais bem frequentado da cidade. Algo muito bom estava prestes a acontecer, seria só uma questão de tempo. Esse ex silvicultor da

Arábia, sempre foi um homem arrojado. Era praticamente impossível tirá-lo de um foco pré-determinado. Quem acredita sempre vence!

Por Calvinopolis ser uma cidade bastante quente, Youssef teve uma “grande sacada”. Logo encontrou um fornecedor numa cidade vizinha, que era dono de uma enorme fábrica que confeccionava roupas. Investiu tudo que tinha com a compra de roupas de verão. “Foi um tiro certo”. Agora era tudo ou nada! Caso desse errado, nem leite para as crianças conseguiria comprar no dia seguinte.

Seu tino comercial era algo inquestionável. Tudo que comprou vendeu no mesmo dia, e com uma razoável margem de lucro. Youssef ficou extremamente empolgado. Antes mesmo do pôr do sol já não havia nenhuma mercadoria. No dia seguinte, logo pela manhã, se direcionou novamente para a fábrica do seu Rachid.

Separou apenas uma pequena parte do lucro que obteve, para as necessidades do dia, e com restante comprou novos produtos. Desta vez conseguiu comprar uma quantidade de peças. As compras a partir de então, passaram a ser quase que diárias. Rachid passou a confiar no tino empreendedor de Youssef, e isso fez com que se abrisse uma boa linha de crédito entre ambos.

Em pouco tempo Youssef conseguiu tirar a família da pensão; alugou uma simples e aconchegante casa, num bairro também muito aconchegante, chamado Freitas Junior. Dona Bahirah estava cada dia mais feliz com essas novas conquistas. Djibuti nunca mais!

PASSA-SE O TEMPO, E SURGEM SITUAÇÕES INESPERADAS

Passaram-se praticamente 20 anos. É, realmente o tempo passa muito rápido. A família Medina neste momento se encontrava num novo patamar de vida. Youssef agora com quase 60 anos, havia se tornado um grande empreendedor em Calvinopolis. Já estava com duas lojas, e muito bem

estruturadas. Além do ramo têxtil, passou também a investir na área de utilidades domésticas.

Suas lojas além de lindas eram bem completas. Foi uma ascensão fantástica! Com tanto lucro, logo conseguiu comprar à vista um lindo apartamento, num dos edifícios mais conhecidos de Calvinopolis, o Solaris. O apartamento 402 era um dos mais lindos daquele residencial, aliás, o mais belo de todos. Tinha uma vista privilegiada.

A vinda para o Solaris proporcionou novos e bons amigos. Eram bem quistos por todos do edifício. Parecia tudo perfeito; um sonho de anos sendo realizado. Porém, com o passar dos dias, as coisas foram se complicando. Youssef se tornou um ótimo especialista em negócios, mas um péssimo “sacerdote do lar”. Na verdade, sua carga horária era tão extensa, que quase não tinha tempo de ficar em casa.

Aisha a caçula continuava focada; era impressionante sua capacidade intelectual, e seu modo organizado de tocar a vida. Já estava quase se formando em medicina. Foram anos e anos de muito estudo. Sua intenção agora seria o mestrado. Intencionava ir o mais longe possível, e se tornar quem sabe, a melhor neurologista de Calvinopolis. Com o passar dos dias, após sua formatura, começou a fazer “residência” no mais conceituado hospital da cidade, e se tornou com o tempo, uma das médicas mais requisitadas do Marjorie.

Por outro lado, Hassam, que desde os 15 anos, já demonstrava alguns lapsos de desvio de caráter, foi despertando o “leão adormecido” que havia dentro de si. Um belo rapaz, bem apresentável, porém, com sérios problemas de caráter e emocionais. Não gostava de trabalhar, desprezava os estudos; totalmente o oposto de Aisha.

Aisha era o orgulho da família, Hassam passou a ser o maior pesadelo. Causava terríveis conflitos dentro do edifício. Ninguém gostava dele; o apartamento 402 passou a ser o maior alvo dos comentários de todo o Solaris. Youssef sentia-se cada

vez mais constrangido, que evitava até transitar dentro de suas dependências.

Hassam tinha um temperamento rígido; vivia de trapaças, emprestava e não devolvia, comprava e não pagava. Era indiscutivelmente a “ovelha negra” da família. Dona Bahirah o defendia “com unhas e dentes”. Camuflava seus erros, exercia uma proteção acima da média pelo filho, maquiando assim, todas as suas presepadas. Literalmente, ele se escondia “debaixo da saia da mãe”. A situação se tornou ainda pior depois que conheceu Nestor, um traficante disfarçado de empresário.

Nestor morava próximo ao Solaris. Era também um rapaz muito bonito, porém, muito amistoso. Esbanjava roupas, sapatos e relógios de altas grifes, sem contar o belo “carrão” que vivia desfilando pelas ruas da cidade. Aquele belo Mercedes conversível - SLS AMG, de cor Cobre metálica, realmente chamava muito a atenção. Por outro lado, todos percebiam que havia algo muito estranho por detrás daquele belo rapaz. Tornaram-se amigos íntimos.

Hassam ficou pior do que já era; seu caráter descia cada dia “ladeira abaixo”. Vivia embriagado; e o pior, se viciou também em drogas. Nestor conseguia exercer uma influência fora do normal sobre ele. O que já era ruim, ficou muito pior. Juntos, frequentavam as festas da alta sociedade, que eram sempre regadas de muito sexo, drogas, e coisas que nem convém dizer.

Youssef revoltado com toda aquela situação, resolveu então desprezar o filho de vez. O convidou para se retirar de casa. Porém, Bahirah foi totalmente contra a atitude do marido, e um grande conflito surgiu entre eles. Ficaram sem se falar durante semanas. Hassam já estava atolado em falcatruas, estava até traficando drogas, fora certos envolvimento em negócios espúrios. Bahirah sabia de tudo, e se calava diante de todas essas barbaridades que o filho cometia. Aos poucos foi se conscientizando que com essa atitude, só complicava ainda mais as coisas. Amar de verdade não significa ser “conveniente”; mas muitas vezes “opponente”.

HASSAM E AS DROGAS

O cardápio atual de vida de Hassam era esse: mentiras, enganos, engodos, farsas, falcatruas, trapaças, e muitas maquinações. Por ser altamente influenciável, foi se perdendo cada vez mais. Começou pela maconha, mas com o passar do tempo, a maconha foi se tornando obsoleta, e o desejo por novas experiências iam se tornando cada vez mais arrojadas.

Passou então a consumir cocaína, as vezes LSD, chegou ao ponto de até cheirar cola de contato. Tudo se tornava conveniente após algumas doses de whisky. Sempre afirmava soberbamente que quando bem entendesse, largaria tudo. Foi um grande engano!!! A cada dia Hassam se afundava mais. Era um abismo chamando outro abismo. O rapaz tinha sangue nos olhos; quanto mais aventuras, mais excitado se sentia.

Tornou-se o maior aliado de Nestor. Aliás, era como uma verdadeira “mula” em suas mãos, e usado como um “instrumento de manobras”. Conforme corriam as notícias, no a família Medina no Solaris mais infamada ficava. Os condôminos evitavam qualquer tipo de contato com eles.

Quando completou seus 26 anos de idade Hassam passou a usar o crack. A queda foi ainda maior. Um jovem que aparentemente tinha de tudo, infelizmente, não dava valor a nada. Foi o seu período mais degradante. Seus valores morais descaíram por completo; se tornou irreconhecível em todos os aspectos. Perdeu totalmente o controle.

Nestor ao perceber o seu estado precário, resolveu desprezá-lo, foi se afastando aos poucos. Dependente da maneira como se encontrava, não lhe serviria para mais nada. O crack nocauteou Hassam. Magro, feio, descabelado, barbudo, sem dinheiro; expulso de casa, tornou-se um andarilho pelas ruas de Calvinópolis.

Aquele que insistia em dizer que a droga era apenas uma curtidão, estava prestes a perder totalmente o jogo, e por “game over”. O crack já estava deteriorando seus neurônios. A queda

foi muito rápida; de um rapaz de “fino trato, não passava agora de “um cadáver ambulante”. Até os latões de lixo pela cidade, agora revirava, em busca de algum alimento. Que decadência meu Deus!

Desempregado, sem formação acadêmica, morador de rua, como se manter? Não teria outra opção senão optar pelo roubo. No início foram pequenos assaltos. Com o tempo e agora em posse de uma arma, começou a exercer assaltos mais ousados; roubava carteiras, joias, celulares, relógios, e trocava tudo na “boca” por drogas. Passou a morar debaixo de um viaduto próximo ao centro da cidade. Aquele que dizia “controlar” agora estava sendo “controlado”. Eram viagens diárias entre o inferno, e o próprio inferno.

O FUNDO DO POÇO

Hassam foi perdendo vínculos, nem sua própria família queria aproximação. Dentro do Solaris as coisas foram ficando mais amenas após sua saída; os condôminos passaram tratar com mais dignidade a família Medina. Seu Youssef sempre foi um homem amável e comunicativo, dona Bahirah muito dócil, e Aisha além de linda e inteligente, vivia sempre com um belo sorriso estampado em seu perfeito rosto.

O alto consumo do crack transformou Hassam numa pessoa vulnerável, inquieta, ansiosa, depressiva, com mania de perseguição, isolada socialmente, e passou sofrer fortes alterações de humor. Sem contar as crises de saúde mental e física que passaram ocorrer quase que diariamente.

Toda aquela sensação de prazer transformara-se num contínuo tormento. Terríveis oscilações em seu caráter eram também constantes. O que já não era comum se tornou muito pior. Manipulador, irresponsável, agressivo, obsessivo nas mentiras, egocêntrico, intolerante. Seus problemas relacionais triplicaram; não conseguia lidar com as emoções negativas. Impulsivo, vítima de uma tristeza crônica e profunda, sua cabeça passou a ficar cheia de ideias suicidas.

COMO TUDO COMEÇOU

Hassam era um rapaz insatisfeito e totalmente ingrato. Não valorizava o grande esforço que os pais fizeram para proporcionar melhores condições de vida para toda família. Suas ambições e sonhos de consumo estavam muito além, uma verdadeira compulsão. Na verdade, ele desejava o mundo aos seus pés. Quando conheceu Nestor e a vida aparentemente fácil que mantinha, ficou mais fissurado ainda pelo poder.

Quando usou drogas pela primeira vez se sentiu totalmente leve e solto. Se viu envolvido por um extremo prazer que nunca havia sentido antes. Era uma nova sensação, como se estivesse em um outro mundo. Foi percebendo que a sensação pelas drogas estava atrelada ao pensamento. Parecia uma experiência surreal que ia além de um prazer físico, indo para o cerebral.

É por esse mesmo motivo que todo o viciado pensa que tem controle sobre a busca do próprio prazer. Costuma dizer que não usa a droga por ser um dependente, mas porque simplesmente deseja obter uma nova experiência transgênica. Tudo pela busca de um prazer rápido e imediato, que somente a droga aparentemente pode proporcionar. É desta forma sutil e traiçoeira que nasce a dependência química.

Para entender melhor esse processo, vale lembrar que no cérebro existem aproximadamente 100 bilhões de neurônios, células características do sistema nervoso, que possuem um corpo central e inúmeros prolongamentos ramificados: os dendritos. É através deles que o estímulo é conduzido de um para outro neurônio.

O que acontece quando a pessoa fuma, injeta ou cheira cocaína ou outras drogas químicas? A droga entope os receptores que reabsorvem a dopamina, deixando-a por mais tempo na sinapse (região de contato entre neurônios, células musculares ou glandulares), o que perpetua aquela sensação de prazer.

SITUAÇÕES E CAUSAS

Geralmente o dependente químico passou por algum tipo de trauma. Geralmente, com algumas exceções, sempre existe algum tipo de conflito interior dentro de um viciado. Situações mal resolvidas do passado, acabam gerando certos distúrbios emocionais no presente, principalmente as de âmbito familiar. E foi exatamente esse o caso de Hassam.

No lar dos Medinas existiam alguns reveses, como em todas as famílias. Predileção era o pior de todos. Dona Bahirah protegia Hassam demasiadamente, enquanto seu Youssef chegava quase que a idolatrar Aisha. Era uma verdadeira guerra silenciosa. Enquanto Bahirah dava do seu melhor por Hassam, Youssef se desdobrava por Aisha. Ele foi o maior incentivador de seus estudos. Seu sonho sempre foi fazer da filha a médica mais conceituada de Calvinopolis, e não poupou esforços para que isso acontecesse. Investiu, e investiu pesado! Aisha chegou a fazer estágio no Reino Unido, e com todas as despesas custeadas pelo pai. Já com Hassam, Youssef mal dialogava.

Mesmo sem demonstrar, Hassam cresceu sentindo-se rejeitado pelo próprio pai. Seus relapsos de rebeldia eram apenas uma maneira de chamar-lhe a atenção. Os moradores do Solaris cansaram de escutar gritos, brigas, e até objetos sendo lançados ao chão. Os vizinhos do mesmo andar principalmente, chegaram por diversas vezes interpelar o síndico, para que tomasse rígidas providências diante de todo aquele tormento, que era praticamente diário. No 402 muitas vezes o “chicote estalava”.

MOMENTOS QUE MUDAM A HISTÓRIA

Numa manhã de quinta-feira, onde praticamente havia um sol para cada Calvinopolense, Youssef como de costume, se dirigia para uma de suas lojas. Um pouco atrasado, quando de repente se fecha o farol, se depara com uma das piores cenas de sua vida. Mesmo a certa distância, visualiza um grupo de pessoas amotinadas debaixo do famoso viaduto Aristeu Lemos. Era um viaduto bastante conhecido, por concentrar um expressivo número de usuários de drogas; uma Cracolândia,

lugar esse, que muitos moradores de Calvinópolis evitavam passar.

A cena que via o impressionava, pois, eram homens e mulheres desfigurados, tipo mortos-vivos, devido ao estado precário que se encontravam. Ao fixar bem os seus olhos, se deparou com a imagem do próprio filho. Não conseguia acreditar no que estava vendo, porém, era a mais pura das realidades. Youssef passa por um “choque de realidade” naquele momento. Pela primeira vez em sua vida, sentiu uma profunda comoção pela vida do filho. Um filme se passa pela sua cabeça!

Sua vontade era a de sair correndo, porém, não conseguia se locomover. Ficou estático! Encostou o veículo, e mesmo tentando não acreditar, ao se aproximar, não teve mais dúvida, era ele mesmo. Hassam estava extremamente magro, cabeludo, barba enorme, e totalmente imundo. Irreconhecível!!!

Sem hesitar Youssef se aproximou do filho. Sentiu enorme compaixão! Se sentiu o maior responsável; se lembrou de algumas cenas da infância de Hassam. Poucas vezes o teve em seu colo. Quando chorava, logo mandava calar a boca, e sempre movido de muita raiva. Youssef estava tendo naquele momento um outro “choque de realidade”. A vida é assim mesmo, para cada atitude, existe uma consequência.

Abraços são terapêuticos. Gestos de carinho promovem curas indescritíveis. Precisamos entender desde a tenra idade de uma criança, as 5 linguagens de amor. Isso pode mudar um destino! Youssef teve muitas conquistas desde Djibuti até o Brasil, mas nenhuma conquista sobrepõe uma estrutura familiar. É a famosa frase de caminhão: “Nenhum sucesso compensa o fracasso do lar”,

NUNCA É TARDE PARA RECOMEÇAR

Foi essa a conclusão que teve; diante daquele protótipo do próprio inferno. Pela primeira vez em sua vida, sentiu a verdadeira importância da palavra PAI. Um caloroso abraço

entre eles foi inevitável. Choravam com intensidade; porém, não havia nenhuma expressão verbal. Aquele corpo esquelético, fétido, fragmentado pela vida, gritava muito mais alto do que meras palavras. Hassam estava à beira do óbito. Aquele encontro ocorreu no momento correto. Uma pneumonia eosinofílica crônica o mataria em poucos dias.

— *“Vamos embora filho! Aqui não é o seu lugar. Venha comigo, você precisa de ajuda.”*

Hassam estava tão debilitado que mal conseguia caminhar por si mesmo. Youssef o abraçou com ternura novamente. Já nem se lembrava da última vez que o tinha abraçado. Foram para casa; ao chegarem deu-lhe um banho; estava tão fétido que o apartamento ficou impregnado com o cheiro daquela catinga horrível. Evitavam até respirar com profundidade.

O pródigo havia retornado!!! Sem palavras, sem questionamentos, Youssef, Bahirah, Aisha e Hassam se abraçaram por um longo tempo. Depois de se alimentar Hassam foi para o seu antigo quarto repousar. Ficou emocionado ao entrar, pois, permanecia tudo intacto, limpo e aromático, desde a última vez que dali saiu.

— *“Meus Deus, me sinto no próprio céu”.*

No dia seguinte logo pela manhã, Youssef o internou numa clínica habilitada em recuperação de dependentes químicos. Foi próprio Hassam que pediu! Com o passar dos dias foi obtendo forma. Permaneceu internado durante todo o período estipulado pelos médicos responsáveis da clínica, e depois voltou para casa. É, realmente o amor cura. As cenas dos próximos capítulos serão muito mais interessantes!!!

UMA REFLEXÃO:

“Os filhos dos filhos são uma coroa para os idosos, e os pais são o orgulho dos seus filhos”. (Provérbios 17:6).

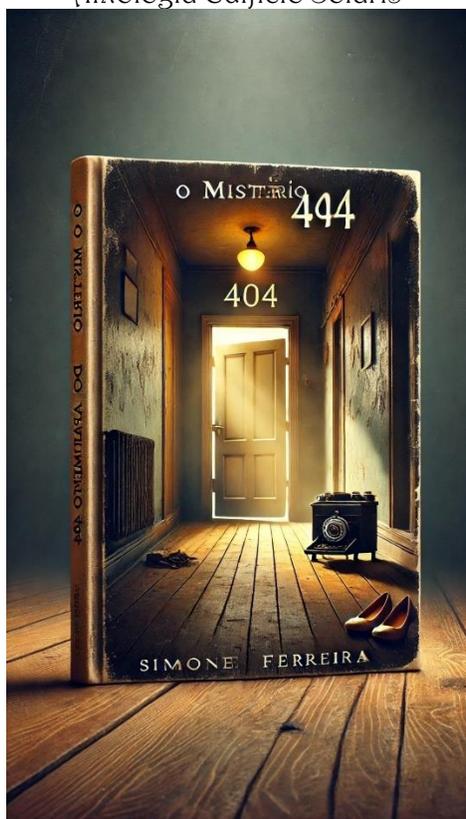
Antologia Edifício Solaris

“Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles”.
(Provérbios 22:6).

Nunca é tarde para se reparar erros que foram cometidos, e permitir que Deus seja o eixo central da nossa família. Os Medinas nunca mais foram os mesmos!!!



Simone é escritora apaixonada por histórias que prendem o fôlego e aguçam a mente. Com um talento nato para criar tramas envolventes no universo do suspense policial, ela conduz seus leitores por labirintos de mistério, emoção e reviravoltas inesperadas. Artista independente e ilustradora dedicada, Simone une palavras e imagens com maestria, dando vida a personagens intensos e cenários cheios de atmosfera. Sua escrita é marcada por sensibilidade estética e um olhar afiado para os detalhes — uma combinação que transforma cada página em uma experiência visual e narrativa única.



Apartamento 404: O mistério do apartamento 404

Simone Ferreira

Toc,toc,toc... Um som abafado soou na porta enquanto o morador do apartamento vizinho mais uma vez resmungava pelo barulho da noite anterior. Não era como seu loft em Nova Iorque, mas daria para o gasto até que suas coisas chegassem, avesso a conversas, pelo menos as que não diziam respeito a si, Tony colocou seu fone de ouvido, aumentou o volume e ignorou toda e qualquer coisa que o tirasse de seu momento de descanso ouvindo um Smooth Jazz. Abriu um vinho em mais um

ritual de degustação, mirou pela janela nada além da vista da praça e alguns transeuntes naquele lugar onde o tempo se arrastava como uma lesma gosmenta em uma folha de filodendro.

O ar bucólico das poucas pessoas sentadas em volta do coreto, o marasmo daquela cidade eram o contraste de seus dias na Grande Maçã. Embora bem localizado, vez ou outra o velho Solaris tinha lá seus dias de pane e foi num desses dias que Tony em busca do quadro de distribuição de energia encontrou uma porta entreaberta entre a escada para o hall de entrada e o elevador, passara tantas vezes por ali, não que fosse desatento, mas nunca a tinha percebido. Olhando para ter certeza de que não seria visto, abriu silenciosamente a porta e entrou, o ambiente cheirava a mofo e umidade, estranho, mas uma luz fraca e tremulante vinha lá de baixo, ele pareceu ver a silhueta de uma pessoa se esquivando ao ser descoberta, descendo cuidadosamente as escadas pouco a pouco aquela luz foi se apagando e ele se viu na mais completa escuridão. Ia procurar por um isqueiro em seu bolso quando sentiu uma pancada na cabeça e o que estava escuro agora era uma imagem pastosa enquanto tentava abrir seus olhos em sua cama ao amanhecer do dia seguinte. Ainda tonto ele se apoiou em sua escrivaninha e depois na porta do banheiro, no banho deixou a água quente cair em seu rosto tentando buscar em sua memória alguma coisa que o levasse novamente à noite anterior. Ao descer as escadas Farias o porteiro varria o hall do prédio e o cumprimentou, por um momento hesitou questionar sobre a porta mas apenas

acenou com a cabeça ainda dolorida pela pancada e seguiu para a redação do Jornal da Cidade.

Em seu carro, Tony observava seu reflexo no vidro sujo da janela. A dor na cabeça ainda pulsava, mas o que mais o incomodava era aquela sensação incômoda de que algo havia sido arrancado da sua memória. Quanto mais tentava se lembrar da noite anterior, mais nebulosa a lembrança ficava — como uma fotografia borrada.

Ao chegar à redação, jogou a mochila sobre a mesa, abriu o notebook e tentou, sem sucesso, se concentrar no artigo sobre a nova licitação da prefeitura. Mas sua mente insistia em voltar para a porta misteriosa, a luz tremulante e a sombra que ele jurava ter visto.

— Tá tudo bem, Tony? — perguntou Cláudia, sua colega de mesa.

— Sim... Quer dizer, não sei. Você já ouviu falar de alguma história estranha no Solaris? — ele respondeu, quase sem perceber que estava pensando alto.

— Solaris? Ah, aquele prédio antigo na Rua dos Remédios? Cara, tem cada lenda sobre aquele lugar... Tem até uma história de um apartamento fantasma, o tal do 404. Dizem que ninguém mora lá há anos, mas volta e meia os moradores reclamam de barulhos, como se alguém estivesse arrastando móveis ou batendo na parede. Por quê? — ela perguntou, semicerrando os olhos como quem fareja uma boa pauta.

Tony gelou. Seu apartamento era justamente o 404. Boatos contavam que nunca viam ninguém entrar ou sair, mas sempre

presumiram que estivesse vazio. O que explicaria os toques na porta? E a silhueta na escada? Um calafrio subiu-lhe pela nuca.

Com a desculpa de buscar um café, ele pegou seu celular e começou a vasculhar fóruns e grupos sobre histórias urbanas em Mogi. Entre teorias exageradas e relatos improváveis, algo chamou sua atenção: uma antiga notícia de 1957 sobre um sumiço misterioso no prédio Solaris. A moradora do apartamento 404, uma jovem recém-chegada de Minas, desaparecera sem deixar rastros. Segundo relatos de vizinhos, ela costumava passar horas trancada no apartamento e, nas semanas que antecederam seu desaparecimento, ouviram-se ruídos estranhos e até gritos abafados vindos de lá.

Tony apertou o copo de café entre os dedos. Sua mente fervilhava. Era coincidência demais.

Ao voltar para casa naquela noite, ele tentou resistir à curiosidade, mas era impossível. Cada degrau da escada rangia como se o prédio quisesse alertá-lo a não continuar. Quando parou diante da porta entreaberta, respirou fundo e acendeu a lanterna do celular.

Dessa vez, não havia luz tremulante lá embaixo, apenas um corredor estreito coberto de poeira e teias de aranha. O cheiro de mofo era mais forte e o silêncio, opressor. Ele deu o primeiro passo, sentindo o coração bater na garganta.

No fundo do seu corredor, uma porta de madeira escura, marcada pelo número 404 em tinta desbotada, parecia esperá-lo. E, ao tocar a maçaneta gelada, ouviu novamente o som: **Toc, toc, toc...**

A porta rangeu ao abrir, como se não fosse tocada há anos. Tony engoliu seco. A luz fraca do corredor invadia o ambiente, revelando uma sala que ele não reconhecia mais como sua e uma camada de poeira sobre o velho piano que fazia parte da mobília. Um cheiro de perfume misturava-se com algo metálico e ácido, uma combinação difícil de identificar.

O apartamento parecia congelado no tempo. Tomando coragem entrou e como se aquilo não estivesse ali antes viu jornais espalhados pelo chão, todos datados de 1957 — o mesmo ano do desaparecimento da fotógrafa. Na parede, algumas fotografias em preto e branco estavam pregadas de forma caótica, como se alguém as tivesse colado com pressa ou desespero. Algumas mostravam a própria fachada do Solaris, outras retratavam rostos borrados, como se a câmera tivesse tremido no momento do clique.

Tony se aproximou de uma das imagens. No reflexo de uma janela, um rosto o encarava. Mas não era um rosto qualquer. Era o dele. Mesmo sem lembrar de ter sido fotografado, lá estava sua expressão confusa, congelada em uma imagem que parecia tirada da noite anterior.

Ele deu um passo para trás, derrubando um copo de vidro esquecido sobre a mesa. O barulho ecoou pelo apartamento. No instante seguinte, a porta de entrada se fechou sozinha com um estrondo, como se algo invisível quisesse prendê-lo ali.

O coração de Tony disparou. Ele puxou a maçaneta, mas a porta não cedia. Seu celular vibrou no bolso, uma notificação de número desconhecido:

“Você já esteve aqui antes, Tony.”

As mãos começaram a suar. Ele olhou em volta, buscando outra saída, quando ouviu passos arrastados vindos do quarto. Cada passo parecia mais próximo, mais pesado. A respiração dele ficou presa na garganta. Quando a porta do quarto se abriu lentamente, apenas uma fresta revelou um vulto imóvel, envolto por sombras.

Tony queria correr, gritar, mas seu corpo não obedecia. O vulto deu um passo para fora e, sob a luz pálida que vinha da janela, revelou-se. Era a fotógrafa desaparecida. Pele pálida como papel, olhos fundos e lábios secos, como se o tempo a tivesse sugado para fora da realidade. Em suas mãos, uma câmera antiga, a mesma que provavelmente havia registrado a foto dele.

— Por que você voltou? — a voz dela saiu fraca, quase um sussurro.

Tony tentou responder, mas sua garganta parecia costurada. Ela deu mais um passo, e então ele viu: em seu pulso, havia uma pulseira de hospital com o nome “Antônio Vieira Neto” — seu nome completo.

— Eu nunca saí daqui... — ele murmurou, sem entender se falava por si ou por ela.

A memória começou a se fragmentar em flashes confusos: a mudança para o Solaris, uma noite de chuva, o toque na porta, o som de uma câmera disparando. Cada peça encaixava-se como um quebra-cabeça do qual ele sempre foi parte, mesmo sem saber.

O 404 não era apenas um apartamento que estava para alugar por um preço convidativo... Era uma armadilha de memórias esquecidas. E agora, preso entre o real e o desconhecido, Tony percebeu que talvez sair dali fosse muito mais difícil do que entrar.

Atrás dele, a porta rangeu novamente — mas dessa vez, não havia ninguém para abrir.

Tony pensava que talvez sair dali fosse muito mais difícil do que tentar explicar para alguém tudo aquilo.

O suor frio escorria pelas têmporas enquanto sua mente lutava para organizar os fragmentos de lembranças, como um filme antigo e mal editado passando em velocidade acelerada. Cada passo que dava para trás, o levava mais para dentro daquele espaço, como se o apartamento engolisse suas intenções e transformasse a saída em miragem.

A fotógrafa ainda o encarava, imóvel, como se esperasse que ele dissesse algo — ou lembrasse de algo. A câmera pendurada em seu pescoço parecia vibrar levemente, como se estivesse viva, pulsando no mesmo ritmo do coração de Tony. Ele tentou afastar o olhar, mas os olhos dela o puxavam para um lugar escuro dentro de si mesmo, um espaço que ele evitava há anos.

— Você sabe quem eu sou, Tony? — a voz dela soou mais firme agora, ecoando nas paredes descascadas.

Ele balançou a cabeça em negação.

— Não. Eu nunca te vi antes.

A fotógrafa sorriu de canto, um sorriso carregado de pena e ironia, como quem escuta uma mentira que já não engana mais ninguém. Ela estendeu a câmera em sua direção e, contra a própria vontade, Tony segurou o objeto. Os dedos tremiam ao tocar a superfície fria e metálica. Quando olhou pelo visor, seu próprio reflexo apareceu — mas não era ele agora. Era ele, anos antes, chegando ao Solaris com uma mala pequena e um contrato amassado no bolso.

As imagens começaram a passar sozinhas, uma sequência vertiginosa de registros que ele não lembrava de ter vivido. Lá estava ele batendo na porta 404 pela primeira vez. Lá estava ele conversando com a mesma fotógrafa que agora parecia um fantasma diante dele. E então, a cena final: ele saindo correndo do apartamento, as mãos sujas de sangue, a câmera dela caindo no chão.

O choque o fez largar a câmera, que caiu no assoalho com um som seco.

— Eu... Eu te machuquei? — a pergunta escapou antes mesmo que ele processasse o que dizia. — Não foi você quem me machucou, Tony. Foi você quem tentou me salvar. Mas nem todo mundo pode ser salvo. Nem você.

A luz do apartamento começou a piscar, como se o prédio inteiro respirasse junto daquela confissão. As paredes pareciam encolher e os sons de fora — buzinas, passos no corredor, até o rádio do porteiro — ficaram abafados. Tony percebeu que o 404 não era um apartamento comum. Era uma dobra no tempo, uma

ferida aberta na história do prédio, havia uma armadilha que prendia quem ousava cruzar sua porta.

E ele já havia cruzado uma vez. Talvez não tivesse saído completamente. Talvez uma parte dele sempre tivesse ficado ali, esperando por sua volta. Agora, ele entendia: a dificuldade não era explicar, mas aceitar. Aceitar que o maior mistério do 404 não era o que acontecia ali dentro — era o próprio Tony.

— O que eu faço agora? — ele perguntou, a voz quebrada.

A fotógrafa deu um último sorriso triste antes de desaparecer como fumaça dispersa no ar frio. A porta atrás dele se abriu sozinha, revelando o corredor iluminado do Solaris, como se nada tivesse acontecido.

Mas Tony sabia. Alguma coisa tinha mudado para sempre. E enquanto ele voltava para seu apartamento, o som ecoou de novo — **toc, toc, toc** — desta vez, vindo de dentro do seu próprio quarto.

Suas mãos ainda tremiam quando abriu a velha caixa de papel fotográfico, resgatada do fundo de uma gaveta esquecida. A câmera analógica, que ele nem lembrava mais de possuir, estava ali — coberta por poeira, mas perfeitamente funcional. Ele não sabia explicar o motivo, mas sentiu uma necessidade urgente de revelar os filmes que estavam dentro dela.

A pequena câmara escura improvisada no banheiro serviu ao propósito. Com a luz vermelha acesa e o som distante da cidade invadindo pela janela, Tony mergulhou os negativos em líquidos químicos, assistindo as imagens emergirem como fantasmas vindos do passado.

Foi então que **ele viu**.

A primeira foto mostrava a porta do apartamento 404, parcialmente aberta, como a encontrara na primeira vez que visitou o prédio com o corretor de imóveis. A segunda capturava uma silhueta no final do corredor — alguém espiava, mas o rosto estava borrado, irreconhecível. Até aí, tudo poderia ser explicado como nervosismo, uma mente cansada projetando imagens que talvez não estivessem ali.

Mas a terceira foto congelou seu sangue.

Era uma imagem dele mesmo, dormindo. No seu próprio quarto. Fotografado de um ângulo impossível para alguém que estivesse fora do apartamento. Sua expressão era serena, mas o detalhe mais perturbador estava no fundo: a porta do banheiro entreaberta, e atrás dela, **a mesma silhueta que ele viu no porão**.

Respirando cada vez mais rápido, Tony virou as fotos seguintes. Cada uma parecia contar uma história que ele não lembrava de ter vivido: ele subindo as escadas do Solaris com os olhos vidrados, como se estivesse sendo guiado por algo; ele diante de um espelho sujo, com as palavras “você prometeu” escritas com batom; ele saindo de um apartamento com as mãos ensanguentadas.

E então, a última foto.

Uma imagem desfocada de uma parede completamente escura, exceto por uma marca clara: o número "404", desenhado em algo que parecia... sangue.

Tony recuou, tropeçando no tapete. Seu coração martelava tão forte que ele mal conseguia ouvir o próprio pensamento. Como aquelas fotos foram parar ali? Quem tirou? Ou pior... **foi ele mesmo?**

Ele tentou encontrar sentido, conectar pontos soltos na mente embaralhada. Mas cada resposta parecia criar uma nova pergunta. Ele precisava sair dali. Precisava de ar. Precisava saber se tudo aquilo era fruto de sua imaginação ou algo muito mais profundo e perigoso.

Quando abriu a porta do apartamento para correr escada abaixo, deu de cara com Farias, o porteiro, segurando um envelope pardo.

— Isso chegou pra você, seu Tony — disse, estendendo o envelope com a expressão neutra de quem não sabia, nem queria saber, o que estava acontecendo.

Tony pegou o envelope, fechou a porta e rasgou a aba com dedos trêmulos. Dentro, havia apenas uma folha de papel amarelado, com uma única frase escrita em letras grandes e tremidas:

“VOCÊ NUNCA FOI EMBORA.”

Seu interfone tocou.

Tony hesitou, mas atendeu.

— Apartamento 404, por favor — disse uma voz feminina do outro lado da linha.

Era a voz de Lilith, ela se dizia cigana e atendia seus clientes no apartamento no andar de baixo.

A voz dela soou urgente, entrecortada, como se tivesse acabado de subir correndo as escadas: — **Tony... você tá em casa? Eu preciso falar com você. É sobre o 404.**

Tony gelou. Até então, Lilith nunca havia demonstrado qualquer interesse em conversa fiada — mal trocavam cumprimentos no elevador. Algo na voz dela, no tom ofegante e tenso, fez com que ele apertasse o botão da portaria e liberasse sua entrada.

Poucos segundos depois, três batidas rápidas soaram na porta. Tony destrancou e Lilith entrou como uma rajada de vento, trancando a porta atrás de si e espiando pelo olho mágico, como se temesse ser seguida.

— Eu sabia que uma hora ia acontecer — ela disse, sem cerimônia, encarando Tony como se o conhecesse melhor do que ele próprio.

— Sabia o quê? O que tá acontecendo aqui? — ele retrucou, sem esconder a impaciência e o nervosismo.

Lilith puxou uma pasta velha de dentro da bolsa. Papéis amarelados, registros antigos e fotos em preto e branco escorregaram sobre a mesa da sala. Eram **fichas de moradores antigos do Solaris**, todos aqueles que, em algum momento, ocuparam o apartamento 404. E no meio das fotos, uma chamou atenção de Tony como um soco no estômago: **era ele**. Mais jovem, com um sorriso forçado no rosto, segurando um contrato de locação datado de **1957**.

— Isso é impossível — ele murmurou, os olhos arregalados.

— Eu me mudei pro Solaris há poucos meses... isso não pode ser real.

— É sim — disse Lilith, sem desviar o olhar. — Porque você já morou aqui antes. No 404. Você e a fotógrafa. E vocês... vocês desapareceram juntos.

Tony sentiu o chão sumir sob seus pés. A dor na cabeça latejou mais forte, como se a verdade estivesse tentando romper alguma barreira interna que ele mesmo havia criado. As memórias voltavam em flashes desconexos: ele chegando com malas, ele e a fotógrafa — Lilith a chamou de **Estela** — rindo no corredor, os dois transformando o pequeno apartamento num lar cheio de planos e fotos penduradas.

Mas os flashes começaram a escurecer. Vieram as brigas. As portas batendo. A câmera dela caindo no chão e o sangue. Tanto sangue.

— Eu... eu a Estela? — Tony perguntou, a voz um fio trêmulo.

— Não. — Lilith respondeu. — Vocês desapareceram juntos. Você voltou. Ela ficou. Presa lá. O 404 é uma cicatriz no tempo, Tony. Quem entra nele nunca sai inteiro.

As mãos de Tony tremiam tanto que ele derrubou a foto que segurava. Ao pegar do chão, viu uma anotação rabiscada no verso:

“Se eu desaparecer, não me procure. Ele quer me manter aqui.”

— Ele quem? — Tony perguntou.

Antologia Edifício Solaris
Lilith respirou fundo antes de responder:

— **O prédio.**

O Solaris não era apenas um prédio antigo e mal cuidado. Ele era **vivo**. Alimentava-se da dor, das memórias e das histórias inacabadas dos seus moradores. E o 404 era o coração pulsante dessa entidade, o epicentro de tudo que desaparecia entre suas paredes.

— E agora? O que eu faço? — Tony perguntou, o suor escorrendo pelas costas.

Lilith o encarou com pesar.

— Ou você lembra de tudo e fecha essa porta pra sempre... ou você se torna parte dela.

Foi então que a luz piscou e, no reflexo da janela, Tony viu o impossível: **ele próprio, parado na porta do 404, olhando diretamente para dentro do seu apartamento.**

— Meu Deus... — ele sussurrou. — Eu sou o próximo.

Solaris, 1957

As luzes amareladas do velho prédio tremulavam com a oscilação da rede elétrica. O rádio do porteiro sintonizava uma estação de samba-canção, enquanto o cheiro de café amargo impregnava o hall de entrada. O Solaris era considerado moderno para sua época, mas já carregava em suas paredes os segredos de um passado inquieto.

Na manhã de 7 de junho, o corpo de **Eduardo Bianchi**, jovem jornalista da recém-criada coluna de variedades do **Jornal da Cidade**, foi encontrado sem vida no pequeno apartamento 404. A porta estava trancada por dentro, e sobre o peito dele

repousava uma fotografia em preto e branco — a imagem de **Estela Monteiro**, uma fotógrafa a frente de seu tempo famosa por cobrir eventos da high society da noite mogiana, conhecida não só por sua beleza estonteante, mas por seus escândalos e envolvimento com políticos e empresários da época.

Os primeiros policiais a chegarem à cena descreveram um quadro inquietante: Eduardo jazia de olhos abertos, como se sua última visão tivesse sido algo impossível de explicar. Não havia sinais de luta, arrombamento ou qualquer indicativo de violência física. Ao lado de sua mão, uma câmera Rolleiflex com o filme parcialmente exposto. O que foi registrado naquela película nunca veio a público — o rolo desapareceu misteriosamente durante a investigação.

Os poucos vizinhos que se arriscaram a dar depoimento mencionaram que, nas noites anteriores à sua morte, Eduardo parecia atormentado. Era visto descendo as escadas do Solaris no meio da madrugada, sempre com a mesma fotografia de Estela nas mãos, murmurando palavras desconexas: **“Ela me vê... ela me chama...”**

A história ganhou manchetes discretas e logo caiu no esquecimento. A polícia concluiu que fora uma **morte por causas naturais**, agravada por estafa e insônia crônica — uma explicação conveniente demais para quem conhecia a fama do apartamento 404.

Nos bastidores do jornal, colegas de Eduardo sussurravam uma versão diferente. Diziam que o jovem jornalista vinha investigando uma rede clandestina de chantagens envolvendo

figuras poderosas e a elite artística da época. Estela Monteiro era a peça central dessa teia perigosa, e Eduardo teria conseguido uma prova definitiva contra alguém muito influente. O problema é que, depois daquela noite, **ninguém nunca mais viu Estela**. Ela sumiu, das colunas sociais e da própria história.

Alguns afirmavam que ela fugiu para a Argentina. Outros, que ela foi silenciada. Mas os mais antigos diziam que Estela nunca deixou o Solaris. Sua imagem, capturada naquela fotografia, era tudo o que restava dela — e quem ousasse possuir essa foto seria marcado pela mesma maldição que levou Eduardo.

Com o tempo, o caso virou lenda entre jornalistas e boêmios da Avenida Pinheiro Franco. O apartamento 404 ficou vazio por anos, mas histórias sobre luzes acesas durante a madrugada, sons de sussurros femininos e flashes de câmera vindos de dentro do quarto continuaram a circular.

Décadas depois, Tony — sem saber — entrou nesse mesmo apartamento. E quando encontrou a pasta amarelada de Lilith, entre os documentos esquecidos estava **aquela mesma foto**: Estela Monteiro, sorrindo sedutora para a lente, como se soubesse que sua história **ainda não havia terminado**.

Aquilo deixou Tony estarrecido. A fotografia tremia em suas mãos suadas, como se tivesse peso próprio, como se carregasse a energia de tudo que aconteceu no Solaris desde aquela noite em 1957. O sorriso de **Estela Monteiro** era perturbador — não era apenas uma pose sedutora, era algo mais. Um convite? Um

aviso? Ou a certeza de que ela, de alguma forma, ainda estava ali, esperando ser encontrada?

Lilith percebeu o olhar perdido de Tony e puxou a cadeira para se sentar ao lado dele. — Você entende o que isso significa, não entende? — ela perguntou, em tom grave.

Tony balançou a cabeça, sem saber se queria ouvir a resposta.

— A história de Eduardo nunca terminou. Porque o 404 não é só um apartamento... é um **arquivo morto**. Tudo o que acontece ali, fica preso, como um eco infinito. As pessoas somem, mas suas histórias não. Elas se misturam, se repetem, voltam de outro jeito. E você... — Lilith hesitou — você é parte disso agora.

Tony encarou a foto novamente e, por um instante, teve a nítida impressão de que os lábios de Estela **se moveram**, como se sussurrassem algo. Ele jogou a foto sobre a mesa, afastando-a como se queimasse suas mãos.

— Isso é loucura — murmurou. — Eu não acredito em maldição, nem em fantasma, nem nesse papo de eco temporal. Deve haver uma explicação lógica.

Lilith riu com uma amargura antiga.

— Foi exatamente isso que Eduardo disse... dias antes de ser encontrado morto com essa mesma foto no peito.

O som abafado de **um clique de câmera** ecoou pelo apartamento, embora não houvesse ninguém ali além dos dois. Tony correu até a janela, mas o corredor estava vazio. Quando voltou para a mesa, havia uma nova foto ao lado da antiga —

uma imagem tirada segundos antes, mostrando ele e Lilith sentados, com expressões apavoradas. Mas o que mais chamou atenção foi a figura desfocada atrás deles: uma silhueta feminina, esguia, de vestido brilhante e olhar cravado diretamente em Tony.

Estela Monteiro.

— Chega — Tony disse, a voz trêmula de adrenalina. — Eu vou até o arquivo do Jornal da Cidade. Se Eduardo escreveu algo antes de morrer, eu preciso saber.

Lilith se levantou rápido.

— Eu vou com você. Sozinho, esse prédio não vai deixar você sair.

Os dois saíram do apartamento, descendo as escadas de maneira apressada. O elevador, claro, estava parado no 4º andar, com a porta entreaberta e a luz interna piscando sem parar. O próprio prédio parecia respirar mais pesado, como se percebesse que sua história secreta estava prestes a ser exposta.

No caminho para o jornal, Tony mal conseguia raciocinar. Tudo nele pedia para esquecer, para fingir que nada daquilo era real — mas era tarde demais. O 404 já o havia marcado, como marcara Eduardo, e todos os outros antes dele.

No subsolo abafado do jornal, entre arquivos empoeirados e gavetas rangendo, Tony encontrou a pasta de Eduardo Bianchi. O último artigo dele nunca foi publicado — uma folha amarelada, datilografada às pressas, com a fita de tinta falhando em vários pontos. Mas a frase final estava perfeitamente legível:

“A morte de Estela Monteiro foi encenada. Ela nunca saiu do 404. Ela está esperando pelo próximo.”

Tony deixou o papel cair de suas mãos. O próximo era ele.

E então, o telefone do arquivo tocou. Um aparelho antigo, de disco, com toque estridente. Lilith olhou para Tony e ele para ela, o coração disparado.

Tony atendeu.

— **Pronto?** — sua voz saiu trêmula.

Do outro lado da linha, uma voz feminina suave, levemente rouca, quase um sussurro sensual:

— **Você demorou... estava te esperando, Tony.**

Era como se aquela voz fosse de... **Estela Monteiro.**

Tony puxou uma cadeira ao lado de Lilith e, juntos, passaram horas decifrando os papéis amarelados do arquivo do Jornal da Cidade. Entre recortes, notas manuscritas e fotos mal impressas, uma linha tênue conectava cada morador do **404** desde a inauguração do Solaris. Nenhum deles saía ileso. Desaparecimentos misteriosos, surtos psicóticos, mortes inexplicáveis — cada história era uma peça de um quebra-cabeça sombrio. E em todas elas, o nome **Estela Monteiro** aparecia como um fantasma recorrente.

Eduardo Bianchi, o jovem jornalista dos anos 50, havia descoberto um escândalo que envolvia políticos, empresários e a elite cultural da época. Estela não era apenas uma fotógrafa famosa — ela era **testemunha e cúmplice** de uma rede de corrupção, chantagens e festas privadas no próprio apartamento 404. Quando ela tentou se afastar e fugir para

contar a verdade, foi silenciada. Oficialmente, sumiu. Extraoficialmente, seu corpo jamais deixou aquele apartamento.

Eduardo descobriu tudo isso, e por isso morreu. Desde então, Estela se tornou parte do próprio edifício, uma memória que o Solaris se recusava a esquecer — aprisionada entre suas paredes, como uma cicatriz na própria história do prédio. Quem morava no 404, sem saber, ocupava o mesmo espaço que seu espírito inquieto, revivendo fragmentos daquela última noite fatal. **O apartamento não era amaldiçoado porque Estela o assombrava. Ele era amaldiçoado porque se tornou parte dela.**

Com cada nova página desvendada, Tony e Lilith entendiam que a única forma de escapar era desvendar e revelar toda a verdade. Ao amanhecer, escreveram um dossiê completo, cruzaram informações, reuniram fotos, cartas e até mesmo a filmagem deteriorada de uma antiga festa no apartamento, onde Estela aparecia pela última vez. Enviaram tudo para um jornalista independente, alguém sem laços com o sistema corrompido que ainda resistia no submundo da cidade.

Com a verdade enfim exposta ao mundo, Tony e Lilith pegaram suas coisas e deixaram o Solaris para trás, jurando nunca mais voltar. **Mudaram-se para o interior, onde o céu era limpo, as noites silenciosas e o passado, finalmente, parecia distante.**

Nos primeiros meses, Tony voltou a fotografar, agora registrando paisagens e não sombras. Lilith abriu uma livraria

Antologia Edifício Solaris
esotérica de bairro, trocando o medo por histórias de ficção controlada. Tudo parecia em paz.

Até aquela noite.

Sentado sozinho em um pequeno bar, Tony saboreava um vinho e ouvia o som suave de um **smooth jazz** que tocava baixinho no ambiente. O saxofone enchia o ar com uma melodia sedutora e nostálgica, que ele reconheceu de imediato — a mesma música que tocava no Solaris naquela noite em que tudo começou.

Ele se virou, o coração batendo mais forte sem motivo aparente. No balcão, uma mulher de vestido brilhante girava o gelo em seu copo, sem encará-lo diretamente. E então, uma voz baixa, rouca e familiar sussurrou atrás dele, próxima o suficiente para arrepiar sua nuca:

— **Darling... senti tanta saudade.**



Olá, eu sou João Bernardo de Souza Freire, tenho 18 anos, quase 19. Nasci e cresci em Petrópolis, uma das cidades mais belas do estado. Desde pequeno, fui ensinado a cantar, tocar instrumentos, atuar e, indiretamente, a escrever. Meus familiares e amigos me descrevem como um caso clássico de "velhice precoce". Apesar disso, tornei-me um ser pensante e crítico de tudo que a sociedade tende a normalizar de forma a não ferir velhos costumes desrespeitosos e resultantes de gerações de condicionamento. Sou também poeta, escritor e amante das mais profundas artes do ser. Escrevo fantasias, romances e poesias. Amo gatos, cães e, em especial, a vida marinha. Atualmente, estou cursando enfermagem por necessidade de ser aquilo que me parece uma utopia: o pupilo de Florence Nightingale.



Apartamento 501: Senhora Hellen

João Starck

Acordo. Já nem sei se posso fazer uso de tal expressão. Na verdade, eu não cheguei a dormir. Apenas deitei onde meu corpo repousava nas noites de descanso, amargurada por saber que se recompunha apenas para ser expropriada novamente. O sofá de veludo vinho, agora manchado de um tom escuro e opaco, sustentava meu cadáver com a mesma indiferença com que sustentara minhas tardes de chá e leitura. O tecido gasto entregava anos de uso, e o odor de mofo e perfume envelhecido se misturava ao cheiro ferroso que impregnava o ar. A sala

permanecia intocada, como se o tempo tivesse parado no instante em que fui assassinada. A cortina de renda amarelada filtrava a luz do amanhecer, lançando padrões trêmulos no carpete puído. A poeira dançava nos feixes dourados que atravessavam as persianas manchadas, sem pressa, como se zombasse da minha inércia. Onde eu estava, afinal?

— Sala. — disse para mim mesma, encarando o corpo que já deveria estar fétido. Meu cadáver jazia ali, a cabeça pendida para o lado, os olhos opacos fitando o nada.

— Que droga, não, Helen? — Cutuco meu próprio ombro, mas minha mão translúcida não encontra resistência — Vou passar café.

Me dirijo à cozinha, cujos azulejos esverdeados perderam o brilho há décadas. O chão de linóleo range sob meus passos etéreos, uma lembrança fantasmagórica dos dias em que eu ainda possuía peso no mundo. O cheiro de café costumava inundar o apartamento todas as manhãs, impregnando até as paredes. Mas agora, a chaleira de esmalte azul repousa intocada sobre o fogão, e ao tentar segurá-la, meus dedos simplesmente a atravessam.

— Ora... Isso é engraçado.

Sorriso amargamente. Falar sozinha agora faz parte da rotina, já que os vizinhos deixaram de bater à porta há tempos. Será que notaram a ausência do cheiro de café forte pelo corredor? Provavelmente não.

— Sem café para nós então, Helen. Que tal dançar?

Me arrasto até a sala e ligo a TV com a força do pensamento. A energia estática me atravessa, provocando uma sensação rarefeita de dor. Era tudo que ainda conseguia sentir. A tela pisca, e a música preenche o silêncio opressor. *“This is Who I Am – Celeste.”* Uma escolha irônica.

O tapete da sala se torna meu palco. O lustre de vidro, agora coberto por uma camada de poeira, brilha tenuemente com o reflexo da tela. Giro sobre os pés que já não tocam o chão, os movimentos fluidos como nunca foram em vida. Enquanto viva, minhas articulações gritavam a cada arabesque. Agora, danço sem limitações. A cada pirueta, a sombra do meu corpo inerte no sofá se torna mais e mais irrelevante. Então, ajoelho-me diante do cadáver, as mãos trêmulas sobre os joelhos espectrais.

— Idiota! Você precisava mesmo oferecer comida a um velho? Você é tola, coreografou o próprio fim.

Cuspo as palavras para o corpo frio, os olhos vazios mirando o teto como se ainda esperassem por uma resposta.

Levanto-me, pesando menos do que nunca, e vago até o quarto deles. O antigo refúgio de meus filhos permanece intocado. A colcha sobre a cama ainda tem o vinco das mãos que a arrumaram pela última vez. O copo de vidro azul no criado-mudo reflete a luz do sol matinal, esperando inutilmente para ser usado. O silêncio do cômodo é pesado, como se as paredes

absorvessem lembranças demais. A janela está sempre aberta, faça chuva ou sol. E eu me permito sentir o calor atravessando minha existência diáfana. A sensação de não viver é absurdamente estranha. Não preciso mais respirar, mas posso soprar e causar um pequeno distúrbio no mundo físico. Não posso tocar nada, mas se concentrar o suficiente, gero energia estática, quebro vidros, ligo e desligo aparelhos eletrônicos. Meu corpo é inexistente, mas minha presença pode ser sentida pelos vivos mais sensíveis. Eu tentei, logo na primeira hora. Uma vizinha passava pelo corredor, e tentei pedir ajuda.

— *Cruz credo, que sensação ruim!*

Foi tudo o que arranquei dela.

— Engraçado, não é? Presa em um corpo enquanto viva e presa a um corpo depois de morta.

Me espreguiço diante da janela, absorvendo a paisagem urbana que se estende abaixo. Carros se arrastam pelas ruas, pessoas correm apressadas para o trabalho. O mundo continua. E então, sinto sua presença.

Azrael. O nome reverbera dentro de mim como um trovão. Há espíritos aqui, muitos deles. Alguns já se tornaram poderosos, usando suas habilidades para subjugar os recém-chegados. Ele bateu à minha porta, coberto por um manto esfarrapado e portando um laço espectral.

— Venho te ajudar, Helen. Posso levá-la ao lugar ideal.

Mas suas palavras eram veneno. Sob o tecido encardido, finas camadas de energia fantasmagórica tremulavam como um véu. O laço em suas mãos era para mim. Me afastei. Permaneci em silêncio. Ele sorriu de forma maldosa e murmurou que fui esperta. Então desapareceu.

— Não é como se eu estivesse realmente presa, sabe? Apenas quero ver a cara dos meus filhos quando me encontrarem.

O apartamento é meu casulo. Minha prisão. Minha fortaleza. Mas eu sei que não posso ficar aqui para sempre.

— Chega de se martirizar, Hell. Você precisa estar preparada para ir atrás dele...

Minha determinação some diante de uma brisa estranha. Como eu já disse a vocês, o mundo sobrenatural é dotado de coisas estranhas. Uma delas é a capacidade estranha de jovens não temerem coisas como eu. A princípio, foi só um arrepio. Um tremor quase imperceptível no tecido do mundo. Estava debruçada na janela, observando a vida se desenrolar lá embaixo, quando senti o ambiente mudar. O ar ficou mais denso, como se uma pressão invisível começasse a se acumular no espaço acima de mim. O lustre na sala oscilou. Pequenos estalos elétricos dançaram pelo fio de cobre envelhecido, e o vidro tremeluziu como se um trovão estivesse prestes a rachar o céu. Mas o céu estava limpo. E então, ouvi. Era um som oco, abafado, como se algo estivesse forçando a passagem por um

espaço que não queria se abrir. Algo rasgava o mundo, uma pressão cortante vibrava pelo teto, ecoando por cada centímetro do apartamento. O ar ao meu redor começou a se retorcer, dobrando-se como um reflexo distorcido em água agitada. Um cheiro ferruginoso e doce preencheu minhas narinas inexistentes. A energia no andar de cima se contorcia, se dobrava sobre si mesma, como um nó sendo apertado até o limite. E então...

Aconteceu. Uma fenda se abriu na realidade. Não como uma porta ou um portal bem definido, mas como carne rasgada, forçando a passagem de algo que nunca deveria estar ali. Da fenda, emergiu um movimento disforme, algo que não possuía forma fixa, apenas pulsava em um jogo de sombras e fogo. Tentáculos finos e translúcidos se espalharam pelo chão e pelas paredes, se enraizando no mundo físico como raízes retorcidas. Os vidros do meu apartamento estremeeceram, vibrando num tom agudo que fez até o meu espírito doer. Eu senti. Deus, eu senti. A coisa deslizou pelo buraco da existência, movendo-se com uma hesitação animalesca, como se saboreasse o próprio nascimento naquele espaço. Seu cheiro era insuportável. Não fétido como carne podre, mas carregado de algo mais profundo, mais antigo. O odor do intangível. Da fome. Então, um som reverberou pelo prédio. Não um grito. Não palavras. Mas um eco que me atingiu de dentro para fora, ressoando nos cantos vazios da minha existência.

— Vassego.

Antologia Edifício Solaris

O nome riscou minha mente como uma lâmina. Ele estava lá.
Acima de mim. No apartamento 601. E a menina estava com ele.
E infelizmente eu não poderia fazer nada contra um Daemon.
Peço para que ela saiba o que está fazendo.



Apartamento 502: O taxista psicopata

Gisele Starck

Tudo que eu mais queria era apenas chegar em meu apartamento e descansar em paz e desfrutar de mais um belo troféu que conquistei esse mês. Mas não, a desquerida da minha senhoria tinha que vir e estragar tudo. Ela por ser a dona do meu apartamento, e talvez por carência de seus filhos não a procurarem, me tratava como se fosse seu filho. Eu por não ter um relacionamento muito bom com minha mãe, no começo até gostei. Quando isso acontecia de dia, tudo bem, só me pergunto porque aquela velha tinha que vir às uma e meia da manhã me oferecer lanche? Geralmente eu também chegava no máximo a meia noite, mas, essa “corrida de táxi”, foi bem mais difícil que as outras. Também não costumava trazer meus troféus para cá, mas não teria como passar na blitz e sem ser pego.

Tudo aconteceu tão rápido que nem tive tempo de raciocinar direito... Tinha acabado de chegar com minha mala de mão e a colocado em cima da mesa da cozinha e quando saía do banheiro deparei com a dona Hellen boquiaberta olhando para a minha mala aberta com a cabeça da jovem que eu acabara de decepar a pouco. Minha sorte, é que ela não tinha nem voz para gritar, ficando com a boca aberta e respirava com dificuldade. Até pensei em dar uma desculpa de que achei no meu táxi, mas logo descartei, por ser tão absurda. Jurava que aquele horário ela estaria dormindo, mas zelosa como era, trouxe lanche e provavelmente pensava que a mala continha roupas para lavar.

Eu Andei até ela e ela recuou saindo correndo para seu apartamento e eu fui atrás a impedindo de abrir a porta colocando meu pé e empurrando a porta com força fazendo bater em sua cabeça. Meio zozona, a rendi segurando-a por trás peguei uma estátua que ela tinha dando com tudo em sua cabeça vendo o sangue escorrer e a coloquei deitada em seu sofá. Fechei a porta e sentei na outra poltrona olhando-a e parecia estar dormindo. Gostaria de dizer que estava com remorso de a ter matado, mas meu remorso eram dois, um de não ter mais a comidinha gostosa dela, e outra por ser velha, e não as novinhas que eu gostava de matar. E falando em novinhas, estava dando mole com a porta do meu apartamento aberta. Olhando mais uma vez para dona Hellen, saí trancando a porta, para em seguida voltar para deixar a cabeça ali com ela e liguei o ar condicionado no máximo para evitar que o calor espalhasse o mal cheiro depois. Com tudo resolvido, agora sim, voltar para meu apartamento. Mais relaxado, olhei o que a velha trouxe para comer, pois essa adrenalina toda me deu fome.

Durante a madrugada fiquei cheio de ideias e quando peguei no sono, sonhei com a dona Hellen perguntando se gostei do lanche e que se quisesse ela ia preparar o desjejum. Acordei e olhei a hora que marcava sete da manhã e segui para o apartamento dela e lá estava ela morta, mas como ela havia

me chamado para o café em sonho, por que não poderia aceitar? Procurei na geladeira e preparei uma omelete com queijo e presunto, enquanto passava um expresso. “A coroa sabia o que era bom”, só tinha comida de qualidade aqui, e parecia que ela estava preparada para o apocalipse, pois tinha de tudo com certo exagero. A impressão que eu tinha é que depois da pandemia, a dona Hellen estava preparada para outra crise mundial. Aproveitando que estava ali, fui olhar melhor o apartamento e peguei o cartão dela e seu celular para ver se estava tudo ok e anotei quando ela pagava cada conta para não pagar nada atrasado e ninguém desconfiar. Antes de sair, até pensei em ligar a tv para ninguém desconfiar, ao ouvir o som da tv, mas meu telefone tocou e eu corri para atender após trancar a porta.

Trabalhei o dia inteiro pensando na bela garota que peguei noite passada. Ela estava saindo do trabalho e seguia para encontrar umas amigas. Já vinha a acompanhando durante um mês e via toda semana ela ia encontrar as amigas em um barzinho diferente e sempre saía com homens de poder aquisitivo alto e que as bancavam. Mais uma aproveitadora barata que se achava esperta, mas comigo não. Eu a peguei após ficar esperando e fingir que havia acabado de deixar um cliente. Ela só pegava táxi quando os homens que ela saía, pagavam para ela ir embora, fora isso, ela sempre pedia um carro de aplicativo.

— Boa noite mocinha! Caso quiser aproveitar, estou em promoção hoje.

— Oba! Adoro promoção!

Eu tenho dois taxis e esse somente uso para pegar as vadias e dar o fim que todas elas merecem. Toda vez que saio nesse, mudo a placa. Esse também tem várias peculiaridades que o outro não tem e uma delas a vadia acabou de descobrir agora, pois tem um vidro que nos separa e fechando os vidros de trás deixei ela respirar minha mistura bombástica para a apagar. Eu simplesmente adorava ver como elas se debatiam e ao tentarem abrir a porta, cortavam o dedo no pino que era um

osso afiado. Nessa hora sempre ligava o rádio em um volume mais alto e segui para uma rua mais deserta para esperar o efeito ser por completo e a levar para meu cantinho favorito. Não muito longe, eu tinha um sítio velho que minha mãe tinha herdado de seus pais e que nunca deu atenção, mas quando foi para lá, nunca mais saiu e é claro que fui eu quem a levou. O lugar era de difícil acesso e a estrada de chão cheia de buracos. Para muitos seria ruim passar ali, só que me subia um prazer, pois sempre que passava por ali, é que ia me divertir. Ao passar pelo portão velho, o lugar era um breu total, pois nem luz tinha no local, usava apenas lampião, velas e às vezes lanterna. Mas eu me virava muito bem com a luz da lua. Ao abrir a porta detrás do carro, lá estava a bela garota e a peguei no colo para a levar para dentro.

Adoro ver como elas acordam, sem saberem onde estão e como foram parar ali. Ela estava nua dentro do meu galpão e eu no lado oposto ao que ela estava. Nesse momento que eu tinha o valor que eu sempre mereci, e se não ganhava, os mimos que eu pedia, era cada vez mais doloroso.

— Venha até aqui, mas de joelhos. — pedi saboreando cada palavra sentado em meu trono e segurava meu cetro.

— Nem morta vou te obedecer! Seu velho nojento!

— Ajoelhe-se! — gritei enquanto apertava em meu cetro para ela levar choque em seu ânus e sua vagina, fazendo-a cair de joelhos. Não pude segurar minha gargalhada, pois sempre era engraçado — Venha sua vadia! Agora! — apertei de novo.

— Ta bom! Eu vou, mas para com isso por favor!

Era prazeroso ver uma garota tão fútil como ela, ter que se rastejar até mim. Ela, que sempre era incapaz de ser gentil com as pessoas e somente visando passar a perna nos outros. Ela e suas amigas já haviam andado em meu outro táxi e de cara vi que ela não prestava nem para ser uma boa amiga.

— Por que estou aqui? O que eu fiz de errado? — como não houve resposta, enquanto engatinhava ela ia tentando adivinhar — É a esposa do Antônio quem te mandou fazer isso comigo? — ela então parou de engatinhar e ia falar algo.

— Continue vadia! Não foi ela quem me mandou aqui. Estou aqui por conta de seus atos. — aumentei ainda mais.

— Ai! — gritou contorcendo-se no chão — E quem é você afinal? O que quer de mim?

— Eu sou aquele que você ignora porque não tenho o padrão nem de beleza e nem de riqueza que garotas como você exigem. — enquanto eu ia falando, levantei do meu trono e fiz sinal para ela se levantar também e cambaleando, ela levantou — Boa garota! — eu a segurei pelo pescoço e ela tentava com as mãos me empurrar e também me arranhar — Você me fez sofrer durante tanto tempo e nunca teve amor por mim e nem por ninguém! Quantas foram as vezes que chorei esperando você voltar pra casa! — diante de mim estava minha mãe, eu a via em todas as garotas fúteis que usavam seus corpos para conseguirem fama e dinheiro.

Com raiva, eu a arremessei longe e ela tentava fugir batendo na porta e gritando enquanto chorava de dor.

— Pode gritar o quanto quiser que estamos longe de tudo e de todos e só para te avisar, que ao me arranhar e tentar deixar minha pele em suas unhas, não vai adiantar muita coisa, pois eu sempre queimo os corpos.

— Por favor! Eu te dou o que você quiser, faço qualquer coisa para me deixar viva!

— A única coisa que quero é a sua morte.

Eu caminhei até ela vendo-a cair de joelhos enquanto eu apertava o botão para lhe dar choque até ela ficar fraca o suficiente para eu pegar minha espada que estava atrás do meu trono e cortar sua cabeça fora. Aquele sangue todo jorrando de

seu pescoço enquanto sua cabeça rolava era pura arte, a minha arte. Primeiro guardei meu troféu na minha sacola, para em seguida ir desmembrando parte por parte de seu corpo com a serra, para poder fazer uma bela fogueira do lado de fora, enquanto eu apreciava um bom vinho tinto. Minha ideia era deixar a cabeça dela na frente do local onde ela ia encontrar as amigas, mas, pela hora, já nem sabia se estariam ali, então opinei em deixar em frente ao portão do atual amante dela. Só não contava que teria um acidente perto e que a polícia estaria ali. Foi um momento de pura adrenalina e eu até que pensei em fugir, mas teria que usar minha lábia para poder passar e foi o que eu fiz. Quando me pararam, eu acendi a luz de dentro e disse que estava ali para buscar um morador da outra rua que estaria atrasado para ir para o aeroporto e um dos policiais me reconheceu e acenou falando que eu poderia passar. Era um antigo cliente que já havia feito algumas corridas para ele e sua família e cobrado menos que a metade do preço, pois fazer amizade com um policial e sendo boa pessoa com os demais, me tirava de cena como suspeito. E foi assim que demorei a chegar em casa, porque ainda conversei com esse policial, anotando umas corridas que ele queria que eu fizesse.

— Ué, mudou de carro? — perguntou o policial quando eu ia já entrando no carro.

— Peguei esse emprestado com um colega, porque o meu está na oficina, mas amanhã já vou pegar o meu cedinho.

Por isso acabei levando a cabeça comigo, e não deixando aonde queria, pois teria que mudar umas coisas nesse táxi na pintura. Poderia até arranjar outro carro, mas esse estava do jeito que eu queria. Deixei-o escondido em um galpão do outro lado da cidade e peguei o meu táxi seguindo para casa.

Agora o que eu mais queria era chegar e pegar a cabeça no apartamento da dona Hellen para colocar aonde já deveria ter colocado. Cheguei rápido e parei por um momento vendo a tv ligada, lembrava de ter pensado em deixar ligada, e não que havia ligado. Bom, agora eu tinha é que pegar a minha moto sem

placa que ficava onde também deixava o outro táxi, para deixar a cabeça em frente ao portão. Tudo correu como o esperado e só pensava em chegar em casa e pegar uma torta salgada que havia visto na geladeira de dona Hellen para comer. Serviço feito, cheguei animado e enquanto esquentava a torta no forninho fui ver o que passava na tv e ela desligava e ligava.

— Vou ter que comer no meu apartamento mesmo, já que nem a tv dessa velha presta. — passei pela sala e acenei para a dona Carmem já sem cor — Valeu pelo rango coroa.



Apartamento 503: A violinista encrunqueira

Gisele Starck

Já não aguento mais minha vizinha atrapalhando meu estudo com esse rock o dia inteiro! Não sei como os outros vizinhos não reclamam dela! É o dia inteiro e perco a concentração quando tenho que afinar e tocar meu violino. Pior foi reclamar dela com o síndico e os outros moradores e eles a elogiarem falando que gostam dela. Vim para cá para poder fazer parte da orquestra e não consigo ter inspiração com essa cantoria. Até poderia procurar outro lugar, mas teria que pagar e aqui minha tia deixou usar, pois era herança da minha tia avó e ela não queria vender, por ser uma recordação. Ela até tinha falado que se eu quisesse mudar os móveis e a decoração seria um empecilho, pois ama esse lugar. Mas, quando entrei aqui, me senti muito bem, pois sempre gostei de decoração antiga e

me senti em casa. Pena que nem tudo é perfeito e vou dar um jeito de pelo menos negociar com a minha vizinha.

Bati na porta e toquei a campainha no ritmo da música para ela ver como era irritante aquele barulho todo. Já estava cansada de esperar e pela sombra no olho mágico, dava para ver que ela estava ali.

— Abre logo essa porta! Eu sei que está aí!

Em seguida a porta abriu e diante de mim estava ela com suas roupas rasgadas em tom de preto, olho bem marcado com delineador e as unhas também preto.

— Primeiramente, bom dia pra você também!

— Até tentei ter educação com você, mas o que esperar de uma pessoa que se veste dessa forma e escuta rock o dia inteiro?

— Como que tentou, pois já chegou espancando minha porta e tocando a campainha. — disse com o semblante sério.

— Você me instigou a agir assim com essa música alta o dia inteiro! Eu nem consigo estudar direito e...

— Reclama com o síndico sua patricinha chata do caralho!

Dito isso, ela bateu a porta na minha cara e eu fiquei ainda alguns segundos tentando entender e voltei a bater na porta. Fiquei um tempo batendo e ela nada de atender, e ainda começou a cantar a música do Freddie Mercury *We Will Rock You* batendo por dentro. Aquilo foi uma afronta tão grande que bufando segui para meu apartamento batendo a porta.

Depois disso eu procurei saber dos meus direitos e a altura do som era a permitida e eu esperava todo dia dar dez da noite para ver se ela passava do horário para poder denunciá-la, mas ela desligava sempre uns minutos antes. Era frustrante passar por isso todos os dias e por mais que tentasse me concentrar, não conseguia. Daí passei a chegar nos ensaios mais cedo todos

os dias, ficando no apartamento só nos sábados e domingos. Final de semana era bem melhor, pois ela saía toda sexta, sábado e domingo, acordando sempre depois do almoço. Era o meu momento de ter paz e tocar violino todas as manhãs de sábado e domingo.

A paz reinava, até ela vir bater na minha porta no domingo às oito da manhã. Quando abri a porta, não imaginava que seria ela, e eu que trazia um largo sorriso no rosto, fiquei tão séria quanto ela estava.

— Bom dia! Veio para me ver tocar?

— Bom dia! Vim pedir para tocar mais baixo.

— Não sei se você sabe, mas o violino não tem como abaixar assim e...

— Nem vem querer dar uma de esperta pra cima de mim porque sei que tem como colocar abafador. Mas vim também, porque você mesma foi lá bater na minha porta por causa de barulho, só que no fundo queria fazer barulho também.

— Mas o meu barulho é bem diferente do seu e eu preciso estudar música.

— Eu também preciso e vivo disso, eu ensaio e escrevo as minhas músicas e canto e toco os finais de semana. Então vim te pedir para diminuir o barulho porque preciso dormir.

— Te aconselho a ir dormir no mesmo horário que os demais, pois não tenho nada com isso.

— Essas serão as suas últimas palavras?

— Sim. — respondi encarando-a e a vendo seguir para seu apartamento e batendo sua porta com força.

Entrei feliz por conseguir a deixar irritada, mas minha alegria durou alguns minutos e ela começou a tocar e cantar. Até tentei tocar mais alto que ela, mas perdia totalmente a concentração e errava. Nervosa, fui para o elevador para descer

e falar pessoalmente com o síndico e o encontrei saindo no nosso andar acompanhado de outras pessoas. Até o questioneei sobre o barulho e ele tocando no apartamento dela, pensei que ia reclamar, mas acenando pra mim, ele entrou falando que ela havia chamado para uma festa surpresa. Nossos olhares se cruzaram e ela lançou um sorriso de triunfo e piscou um olho em seguida. Me segurei para não gritar de raiva e sem ter o que fazer, aceitei o convite de um dos professores que já vinha me cantando a algum tempo. Coloquei um vestido bem recatado e fui com ele almoçar e conversando sobre meu violino, ele se ofereceu para subir e ver meu violino e me dar umas dicas rápidas porque tinha que dormir cedo. Quando chegamos, ele me deu as dicas e em certo momento nos beijamos no sofá e quando me afastei um pouco, pois o beijo cheirava a cigarro e seus lábios eram amargos como um remédio ruim, fora o bafo... Eca! Ele não aceitou e me reclinou no sofá deslizando as mãos pelo meu corpo e eu pedia para ele parar, só que ele não parava e já ia abrindo o zíper da calça dele. Reunindo toda minha força, o empurrei e saí correndo e ele veio atrás de mim como um leão faminto. Fui jogando as coisas que via pela frente nele e alcançando a porta, ainda consegui abrir um pouco e ele a fechou. Antes de ele fechar a porta, meus olhos cruzaram com os da minha vizinha que franziu a testa. Eu só sabia gritar e em seguida fui silenciada com a mão dele enquanto que com a outra mão, ele voltava a abrir seu zíper e abrir minhas pernas. Em minha mente eu me questionava como um homem tão sério e gentil, podia mudar assim? Será que ele ia me matar em seguida? Ou ia me ameaçar de alguma forma?

Da porta veio um forte barulho e ela se abriu com a vizinha entrando com um taco de beisebol na mão andando com passos firmes em nossa direção e sem deixar chance para o professor reagir, ela bateu nele com o taco nas costas. Ela já ia desferir outro golpe, e ele pegou o taco o jogando longe e fechando seu zíper da calça, andou até ela.

— Você vai se arrepender do que fez sua vadia!

— Já chamei a polícia, mas se quiser apanhar mais um pouco até eles chegarem, por mim, tudo bem.

Eu olhava aquela cena paralisada de medo e adrenalina ao mesmo tempo. Aquela garota era corajosa. O professor desferiu socos na direção dela e ela desviava com agilidade e ainda lhe deu uma rasteira levando ao chão e quando o síndico chegou, ela já havia dominado a situação esfregando o rosto dele no chão e segurava seus braços de modo que não conseguia sair.

— Você está bem? Ele chegou a fazer algo com você?

Eu não conseguia responder a pergunta dela com a boca e só fiz que sim com a cabeça, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto e eu não tinha percebido que já estava chorando antes. Enquanto os policiais não chegavam, o síndico ainda falou o que estava acontecendo e o vizinho que era taxista também chegava e ouvia toda aquela confusão e ofereceu para leva-lo para a delegacia, disse que tinha uma algema e o levaram.

— Vou fazer um chá para você. — disse a vizinha já abrindo meu armário e agindo como se já morasse aqui e enquanto esperava a água esquentar, sentou ao meu lado no sofá e me acarinhou na cabeça — Vou cuidar de você, não precisa temer.

— Obrigada e...

— Vamos começar do zero, nem sei seu nome direito.

— Sou Pâmela Rodrigues.

— Rebeca, mas pode me chamar de Beca. Posso te chamar de Pâ?

— Depois do que fez, pode sim. Você foi incrível! Parecia ter poderes! E eu te desafiando. — tive que rir de nervoso, pois percebi o perigo que corri, não só com ela, mas com o professor — Cometi dois erros e ambos por julgar as pessoas, eu... — eu não conseguia controlar as minhas emoções e voltei a chorar, ela me abraçou e só me soltou com o barulho da chaleira antiga.

Quando ela levantou, segurei em seu braço para ela não me deixar e acariciando minha mão com ternura, a beijou antes de levantar para preparar nosso chá. Ela ia perguntando aonde estavam as coisas e eu ia respondendo num fio de voz e ia me recompondo quando ela ia falando como preparava o chá e os segredos que usava para ficar bom. Eu a olhava se sentar e nos servir e me achava uma idiota em arranjar confusão com ela e entender porque todos do prédio a adoravam. Enquanto tomávamos o chá, ela ia contando das vezes em que ajudou seus primos quando eram novos a se defenderem e como aprendeu a lutar. Seu pai era lutador e ela se dividia entre as duas coisas que mais amava, lutar e a música. Queria saber porque ela morava sozinha se gostava tanto do pai e ele não morava longe dali, mas era um assunto que poderia deixar para depois.

— Desculpe pela porta, mas relaxa que enquanto preparava o chá, já pedi um amigo para vir ajeitar e já deve estar chegando.

— Nossa! Você é tão desenrolada!

— Até que enfim ouvi um elogio dos seus lábios.

— Já ouvi falarem que sou uma velha chata no corpo de uma garota.

— E você é?

— Infelizmente, sim.

— Se quiser, podemos mudar isso. E para começar, não precisamos mais brigar como antes, podemos chegar a um denominador comum. Eu só fui escrota com você, porque não aceito que me tratem como você tratou.

— Você está certa sim.

— Concordou rápido porque quer minha amizade, ou porque ficou com medo de mim?

— Os dois. — respondi dando um sorriso sincero e senti uma pontada no coração quando ela secou uma lágrima passando sua mão com ternura em meu rosto.

Não sei explicar, mas senti minha face queimar e mordisquei meu lábio inferior enquanto respirava com dificuldade e percebia que estava olhando para os lábios dela e por alguns segundos, pensei que ela ia me beijar. Seria loucura da minha cabeça? Ela continuou a acarinhar meu rosto e umedeceu seus próprios lábios com a língua e jurava que íamos nos beijar, mas ela recuou quando a chamaram do corredor. Eu fiquei parada de pé boquiaberta pela minha reação e abri a boca para falar um oi para o amigo dela, mas só consegui acenar.

— Desculpa Pedro, ela está abalada ainda.

E como estou abalada! Só que agora já nem sei por qual motivo estou mais. Será que foi coisa da minha cabeça? Rebeca está tão natural com seu amigo e eu só consegui pedir licença para ir lavar meu rosto e quando voltei para a sala, o rapaz já havia ido embora e a porta estava ok.

— Você quer que eu durma aqui com você?

— Comigo? — perguntei pensando que ela estava me cantando, mas quando ela fez que não com a cabeça sorrindo, eu morri de vergonha. O que estava acontecendo comigo?

— Mas se você quiser que eu fique com você, aceito de boa, sei muito bem o que você passou, também já passei por isso.

— E como foi?

— No meu caso, houve o ato de fato e depois disso nunca mais deixei outro homem me tocar.

— Você diz também de relacionamento?

— Sim, peguei ranço.

— Será que também vou pegar?

— É algo muito pessoal e só o tempo vai te mostrar... Posso te fazer uma pergunta?

— Claro!

— Você costuma sair assim e levar os carinhos para sua casa?

— Ele foi o primeiro e foi super educado, mas eu não sou de sair e ele se ofereceu para me dar umas dicas.

— Você o conheceu aonde?

— No meu curso de música, é meu professor.

— Ele ta muito ferrado, se quiser vou com você.

— Poxa, acho que vou querer sim.

— Então vou lá no meu apartamento trocar de roupa e tomar um banho e você prefere ficar aqui, ou lá comigo?

— Se puder ser no seu, ainda não sei ao certo o que estou sentindo.

Ela me esperou tomar meu banho e por cima do meu baby dool, coloquei um roupão para seguirmos pelo corredor. Esperei ela acabar o banho dela e enquanto esperava via que ela tocava outros instrumentos, inclusive violoncelo. Daí pude entender porque ela sabia do abafador no violino.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou ela e pulei.

— Não, só quero dormir mesmo.

— Também, pois estou muito cansada, ainda mais que não dormi a noite e...

— Sua vizinha chata não te deixou descansar.

— Mas creio que daqui pra frente ela vai deixar.

Nós seguimos para o quarto dela e ela com a maior naturalidade pegou mais travesseiros no armário e apagou a luz

do quarto deixando só a luz de led que ficava no teto, bem fraquinha. A gente deitou uma de frente pra outra e ela foi contando de como começou na música e quantos instrumentos tocava e que ainda queria aprender a tocar harpa e eu também queria muito. Certo momento ela começou a bocejar bastante e concordamos em dormir e pegamos no sono. Durante a madrugada eu tive um sonho erótico com ela e quando acordei, senti um arrepio percorrer todo o meu corpo, ainda mais que eu estava virada de costas para ela e ela me abraçava. Virei bem devagar para olhar ela dormindo e fiquei olhando seu rosto e fiquei um tempo olhando para os seus lábios pensando em como seria beijá-la. Estava tão distraída que não vi que ela havia acordado e quando percebi, ela sorriu e me acariciou no rosto. Eu fiquei nervosa por ser vista e dei desculpa que queria ir ao banheiro e levantei voltando em seguida. Não posso acreditar em como do nada posso estar me sentindo tão atraída por alguém dessa forma e logo depois de um trauma. Será que eu estou agindo assim por medo? Bom, só sei que nunca me senti tão bem dormindo com alguém e já não era mais virgem. Só que estar com Beca ali, me fazia sentir que esse era o meu lugar e me aninhando ao abraço dela, adormeci.



Apartamento 504: Quem vê rock não vê coração

Gisele Starck

Aqui estou eu na cama com minha vizinha encrenqueira, se alguém me contasse que estaríamos assim ontem, eu ia falar que a pessoa tinha que se internar no caps. Ah! Como a vida é engraçada, um dia você quer esganar uma pessoa e no outro a está ajudando e percebe que não é uma pessoa ruim. Claro que já havia notado a nova vizinha desde que ela chegou no prédio, ela me encantou quando chegou com seu cabelo devidamente preso em um coque e ver seu pescoço me fez querer lhe dar um beijo bem ali, ainda mais que ela passou por mim entrando no elevador e mal sabia o que me fazia sentir naquele momento. Linda, cheirosa e até o dia em que bateu em minha porta a achava encantadora. Fui de zero a cem com ela e quando percebi que ela estava em perigo, apesar de na hora ter falado um “bem feito” em pensamento, eu não poderia deixa-la passar

pelo que passei, não seria eu. Bater naquele cara foi prazeroso demais! Na verdade, queria ter batido mais, só que ao ver Pâmela totalmente assustada me fez travar um pouco. Queria proteger a dona encrenca e quando em seguida a vi frágil chorando, me segurei para não a beijar. A vontade era muita, mesmo quando ela esteve em meu apartamento me perturbando, eu a desejava e tantas foram as vezes que imaginei beijando aquela boca tão convidativa a minha frente e também seu corpo. Podia até parecer loucura da minha cabeça, mas senti que ela me queria também e isso só se intensificou ainda mais quando falei de dormir com ela e ela ficar corada. Depois dormir com ela e quando percebi que ela pegou no sono a abracei e percebi que seu sonho era bem agitado, mas por ver seu semblante relaxado e com leves sorrisos, calculei que sonhava algo bom e adormeci. Quando acordei ela estava me olhando e olhava para os meus lábios, senti que meu coração se agitava e que quando eu ia avançar, ela falou que queria ir ao banheiro. Ao voltar, ela ficou de costas pra mim, mas foi se aninhando em meus braços e adormeceu depois que fiz carinho em seus cabelos. Meu corpo todo vibrava de desejo e aquele pescoço tentador estava ali a poucos centímetros da minha boca. Nessas horas agradecia por não ter um membro masculino, se não ela ia sentir o quanto ela me deixava excitada. Quando despertei, ela já não estava na cama e da cozinha vinha um cheiro bom de café e de omelete. Levantei e avisei ao meu chefe (vulgo, meu pai) que não ia na academia aquela manhã, pois tinha que resolver umas coisas e após trocar de roupa, segui para a cozinha e a encontrei já com outra roupa e com os lindos cabelos negros soltos.

— Você consegue ficar tão linda com os cabelos soltos quanto com eles presos. — acabei falando isso, em vez de um breve bom dia.

— Gosto mais dele solto, mas é mais prático preso... Espero que não fique chateada por fazer o café, foi uma forma que encontrei de te agradecer e também me desculpar.

— Se precisar da minha ajuda mais vezes, será um prazer se sempre me mimar dessa forma.

— Você gosta de cozinhar?

— Não, só vivo de comida pronta.

— Então, vou cuidar dessa parte pra você, eu adoro cozinhar, é quase uma terapia.

— Pode me chamar de terapeuta se caso quiser cozinhar.

— Você realmente é bem divertida e uma querida.

— Fico feliz que pense assim... É, já avisei na academia que não vou hoje, vou com você na escola e na delegacia.

— Nem sei como te agradecer.

“Eu sei e como sei, poderia começar te beijando nos lábios e depois todo o seu corpo”... Meus pensamentos estão descontrolados e procurando me acalmar segui com ela para a delegacia e demos o nosso depoimento, o safado é claro que mentiu, mas tínhamos provas que nem ele mesmo contava, pois Pâmela tinha câmeras em seu apartamento e isso facilitou bastante. O síndico e o taxista também nos ajudaram e o professor tarado disse nunca ter feito isso. Sua ficha realmente era limpa na polícia, agora bastava saber se era assim na escola também. Seguimos para a escola e apresentamos as provas e conversei juntas conversamos com os professores e o diretor. Eles haviam recebido algumas queixas, mas que foram retiradas em seguida. Tenho certeza que ele devia fazer chantagem. O que me deixava mais calma, era saber que ele seria demitido por justa causa e ela não teria mais contato com ele.

Na volta pra casa, como agradecimento ela quis parar no mercado e comprar umas coisas para fazer pra gente, já que não tínhamos almoçado direito e só comemos sanduíche natural na lanchonete ao lado da escola de música.

Pâmela realmente cozinha muito bem e eu que não sou muito de salada, ela me convenceu a comer e gostei, ainda mais os molhos que ela fez e também um frango grelhado. Depois sempre marcamos de a gente jantar juntas e mais parecíamos um casal, eu chegava e ela já estava com o jantar adiantado e dormíamos juntas desde o acontecido.

Tantas foram as vezes em que pensei em a beijar, mas recuava com medo dela se afastar de mim e eu a magoar. Ela passou a ir nos meus shows e a convidei para subir no palco e me acompanhar tocando violino e deu tão certo que a convidaram para participar nos meus shows. Ela recebia vários elogios dos homens e ela os recusava e eu curiosa, perguntei se era por causa do incidente, e ela falou que também. Esse também ficava martelando em minha mente e torcia para que fosse ela sentir algo por mim.

Uma noite dessas de sexta-feira quando terminávamos o jantar, e tomávamos um vinho, ela me perguntou porque morava sozinha e contei sobre meu pai e o quanto o amava, mas que minha madrastra era homofóbica, mas que não queria estragar o relacionamento deles, porque ela era muito boa para com meu pai. Pã ficou revoltada, mas entendeu meu lado e desabafou falando que se caso falasse com os pais, não saberia a reação deles e que eram bem rígidos, mas que com certeza sua tia entenderia, ainda mais que ela era gay, a que era dona do apartamento em que estava morando.

— E você já pensou em ficar com outra mulher? — perguntei enquanto sentávamos no mesmo sofá com as taças em mãos. Percebi que ela hesitava e olhava para sua taça procurando respostas.

— Nunca tinha passado pela minha cabeça isso, até te conhecer melhor. — respondeu num fio de voz, quase imperceptível.

— Eu de alguma forma estou te influenciando, é isso?

— Não é isso, mas... Naquele dia quando você me ajudou, parece que despertou algo em mim e não sei se foi pelo que passei. — consegui dizer ela enfim e senti seu alívio.

— Se quiser, podemos tentar algo só para você testar. — respondi e bebi todo o líquido que estava em minha taça e com a outra mão acariciei a mão dela que estava apoiada no sofá e ela deu um leve pulo entornando um pouco de vinho em sua camisa. Algo quase que clichê para o momento — Quer uma camisa emprestada?

Ela em vez de responder de imediato, tomou o restante do seu vinho e respirando fundo, mordiscou o lábio inferior e me olhando sem jeito colocou sua taça na mesinha.

— Me beija. — disse ela tão baixo que quase não consegui escutar e guardei em minha mente aquele olhar doce e sua face vermelha de vergonha, antes de me aproximar e deslizando a mão em sua nuca, aproximei meus lábios dos dela.

Aquele beijo que começou tímido com nossos lábios se abrindo aos poucos, foi tomando uma proporção gigantesca quando minha língua adentrou sua boca e tocou a dela. Ela arfou e me envolveu também com seus braços trêmulos e quando dei por mim, já abria os botões da camisa dela e em cada beijo que dava no caminho do seu pescoço para os seus seios, a olhava para saber se aprovava e ela ia se contorcendo de prazer. Fui sem pressa e sempre mantendo contato visual com ela, para ver se não aprovaria algo e era maravilhosa a sensação de dar prazer a ela que vibrava a cada beijo meu e quando estava prestes a tocar seus seios com a minha língua, ela até prendeu o ar e sorrindo, me delicieei naqueles seios fartos enquanto que minha mão deslisava por sua calça por cima, sem a abrir a estigando por fora. Fui descendo devagar por sua barriga e ela com dedos trêmulos puxou minha camisa e entendi que era para parar e voltei para a beijar nos lábios roçando meu corpo no dela e ela que tomou a iniciativa de tirar toda a nossa roupa e ficamos deitados com nossos corpos encaixados enquanto nos beijávamos na boca e ela agora queria

experimentar meus seios e eu acariciava sua cabeça e a virei a deixando deitada no sofá, enquanto ela se divertia com meus seios e eu a tocava intimamente e eu que passei a beijar seus seios até ela ter um orgasmos. Quando ela o fez, buscou minha boca e me puxou para ficarmos unidas sentindo aquele momento de prazer e conexão que tivemos.

— Nunca me senti assim com ninguém e nem senti tanto prazer. — confessou ela enquanto me acariciava no rosto — Seria demais dizer que te amo? Podemos culpar o vinho.

— Apesar de ter mais experiência que você, tenho que te confessar que você desde que te vi pela primeira vez, me atraiu de uma forma que não consigo explicar e que quando arranjava confusão comigo, só pensava em te agarrar. E tenho que te dizer que te amo em tão pouco tempo sua encrenqueira gostosa.

— Você com seu jeito positivo me ajudou a descer do pedestal que eu achava que estava.

— Desci você de lá para te levar até as nuvens e não é nem o começo do que pretendo fazer com você. E aconteça o que acontecer, pode contar comigo.

— Quero descobrir tudinho, mas sem pressa, pois você é meu oposto e nos encaixamos direitinho. E sei que posso confiar em você sempre.

E assim conquistei minha vizinha encrenqueira.



Apartamento 601: Pesadelos de um escritor

Gisele Starck

Stuart guardava seus livros e com a ajuda de seu amigo e colega de trabalho Breno, organizavam o restante da mudança. Haviam alugado juntos o apartamento assim que chegaram na cidade. Eles tinham fechado aluguel em outro lugar, mas assim que chegaram, descobriram que era um golpe. Desanimados, passaram uma semana procurando um lugar e quando pararam para tomar um café perto de uma biblioteca, uma senhora ao ouvir o desabafo deles, falou que no prédio em que morava, tinha desocupado um apartamento em seu andar. Ela se apresentou anotando seu nome e número em um papel que tirou de um de seus bloquinhos sentando com eles e prometeu que durante o dia resolveria com o proprietário. Ambos, eram

jornalistas e Breno havia conseguido vaga no jornal que sempre quis trabalhar, e pretendia encaixar Stuart em breve. Nesse tempo Stuart pretendia terminar seu livro de terror, seria seu segundo livro de terror e ao ver a fachada do prédio quando chegaram, chegou a sentir um arrepio, pois era bem parecido com o que tinha descrito em seu livro. Geralmente Stuart escrevia o que sonhava e aquele bairro tinha um ar de mistério que precisava e percebeu que encontrou o local perfeito para se inspirar. Com suas ruas de paralelepípedos e casas antigas, o lugar parecia saído de um conto de fadas.

Seu primeiro sonho sobrenatural o fez acordar suado durante a madrugada e percebeu que todos os dias acordava às três da manhã e ficava acordado até quase quatro. Durante esse tempo ouvia vozes, via vultos e não sabia se era realidade, ou se ainda estava dentro dos seus sonhos. Numa dessas madrugadas, ele ficou na varanda e ao olhar para a esquerda, viu uma mulher que cultivava ervas raras em um jardim exuberante na sua varanda e percebendo que não dava mais para recuar, deu um oi meio sem graça e ela apenas sorriu acenando. Durante a semana, Stuart foi tomar um café com Lauren minha vizinha bibliotecária e ela contou um pouco da vizinha que comentei... Falou que era conhecida na vizinhança como Katherine, ela era uma figura carismática, sempre disposta a ajudar os moradores com suas poções e conselhos sábios. Stuart, curioso por natureza, decidiu conhecê-la melhor, descobrindo que ela era uma bruxa benevolente, guardiã de antigos segredos e tradições mágicas. Foi o que ela mesma contou quando ele foi bater em sua porta pedindo alguma receita para curar sua gripe e ela mesma preparou o chá que curava qualquer resfriado e ainda disse que faria encantamentos que trariam sorte para ele, pois iria precisar se fosse realmente fazer o que pretendia, mas para ter cuidado com quem falava e o que falava.

Já o vizinho da direita, pelo menos um deles despertava medo e curiosidade. Diziam que ele era um demônio, mas Stuart, riu e deixou pra lá, mas Breno ficou um pouco receoso.

— Você escreve sobre essas coisas e não acredita! Eu mesmo esses dias que levantei, te vi falando sozinho na sala e estava com a porta aberta, eu até fui para fechar, pois você voltou para seu quarto deixando-a aberta e fui olhar no corredor e vi um vulto passar e era muito grande e sua sombra tinha chifres.

— Você devia estar sonhando também, pois não vi e nem fiz nada. Realmente eu tenho levantado todos os dias por volta das três da manhã, mas nenhum dia abri a porta.

— Mas você estava de olhos fechados Stu! E eu já te vi sonâmbulo antes.

— Seja o que for, melhor a gente deixar quieto, eu já fiz amizade com a vizinha do lado e ela é uma bruxa e...

— Você entrou na casa dela?

Stuart contou como foi e Breno ficou ainda mais receoso que antes e deixou bem claro que pretendia investigar melhor.

Em uma noite de lua cheia, Breno ouviu na madrugada um barulho estranho e ao entrar na sala, viu que Stuart dormia com um livro de bruxaria no sofá, mas o barulho vinha de fora. Pé ante pé ele seguiu para a varanda que estava aberta e a cortina balançava com o vento. Na varanda da direita, havia um jardim, e meio que escondido, ele observava um homem alto envolto em sombras. Para sua surpresa, ele viu os chifres e quando ele abriu os olhos, eles estavam vermelhos e sumiu como poeira. Assustado, Breno fechou a varanda com os dedos trêmulos e tentava acordar Stuart e lhe contou o que viu.

— Você só pode estar de sacanagem! — riu Stuart — Quem mora ali é um rapaz muito simpático e que não tem chifre, cruzei com ele ontem mesmo cara e ele é mais baixo que a gente.

— Ele pode ter se transformado!

— Não esquece que o halloween está chegando e não sabemos como o pessoal daqui age nessa época.

— Caraca! Verdade, nem tinha pensado nisso, puta merda!

Stuart tentava manter o amigo calmo, mas ele mesmo estava inquieto, mas o que antes pensava ser sonho, estava meio que se misturando a realidade.

No dia seguinte, Stuart estava animado desenhando o que havia sonhado nos últimos dias e ele mesmo ia ilustrar seu livro. Ele e Breno revezavam para cozinhar e como ficou ocupado, pediu comida para eles e avisou na portaria que quando chegasse, era para pedir Breno para subir com as sacolas e ele o fez quando chegou, mas não chegou sozinho, junto com ele estava nosso vizinho pianista e que Breno havia confundido com um ser demoníaco. Stuart preferiu nem comentar o incidente com eles, pois o papo entre eles fluía muito bem. Tão bem, que Breno pediu para anotarem o número um do outro e quando sentaram para comer, Breno falava animado como eles meio que se conheceram.

— Eu acabei vendo o Gabriel na rua e estava em uma loja e entrei ficando de olho nele e percebi como era amável com todos e muito simpático, realmente ele comprou umas máscaras e coisas de Halloween e me senti um idiota. Perguntei se ele ia vir pra casa e rachamos um uber e viemos conversando sobre música. Você sabe como gosto de clássicos e ele é pianista profissional e até cantou um pouco quando pedi no elevador. Eu o chamei para vir aqui na nossa festa e...

— Que festa?

— Inventei uma na hora para poder manter contato com ele e a gente se ver mais vezes, o chamei para cantar pra gente.

— Pra gente, ou pra você? Tô sentindo muito entusiasmo da sua parte.

— Não vou negar que ele me atraiu e muito, ele faz o meu tipo... Delicado, educado e inteligente.

— Se continuar assim, vou ter que arranjar outro amigo para rachar as despesas.

— Não é pra tanto.

Breno estava animado organizando a festa íntima dele com o vizinho, mas que para todos os casos, seria uma festa para uns amigos. Ele havia combinado com Stuart que assim que desse certo horário era para ele sair e voltar mais tarde. Stuart para não atrapalhar, saiu mais cedo que o combinado e seguiu para um barzinho e pegou a mesa dos fundos e colocando um fone, abriu seu notebook, pediu um lanche e escrevia empolgado o que havia sonhado nos últimos dias e encaixava os desenhos que fez e escaneou para já ir escrevendo e fazendo a diagramação do livro, pois era prazeroso ver que já tomava forma.

Breno estava animado conversando com Gabriel e ele estranhou a falta de outras pessoas, e Breno ia falando sobre seu trabalho, música e também o chamou para lhe mostrar sua coleção de discos antigos. Nesse momento, Breno tentou avançar um pouco e tentou beijar Gabriel e ele pediu desculpas, mas que já tinha alguém, desviando o olhar em seguida ele ficou pálido e disse que tinha que ir depois de esbarrar em uns desenhos do Stuart. Quando Breno retornou, recolheu os desenhos e tremia ao ver exatamente o que ele tinha visto, o homem alto e com chifres, mas era exatamente igual ao que viu, tão rico em detalhes e por uns segundos percebeu porque o vizinho havia saído correndo, não era somente por ele ter avançado, mas sim, por ver os desenhos. Determinado a saber o que realmente estava acontecendo, Breno pegou o desenho e seguiu para o apartamento ao lado para tirar satisfação.

Stuart retornava após ligar diversas vezes para Breno e ele não responder, provavelmente já estava dormindo, ou festejando com seu novo “amigo” em seu quarto. Só que quando desceu do Uber, viu movimentação de ambulância e carro da polícia e logo imaginou que Breno estaria ali para acompanhar de perto o que acontecia. Sua curiosidade era grande, mas sua vontade de ir ao banheiro era ainda maior e seguiu para seu apartamento entrando as pressas e mal reparou nos móveis revirados. Quando saiu do banheiro que percebeu e foi bater no quarto de Breno e estava vazio. Ele seguiu o rastro de destruição e também viu seus papéis de desenho espalhados e ao seguir para a varanda e de lá olhou um corpo entre as grades que atravessavam o corpo de alguém. Da porta vieram batidas e em seguida a porta se abriu e a bruxa Katherine entrou seguindo em sua direção.

— Você tem que ir embora agora, pegue o que der que temos pouco tempo, pois estão discutindo e ele está distraído.

— O Breno brigou com quem? Eu tenho que ajudá-lo.

— O Breno é aquele homem morto. — Katherine segurava o rosto de Stuart fazendo-o prestar atenção e perceber o perigo que corria em estar ali — Breno não sabia do perigo que corria ao deixar aquele rapaz entrar aqui, não é atoa que o número do apartamento deles é o 666. — ela ia falando e pegando as coisas dele que eram mais importantes e o empurrando para a porta — Vou te levar para um lugar seguro por enquanto, isso enquanto ainda temos tempo — ela ao recolher os papéis parou com o desenho do homem com chifres — Você o viu?

— Eu sonhei e desenhei.

— Interessante, talvez você tenha certos poderes que nem você mesmo saiba.

— Sempre fui intuitivo e supersticioso. — respondeu enquanto a seguia para fora do apartamento com sua maleta

com seu notebook e ao entrarem no elevador em vez de descerem, eles subiram e seguiram para o terraço.

— Só confia, ok?

— Creio não ter outra alternativa.

Stuart achava estar em mais um de seus sonhos e teve certeza que só poderia ser isso mesmo, quando Katherine fez com que eles pudessem voar para o prédio ao lado e assim por mais outros, até poderem descer flutuando em local seguro. De uma parede ela abriu uma porta que ele não sabia ser verdadeira, ou se ela havia criado naquele momento e entraram numa espécie de túnel.

Stuart acordou assustado e suspirou por estar bem e saber que era só um sonho. Ao sentar na cama já não tinha tanta certeza, pois aquele não era seu quarto.



Apartamento 602: Orfanato de Jude

João Starck

Acordo com um sobressalto, o coração batendo forte. O cheiro de maresia preenche meus pulmões, e o vento frio me arrepiava a pele. Demoro alguns segundos para me situar. As cortinas do meu quarto não existem mais. No lugar delas, há grandes janelas de vidro, embaçadas pelo ar úmido. Lá fora, uma tempestade se forma sobre o mar. Meu peito se enche de uma empolgação familiar, aquela mesma que sentia quando criança ao abrir um livro novo. Levanto da cama – mas, essa cama não é minha. O colchão é mais macio, os lençóis de linho cheiram a alfazema. Corro até o espelho e encontro meu reflexo lá, mas algo está diferente. Meu rosto está mais jovem? Meus cabelos estão mais longos? Ou será apenas a iluminação fraca do cômodo? Minha boca se abre em um sorriso involuntário. Eu conheço esse lugar. Sei exatamente onde estou...O Orfanato.

Meu coração acelera. É impossível, mas ainda assim está acontecendo. O Orfanato da Srta. Peregrine. Eu estou aqui. A empoção borbulha no meu peito, e dou um passo para fora do quarto. O corredor é longo e iluminado por velas que tremulam nas paredes. O tapete é fofo sob meus pés descalços. De algum lugar distante, ouço risadas infantis. *Meu Deus! Eu sabia que esse lugar era real. Sempre soube.* Desço as escadas correndo, o coração pulando de excitação. O saguão se abre diante de mim, imenso e glorioso, com um lustre de vidro brilhando como estrelas. O cheiro de madeira polida e livros antigos é reconfortante, como um abraço.

— Você demorou!

A voz me faz girar sobre os calcanhares. Uma garota loira, de olhos brilhantes e vestido xadrez, me encara com um sorriso travesso.

— Desculpe — digo, sem nem saber pelo quê.

— A Srta. Peregrine quer falar com você.

Meu peito se infla de orgulho. A Srta. Peregrine. Ela sabe que estou aqui. Ela quer me ver!

A garota segura minha mão e me puxa pelo corredor. Meus pés mal tocam o chão. Passamos por quadros de rostos familiares, fotos antigas que eu juro já ter visto antes. Algumas piscam para mim. Eu rio. É claro que piscam. Aqui, tudo é possível. O ar cheira a chá recém-preparado e torta de maçã. Crianças correm pelos corredores, algumas flutuam perto do teto, outras desaparecem nas sombras e reaparecem em outro canto. Eu gargalho, encantada.

— Eu sabia! — exclamo. — Sabia que tudo isso era real!

A menina aperta minha mão.

— Você sempre soube.

Meus olhos ardem de emoção. Eu sou uma delas agora. Eu pertenço a esse lugar.

~ • ~

Judith estava acostumada com essas manhãs.

Acordava antes do sol, sentindo o calor suave do corpo de Lauren ao seu lado. Observava o rosto de sua esposa, a forma como os olhos se moviam rapidamente sob as pálpebras, como se já estivesse imersa em algum sonho impossível de decifrar. Mas, quando Lauren acordava — quando os olhos brilhavam daquela maneira indescritível, como se tivesse acabado de descobrir um novo mundo — Judith sabia.

Hoje era um desses dias.

A primeira pista foi o sorriso. Um sorriso largo, puro, cheio de um encantamento que poucas pessoas no mundo eram capazes de sentir com tanta intensidade. A segunda foi a forma como Lauren se sentou na cama, os olhos varrendo o quarto, como se estivesse em um lugar completamente diferente. Judith não interrompeu. Apenas observou, como sempre fazia. Então, Lauren se levantou. Os passos eram hesitantes, cuidadosos. Ela estava explorando. Judith seguiu logo atrás, silenciosa, como um espectador privilegiado de uma peça particular.

— Você demorou!

O tom de voz de Lauren era cheio de alegria e expectativa. Judith sorriu. Sabia que Lauren não falava com ela, mas com alguém que apenas existia para seus olhos.

— Desculpe — Lauren continuou, rindo sozinha.

Judith não via o orfanato, não via as crianças flutuando no teto ou os quadros que piscavam. Mas via Lauren, e isso bastava. Com um toque suave no ombro, guiou sua esposa pelo corredor. Não a contradisse, não tentou trazê-la de volta com

palavras. Isso só tornaria a travessia mais difícil. Em vez disso, entrou no jogo.

— A Srta. Peregrine quer vê-la — murmurou, sussurrando como se compartilhasse um segredo.

Lauren arregalou os olhos, maravilhada. Judith sentiu um aperto no peito. Como alguém poderia ser tão linda?

Com um gesto delicado, segurou a mão da esposa e a conduziu até a cozinha. Lauren andava de cabeça erguida, como se o lustre velho fosse uma cúpula de vidro, como se o piso gasto fosse um tapete vermelho. Judith se permitiu um pequeno riso.

— Estamos quase lá — sussurrou.

Lauren assentiu, ansiosa. Quando chegaram à cozinha, Judith soltou a mão da esposa e puxou a cadeira para que ela se sentasse. A empolgação ainda brilhava no rosto de Lauren, mas os olhos já estavam começando a perder um pouco do frenesi inicial. Judith serviu uma xícara de chá, colocando os comprimidos ao lado do pires.

— Aqui está — disse suavemente.

Lauren olhou para os comprimidos e franziu a testa, confusa.

— O que é isso?

Judith sorriu.

— Algo para ajudá-la a continuar sua jornada.

Lauren hesitou por um momento, mas então sorriu de volta.

— Para a Srta. Peregrine?

— Para você.

Judith viu quando Lauren levou os comprimidos à boca e bebeu um gole de chá. Aos poucos, seus ombros relaxaram. O

sorriso ainda estava ali, mas menos intenso. A empolgação cedeu espaço para um cansaço súbito. Judith segurou sua mão e acariciou seus dedos.

— Está tudo bem, meu amor.

Lauren olhou para ela, confusa por um instante, e então seus olhos suavizaram.

— Eu sei.

Judith apertou a mão dela com mais força.

— Eu sei que sabe.

Judith esperou.

Conhecia bem aquele momento. A transição entre os mundos era sutil, delicada. O brilho nos olhos de Lauren diminuía devagar, como um sol se pondo atrás de colinas distantes. Sua respiração ficava mais lenta, seus ombros, menos tensos. Logo, os olhos da esposa voltaram a focar nela — nela de verdade, e não na Srta. Peregrine, ou em alguma criança peculiar que só existia dentro da mente de Lauren.

Judith apertou sua mão mais uma vez.

— Você está aqui comigo? — perguntou baixinho.

Lauren piscou, como se estivesse acordando de um sonho profundo. A expressão em seu rosto era sempre a mesma: confusão misturada com um leve resquício de encantamento.

— Sim — respondeu, depois de alguns segundos.

Ela olhou ao redor. Seus olhos percorreram a cozinha, os móveis conhecidos, a chaleira que chiava suavemente no fogão. Judith viu quando a realidade se reencaixou, como um quebra-cabeça cujas peças haviam sido embaralhadas por uma tempestade, mas que agora estavam voltando aos seus devidos lugares.

— Eu tive um surto?

Judith assentiu, sem soltar sua mão.

— Teve.

Lauren suspirou e esfregou o rosto. Por um momento, ficou em silêncio, apenas encarando a mesa. Então, sorriu de lado.

— Pelo menos desta vez não era um romance policial.

Judith riu baixinho.

— Eu gosto quando você vai para mundos mágicos.

Lauren ergueu uma sobrancelha.

— Você gosta?

— Gosto. Sempre fico curiosa para saber onde você foi.

A esposa ficou em silêncio por um momento, brincando com a borda do pires.

— Às vezes eu queria que você pudesse ver o que eu vejo.

Judith levou a mão ao rosto dela e acariciou sua bochecha.

— Eu vejo você. Isso já é o suficiente.

Lauren segurou sua mão, fechando os olhos por um instante. Quando os abriu, já estavam mais lúcidos, mais presentes.

— Me conta — pediu Judith.

Lauren suspirou e se ajeitou na cadeira.

— Eu estava no orfanato. As crianças estavam todas lá. Elas são tão incríveis, Judy. Algumas flutuam, outras conseguem controlar o fogo... E a Srta. Peregrine é tão elegante. Ela cuida de todos com tanto carinho.

Judith ouviu atentamente, absorvendo cada detalhe.

— E você? O que fazia lá?

Lauren sorriu.

— Eu acho que fazia parte delas. Como se eu também fosse peculiar.

Judith sorriu de volta e apertou sua mão.

— Você é.

Lauren riu e, por um momento, o silêncio entre elas foi confortável. Apenas o chiado da chaleira preenchia o ambiente. Então, Lauren voltou a suspirar, agora com um pouco mais de cansaço.

— Obrigada por estar sempre aqui.

Judith beijou seus dedos suavemente.

— Sempre, meu amor. Você é a idosa bibliotecária e esquizofrênica mais fofa de todas.



Apartamento 603: O quarto do tempo

João Starck

A noite estava espessa e imóvel. No sexto andar daquele edifício, o apartamento 603 era um santuário de trevas e mistério. O ar carregava um cheiro espesso de resinas queimadas, misturando olíbano, estoraque e mirra, formando um véu aromático que se entranhava nos móveis antigos. Velas negras e douradas tremeluziam ao redor de um círculo traçado em giz vermelho no assoalho de madeira. Em seus entalhes geométricos, runas e sigilos pulsavam com uma energia adormecida, aguardando o despertar. Ao centro, uma mulher de cabelos revoltos e olhos profundos estava ajoelhada. Ela trajava um robe de tecido grosso, bordado com símbolos arcanos que dançavam à luz trêmula das velas. Sobre seu colo, um grimório de couro envelhecido repousava aberto, revelando

uma página onde o nome *Vassago* estava inscrito em tinta escura.

— Vassago, Príncipe dos Espíritos Perdidos, aquele que enxerga além do tempo, eu te chamo pelo pacto selado em eras antigas...

A voz da bruxa reverberou no pequeno espaço. Suas mãos firmes espalharam o pó de enxofre ao redor do círculo, criando um cheiro acre que impregnou o ambiente. No centro do selo, repousava uma bacia de bronze preenchida com vinho espesso e sal grosso. A superfície refletia a luz de uma lâmina afiada, pronta para ser usada no sacrifício simbólico. Ela deslizou um punhal de osso pelo próprio dedo, deixando que três gotas de sangue caíssem no vinho.

— Pelo sangue, pelo tempo, pelo véu que separa os mundos, eu te convoco!

A mulher ergueu o livro e recitou as palavras escritas em uma língua que não pertencia ao mundo dos vivos. Os caracteres dançavam diante de seus olhos, mudando sutilmente conforme eram proferidos. O ar começou a vibrar com uma frequência baixa, um zumbido quase imperceptível que ressoava dentro dos ossos. As velas estalaram, como se algo houvesse sussurrado nelas. A sombra do aposento pareceu se esticar, moldando-se em formas impossíveis, tornando-se densa, como se uma entidade estivesse se materializando ali. Então, o espelho no canto do quarto tremeu. A superfície antes polida tornou-se negra como um poço sem fundo. Nele, olhos se abriram, vagos e antigos, observando a bruxa com um interesse inquietante.

Ela sabia que *ele* havia chegado.

— Príncipe Vassago, aquele que revela segredos ocultos e desvenda o que está por vir, eu lhe dou as boas-vindas...

A sombra no espelho se retorceu, e um som baixo, como um sussurro de centenas de vozes, preencheu a sala.

— Você me chamou.

A voz de Vassago era um sussurro múltiplo, como se incontáveis línguas falassem ao mesmo tempo, mas nenhuma em um tom acima do necessário. A bruxa manteve-se firme, embora sua respiração estivesse acelerada. Ela sabia que não era prudente demonstrar medo.

— Sim — respondeu, ajustando sua postura dentro do círculo. — Desejo ampliar meus dons de vidência. Quero enxergar além do tempo e do espaço, compreender os caminhos ocultos, ver a verdade como ela é.

O demônio inclinou levemente a cabeça, avaliando-a. Sua forma continuava mutável, ora humana, ora uma névoa disforme que parecia invadir cada canto do apartamento.

— Eu posso lhe conceder isso — murmurou, sua voz se infiltrando na pele dela como um arrepio frio. — Mas todo poder tem seu preço.

A bruxa engoliu em seco, esperando pelo que viria.

— O que deseja em troca?

Vassago sorriu. Ou algo que poderia ser um sorriso, se sua forma permitisse tal expressão.

— Seu nome verdadeiro.

O silêncio que se seguiu foi pesado. A bruxa apertou as mãos sobre os joelhos, sentindo o suor frio escorrer pela nuca. Ele sabia o peso do que pedia. Um nome verdadeiro era mais que uma identidade — era a essência de uma alma, uma chave para o controle absoluto sobre seu portador.

— Você hesita — Vassago observou, dando um passo em direção ao círculo de proteção. — Isso significa que compreende a seriedade do pacto.

A bruxa respirou fundo. Seus dons eram limitados. Ela via sombras do futuro, ecos do passado, mas nunca com clareza

suficiente. A dúvida sempre a corroía. Se pudesse enxergar com nitidez... se pudesse finalmente compreender os mistérios que escapavam até mesmo dos mais sábios...

— E se eu oferecer algo diferente? — tentou, a voz firme apesar da inquietação.

Vassago riu, um som distorcido e distante, como se viesse de todos os lados.

— Você não tem nada mais valioso do que isso.

Ela fechou os olhos. Por um momento, considerou a recusa. Mas a tentativa era avassaladora. Com um poder assim, poderia moldar seu destino, evitar armadilhas, encontrar respostas que há muito buscava.

Os lábios dela se entreabriram.

— Meu nome é...

O apartamento tremeu, as velas vacilaram, e Vassago inclinou-se para escutar.

— Meu nome é Katherine.

Ao pronunciar as sílabas, Katherine sentiu algo se desprender de dentro de si. Não foi apenas um nome que escapou de seus lábios, mas uma parte dela, algo que sempre lhe pertencera e que agora deslizava para as garras invisíveis de Vassago.

O círculo de proteção estremeceu, como se sua estrutura mágica compreendesse que, ao entregar seu nome, ela havia se desarmado de uma das proteções mais fundamentais. As chamas das velas oscilaram, tingindo-se de azul por um breve instante, antes de voltarem ao normal.

Vassago absorveu aquele nome, degustando-o como um vinho envelhecido. Seu sorriso era um contorcer de sombras, uma forma indistinta que parecia desdobrar-se dentro da própria realidade.

— Katherine... um nome carregado de peso — murmurou.
— Eu conheço seu sofrimento. Sei do fardo que carrega.

A vidente apertou os punhos sobre o tecido de seu vestido, sentindo a familiar frustração crescer.

— Então sabe por que fiz isso — disse, a voz firme. — Eu não quero mais ser uma espectadora impotente. Quero ver com clareza. Quero impedir as tragédias que sempre me assombam.

Vassago inclinou a cabeça, estudando-a como um joalheiro examina uma peça rara.

— Ah, doce ilusão dos mortais... acreditar que a visão clara do futuro permite moldá-lo. — Ele se aproximou até que seu vulto quase tocasse o limite do círculo. — Mas você já sabe que as marés do destino são teimosas. Mesmo quando enxergamos os caminhos, há forças que insistem em se dobrar sobre si mesmas.

Katherine sentiu um calafrio, mas não recuou.

— Isso não me impede de tentar.

O demônio riu, e o som pareceu vibrar nas paredes do apartamento.

— Muito bem, então. Eu lhe darei o que deseja. Você verá os fios do tempo com clareza, enxergará além dos véus da ignorância humana. Mas saiba disto: quanto mais claramente se vê o destino, mais se percebe a sua imutabilidade. As palavras eram enigmáticas, mas Katherine não hesitou.

— Que assim seja.

Vassago ergueu uma das mãos — ou o que se assemelhava a uma mão — e desenhou símbolos no ar. Eles brilharam por um instante, como ouro líquido, antes de se dissolverem no espaço. Katherine sentiu a mudança imediatamente. Seu crânio latejou, e seus olhos queimaram como se labaredas dançassem em suas órbitas. Ela cambaleou, agarrando-se à borda da mesa para não

cair. O mundo ao seu redor se despedaçou em mil fragmentos de luz e escuridão.

E então, ela viu.

Cenas se sobrepunham como telas sobrepostas, fluindo rápido demais para que pudesse acompanhar. Pessoas choravam em ruas inundadas, edifícios desmoronavam, chamas consumiam cidades inteiras. Mas também havia nascimentos, curas, reencontros e descobertas. Tudo ao mesmo tempo, como se o próprio tecido da realidade estivesse se desenrolando diante dela. A dor era avassaladora. Gritou, mas o som de sua própria voz perdeu-se no turbilhão de imagens. E, em meio ao caos, a voz de Vassago sussurrou, satisfeita:

— Agora você entende, Katherine. Agora você vê.

Ela arfou, forçando-se a manter-se firme, a encontrar um fio de coerência em meio à loucura. O silêncio que se seguiu ao ritual foi diferente de qualquer outro que Katherine já experimentara. Um silêncio tão denso que parecia conter em si todos os sons do mundo, sufocados antes de poderem nascer. Seu corpo tremia enquanto sua mente se expandia, cada visão, cada fragmento do tempo desdobrando-se diante dela. Mas, no fim, restou apenas uma única imagem nítida. *Eles estavam vindo*. Não demônios, não espectros, mas algo muito pior. Seres feitos de luz, moldados por uma justiça implacável. Anjos. Não os belos e serenos das histórias contadas para confortar crianças. Não. Estes eram guerreiros, executores do equilíbrio divino. Suas faces eram impossíveis de encarar, um reflexo das estrelas em fúria. Suas espadas queimavam com um fogo branco que não pertencia a este mundo.

A revelação desceu sobre Katherine como um golpe cruel: *o próprio céu a queria morta*.

Ela caiu de joelhos, os olhos arregalados fixos no teto de seu apartamento, como se através dele pudesse enxergar além das nuvens, além do espaço, até onde aqueles seres já se preparavam para descer. Sua respiração estava entrecortada, os

dedos se fechando contra o chão de madeira como se isso pudesse impedir que seu destino a alcançasse.

Por que? Por que os anjos queriam matá-la?

Então, compreendeu. Ela havia desvendado algo que não deveria. Suas visões, até então, sempre haviam mostrado catástrofes humanas, tragédias políticas, mortes, guerras. Mas agora... agora ela via os planos dos próprios céus. As engrenagens divinas giravam em segredo, invisíveis para todos, menos para ela.

E o alto escalão da criação não podia permitir isso.

Seus olhos ardiam enquanto absorvia o último lampejo do futuro. O momento em que as primeiras asas se espalhariam sobre o firmamento de sua cidade, luzes descendo como estrelas cadentes. O momento em que o ar ficaria pesado, carregado da presença celestial. O momento em que o primeiro deles ergueria sua espada, pronto para desferir o golpe final.

E então... silêncio.

Pela primeira vez, o turbilhão cessou. O caos em sua mente se dissipou, as visões se calaram. Sua mente estava vazia, livre. Como se todo aquele conhecimento houvesse se derramado no mundo, deixando-a apenas com a verdade crua e simples: *elas estavam vindo.*

Katherine se levantou devagar. Se Vassago tinha lhe concedido um presente ou uma maldição, agora já não importava. Tudo o que sabia era que não morreria de joelhos.

Ela *lutaria.*

— *Podem vir.* — sua voz saiu rouca, mas firme.

O apartamento estava escuro, iluminado apenas pela chama fraca das velas do ritual. Mas ela não precisava de luz para ver. Agora, seus olhos enxergavam muito além.

Os céus haviam declarado guerra.

— Que os infernos te ajudem. Nos veremos um dia.
Katherine. Até lá, sobreviva.

Ele se foi.



Apartamento 666: Paraíso profano

João Starck

Ao deixar o apartamento de Katherine, ajustei a gola alta do casaco negro. O tecido pesado escondia as marcas que serpenteavam pela minha pele como cicatrizes antigas, lembranças eternas do que sou e do que fui. Meus pés tocavam o chão do corredor sem som, como se o mundo hesitasse em registrar minha passagem. Minha pele tinha um tom dourado, o rosto angular, com maçãs do rosto proeminentes e olhos de um castanho profundo, quase negro, onde a loucura da onisciência habitava sem remorso. Os cabelos ondulados, escuros como a penumbra na raiz e loiro queimado nas pontas, caíam de forma ensaiada.

Meus chifres curtos, curvados para trás, eram quase imperceptíveis sob as mechas. Eu carregava o caos em cada

movimento, uma presença que dobrava a realidade ao meu redor sem esforço. Atravessei o corredor até o apartamento 666. A luz da manhã se filtrava pelas cortinas cor de marfim, tingindo o ambiente com feixes de luz mais fraca. Assim que fechei a porta atrás de mim, o silêncio do mundo exterior se desfez, sendo substituído pela melodia suave de um piano.

Lá estava ele. Gabriel Serafim, meu oposto em todos os sentidos. A pele morena, os cachos desordenados e aqueles olhos — ah, aqueles olhos! Castanhos dourados, sempre abertos ao mundo, sempre buscando.

Eu parei no batente da porta, observando-o. Havia algo quase doloroso na maneira como ele existia, como se cada respiração fosse um ato de fé, cada nota ao piano uma oferenda ao universo.

— Você voltou cedo — ele disse, sem desviar o olhar das teclas. — A reunião com os espíritos não rendeu?

— Mais do que deveria — respondi, um sorriso enviesado escapando dos meus lábios. Deslizei até o sofá, jogando o casaco por cima do encosto. — Katherine pagará o preço, mas não hoje. Os céus têm planos para ela.

Gabriel finalmente parou de tocar. O silêncio preencheu os espaços entre nós, denso e inquietante.

— E para você? O que os céus planejam?

— Me ignorar, se tiverem sorte.

Ele se aproximou, cada passo medido, uma dança silenciosa. Sentou-se ao meu lado e pegou minha mão, seus dedos traçando as linhas da minha palma.

— Eles não veem o que eu vejo — ele sussurrou.

— E o que você vê, fin?

— Alguém que tenta ser sombra porque teme ser luz.

Deixei escapar um riso, curto e rouco.

— Você sabe que o amor te torna vulnerável, não sabe?

— Você fala como se vulnerabilidade fosse uma fraqueza.

As palavras dele ecoaram dentro de mim, densas e perigosas. Estava acostumado a mortais temerosos, frágeis, quebradiços diante do desconhecido. Mas Gabriel... Gabriel nunca se curvava. Nunca recuava. E era essa audácia que queimava em mim, como brasa sob a pele.

— Você realmente não teme os céus? — perguntei, minha voz baixa, um ronronar sombrio.

— Não tanto quanto temo te perder.

Ele não desviou o olhar. A respiração firme, o peito subindo e descendo, desafiando a lógica, desafiando a ordem. Os dedos de Gabriel ainda percorriam minhas marcas, traçando o contorno das cicatrizes escuras sob minha pele, como se decifrasse um enigma proibido. Um calor distinto espalhou-se pela minha espinha. Raiva e fascínio misturavam-se, e aquela coragem imprudente me tentava. Ele era um lembrete de que, mesmo diante do inferno ou do paraíso, Gabriel não hesitaria em permanecer ali, ao meu lado.

— Você sabe o que isso significa? — aproximei-me, meu rosto a milímetros do dele. — Sabe o que acontece com mortais que desafiam os céus?

Ele deu de ombros, o sorriso brincando nos lábios.

— Sei que já caminhei pelo inferno para te encontrar. Caminharia de novo.

A provocação acendeu algo dentro de mim. Uma centelha transformada em fogo.

Segurei Gabriel pela cintura, puxando-o para mais perto, nossos corpos se tocando, o calor misturando-se.

— Então me mostre. — Minha voz era um desafio, uma rendição velada.

A tensão no ar mudou. Eu podia sentir. Não era apenas desejo, mas o peso de todas as escolhas, das consequências que ainda não ousávamos encarar. E ali, entre a luz filtrada e as sombras do apartamento, eu sabia: o verdadeiro perigo não vinha dos céus, mas do que eu estava disposto a arriscar para manter Gabriel ao meu lado.

— Você sabe o que isso significa? — aproximei-me, meu rosto a milímetros do dele. — Sabe o que acontece com mortais que desafiam os céus?

Ele deu de ombros, o sorriso brincando nos lábios.

— Sei que já caminhei pelo inferno para te encontrar. Caminharia de novo.

A provocação acendeu algo dentro de mim. Uma centelha transformada em fogo. Segurei Gabriel pela cintura, puxando-o para mais perto, nossos corpos se tocando, o calor misturando-se.

— Então me mostre. — Minha voz era um desafio, uma rendição velada.

A tensão no ar mudou. Eu podia sentir. Não era apenas desejo, mas o peso de todas as escolhas, das consequências que ainda não ousávamos encarar. E ali, entre a luz filtrada e as sombras do apartamento, eu sabia: o verdadeiro perigo não vinha dos céus, mas do que eu estava disposto a arriscar para manter Gabriel ao meu lado.

Ele tocou meu corpo encarando meus olhos. Seus lábios próximos ao meu corpo faziam minha pele vibrar e clamar pelo frescor de seus beijos. O primeiro foi na boca. Lento, determinado e ousado. Sua mão deslizou para dentro de minhas calças, procurando meu membro rígido. Isso sempre me fazia

arfar. Algo nas minhas entranhas se revirava com ansiedade e adrenalina. Sua boca percorreu meu pescoço, meu peito, alcançou meu umbigo e parou quando seu queijo tocou a cintura da calça. Ele estava me encarando com um olhar travesso. Eu odiava saber que não poderia forçar ele a me chupar. Isso iria matá-lo e me deixaria sem o ser mais importante da face da terra. Ele só faria se eu o desse o que ele queria.

— Por favor. — Cedi.

Seu rosto foi tomado por uma onda de rubor e felicidade. Ele arrancou minhas vestes, admirando cada centímetro do meu corpo. — Inferno, Gabriel é tão angelical. — seus lábios tocaram a ponta da cabeça, me fazendo arrepiar dos pés a cabeça.

— Peça.

— Droga, Gabriel, mama logo!

— Diabo mau. Peça com educação. — Ele disse batendo com meu pau na língua e apertando mais forte em seguida. Seu sorriso era branco e reluzente.

Sabia que eu não poderia fazer nada sem a permissão dele e isso o divertia.

— Não brinque comigo...

— Peça por favor.

— Gabriel...

— Vassago. Peça por favor.

— POR FAVOR! — Cuspibas palavras com dificuldade. Pedir “por favor” a um mortal? Inadmissível.

— Bom garoto.

Ele pôs tudo na boca, engolindo até a base e voltando sem desviar os olhos de mim. Todo o meu pau parecia forçar as paredes da garganta para caber. Isso ainda me faria morrer de

tesão, se é que eu poderia morrer. Ele subia e descia a boca com destreza, 23x11 não pareciam medidas tão impressionantes quando estavam na boca dele. Era tão delicada e macia...

— Gabriel, você vai me fazer...

— Gozar? Não. Você não tem minha permissão.

Meu rosto escureceu. Ele estava jogando sujo. De joelhos, ele estava fazendo a prece mais profana que poderia imaginar, e o melhor boquete que eu poderia receber. Eu passava a mão pelo cabelo, sorria sádico, chegava quase a me contorcer. Mas nada disso fazia ele perder o ritmo. Ele era bom no que fazia. Céus, eu amo esse menino. Ele tirou meu pau da boca, deixando ele pender rígido entre minhas pernas, depois levantou-se e parou em frente ao meu rosto.

Entendi o recado. Despi ele com pressa, mas sem perder a apreciação de rever a pele morena dele. Me sentia abrindo um presente ao tirar sua roupa. Beijei sua cintura e senti ele empurra meus ombros no sofá, apenas para vir por cima. Ele me encarava fixamente. Sentado encima da minha púbis, ele estava esperando novamente. Meus dedos encontraram seu interior. Eu o fodia diariamente, e ele continuava apertado como uma virgem. Como?

— Já sabe. — Ele disse com um sorriso inocente e provocativo ao mesmo tempo. Nesse momento, me questiono quem é o verdadeiro Daemon.

— Por favor.

— Não.

Minha garganta solta um rosnado, mas acaba soando como um ronrono. Ele não é tão angelical, afinal. Ele esfregava meu pau em suas nádegas, beijava meu pescoço e me fazia jorrar pré-goço. Seu beijo tinha o gosto das manhãs no Éden, o aroma de Gabriel era um golpe direto aos meus sentidos. Mesmo no calor do momento, ele exalava aquela mistura viciante de

cítricos frescos—bergamota e limão siciliano—entrelaçados à suavidade da íris. Mas era o fundo doce da fava tonka e o toque do almíscar branco que me prendiam, como correntes invisíveis. Cada movimento seu liberava mais daquela fragrância, preenchendo o ar ao nosso redor.

— Por favor! — Suplico.

— Por quê? — Ele diz, aprofundando seu nariz na curva do meu maxilar.

— Eu preciso. — Abro o jogo em uma última reza. Ele era o meu sagrado particular.

Em resposta, ele apenas introduz meu membro em si, me fazendo prender o gemido na garganta. Ele começa a gemer de forma manhosa e me olhar entorpecido de dor e prazer. Seus movimentos ganhavam força, uma cavalgada violenta e sem pretensão de terminar tão cedo. Eu não poderia resistir a isso. Precisava despejar todo o meu amor no interior dele. Seus movimentos eram ordenados, subia a cintura jogando o corpo para trás e o quadril para frente, me usando de apoio, logo em seguida descia jogando o quadril para trás e pressionando as unhas na minha nuca. Meu estava apoiado em seu peito. Tão sensível, com os mamilos tão duros... Minha língua bifurcada tomou vida e começou a estimular a região, fazendo-o acelerar os movimentos e aumentar a intensidade.

— Vassago...

— Gabriel...

Nossas palavras se misturaram, uma ordem partiu do interior do âmago dele.

Ele estava perto de um orgasmo. Ele não precisava deixar verbalmente, bastava querer que eu fizesse. Ele queria minha porra no rabo dele. E eu dei.

Ambos atingiram o ápice juntos, ele em meu queixo (infelizmente ele tinha tanta pressão quando uma mangueira e

eu estava abraçado em seu peito.) e eu dentro. Eu podia sentir o interior dele se contraindo em contra-ataque às minhas pulsações.



Drilly Manfre, nascida em Macapá -AP. Graduada em Designer, com curso de extensão de Acessibilidade em Museus, curso de extensão sobre História da Arte, com cursos de extensão em Programação de Software e arquitetura da computação, pós graduanda em Literatura Brasileira com ênfase em Literatura universal, selecionada nos concursos poéticos "Frutos de um jardim I", "Frutos de um jardim II" "Coletânea Quatro Estações (Portugal) " e "Poesia com reticências (Portugal)". Selecionada também nas antologias "Acolha o Pólen da vida - Frases", "Acolha o Pólen da vida - Poemas", "Poemário - 2018 (Portugal) " e "Passatempo - Luz, sombra e brisa (Portugal)", saiu em 3 edições do jornal Tribuna Liberal Sumaré - SP pelo projeto Por Corações mais humanos, saiu na revista VER-O-POEMA em 2017, recebeu em 2019 o Diploma de destaque cultural pelos relevantes serviços em prol do desenvolvimento da literatura Amapaense, recebeu também em 2019 o Diploma de honra ao mérito em reconhecimento aos relevantes serviços prestados em prol da divulgação do livro e do desenvolvimento cultural e artístico do estado do Amapá, 12 livros escritos.



Apartamento 701: Charlotte, lágrimas e solidão

Drilly Manfre

De pé no parapeito de sua varanda, Charlotte observava atentamente a chuva que caía fina e molhava os parapeitos dos antigos edifícios, olhou a hora no celular e pensou “ainda é cedo vou dar uma volta”, tomou um banho demorado sem se preocupar com o tempo passando, afinal, ela podia sair e voltar a hora que quisesse, pois, morava sozinha. Abriu o guarda-roupa e optou por uma roupa discreta, amava o modo como o frio percorria o seu corpo, como se mãos invisíveis a tocassem por todas as partes, fazendo sua pele e sua mente ficarem inertes, congelando suas lembranças. Então, ela podia viver o agora e deixar o que passou bem trancado em sua caixa imaginária. Enquanto seus monstros estivessem presos lá dentro, nada poderia atingi-la, nada poderia feri-la, nem fazer sangrar o seu coração. Seus cabelos loiros, alinhados em um coque

despretensioso, contrastavam com seus olhos castanhos, que carregavam a expressão dos que vivem muitas vidas em uma só. Vestia sempre roupas que condiziam com seu humor reservado: tons neutros, que ocultavam a inquietude que pulsava em seu interior. Era uma mulher que, apesar das aparências, vivia apinhada de medos e angústias. Preferia viver enquanto podia, era a definição mais linda e perfeita de um espírito livre, deixando a porta aberta para quem quisesse entrar ou sair sem danos. Por fim, pegou a bolsa e tocou a maçaneta na intenção de abri-la, nesse momento foi tomada por uma onda de adrenalina que percorria cada centímetro do seu corpo, começou a suar frio e sentir leves vibrações como uma onda leve de choques, respirou fundo e caminhou até o quarto jogou se na cama e se deixou abraçar pelas lembranças. Morava em um pequeno apartamento alugado, o lugar possuía um charme de coisa antiga misturada com sobrenatural, que fazia Charlotte se sentir em uma cápsula do tempo, ela tinha um amigo que morava no andar de cima, mas ela não sabia seu nome, nunca perguntara ele também nunca disse, ela lhe oferecia uma xícara com café, então os dois sentavam na varanda, e passavam horas em absoluto silêncio ouvindo música ou apenas em silêncio, ela gostava dessa relação. Ao lado, morava uma moça e um gato, Charlotte odiava gatos, no outro apartamento um cigano muito bonito para os padrões sociais, mas não chamava atenção de Charlotte que não se impressionava facilmente, e preferia não estreitar relações com os outros moradores, ela sabia que chegaria a hora de partir. Todos sabiam sempre o que estava acontecendo, quando ela se mudou tinha apenas uma mochila com poucas roupas, a cama, o fogão e a geladeira já estavam no imóvel, o restante foi comprando gradualmente, fazia questão de viver entre monstros de concreto e sentir a cidade pulsante como um coração, chamando seu nome, sussurrando como um fantasma debochado em seu ouvido, ansiava por movimento. Seu apartamento possuirá dois cômodos, sendo um quarto e uma cozinha que também era sala, o aluguel era barato e tinha uma varanda inspiradora onde, às vezes, ela sentava e escrevia poemas que nunca mostraria para ninguém. Levantou se da

cama um pouco menos desnorteada, o apartamento envolto na escuridão da noite, caminhou até a geladeira sem esbarrar em nada, ela conhecia cada centímetro daquele lugar como sua cápsula protetora, pegou uma garrafa de vinho e caminhou até o quarto, abriu a terceira gaveta do criado mudo, e a primeira coisa que viu foi uma já muito desgastada foto da sua mãe sorrindo. Foi inevitável não sentir uma onda de tristeza, mesmo assim desviou seus pensamentos, pegou seu caderno, caneta foi até a varanda, sentou em sua poltrona comprada em uma venda de garagem, como boa parte das suas coisas estranhas, fechou os olhos, sentiu o ar frio da madrugada, sentiu a embriaguez, deixou as vozes se acalmarem e escutou atentamente as palavras ressoando e tomando forma.

“Naquele exato momento que seus lábios

Tocaram os meus,

Senti sua mão deslizar até minha cintura

E me apertar de maneira abrupta sobre seu corpo,

Deslizei meus dedos em suas costas,

Arranhando-o levemente

Sussurros em meu ouvido

Chupou-me a língua e minhas pernas

Ficaram trêmulas,

Deixei-me envolver,

Nada mais importava,

Só queria sentir cada vez mais”

Suas mãos tremiam, escreveu incessantemente até sentir dor na ponta dos dedos, apertava as unhas com força em seu braço, querendo arrancar pedaços de sua própria pele. Em seu braço esquerdo, uma tatuagem, era uma frase que dizia “Há um homem tocando um violino cujas cordas são os nervos do próprio braço”, uma citação de “O corvo”...Pensava em seus muitos segredos, seus olhos eram melancólicos e diziam mais que suas palavras, quanto mais pensava, mais se sentia presa em uma teia, tomou cinco comprimidos de uma só vez e esperou fazer efeito, dormiu o sono dos injustos e pecadores, dormiu bem, como há muito tempo não conseguia



Sou Belle Dantas, Administradora de Empresas, Cursando Psicologia, estagiei em Psicologia Jurídica e Psicopedagogia. Participei de uma pesquisa científica sobre adoção legalizada com minha Professora e supervisora de jurídica. Tenho 53 anos e gostava de ler poesias na infância e amava declamá-las! Sou escritora amadora e já escrevi um livro infantil não publicado e estou escrevendo um Romance. Amo a arte em geral!



Apartamentos 702 e 703: Reencontro de almas

Elizabete Dantas

Giordani era uma artista muito talentosa em tudo que fazia! Ela também era uma excelente dançarina e cantava a noite nos bares sofisticados com uma banda em Nova York, que tocava músicas internacionais dos 70's, mas não era pela "grana" não, porque era pouca, mas pelo simples prazer. Afinal ela era considerada uma grande musicista! Ela fazia belos recitais de piano solo, além de ser sempre convidada a vários trabalhos de alto requinte profissional. Ela também era estilista e além de tocar piano também tocava violino. Foi aluna de uma das

melhores Escolas de Música do Mundo a Julliard School em Nova York. Era descendente de Italianos. Seus pais tinham alto nível Econômico e Social e patrocinavam todo esse requinte das escolhas profissionais de Giordani. Eles orgulhavam-se muito da filha e eventualmente promoviam festas beneficentes, nas quais Gio tocava seus instrumentos e ainda cantava.

Gio tinha um jeito e gosto excêntrico para se vestir, mas o que ela mais amava era seus jeans bordados ou pintados à mão por si mesma. Também gostava de cores intensas e combinações inusitadas, como renda com moletom, python com malha listrada, tartan com batik, cetim estampado com flores, peças Hippie 70s, botas com franjas, etc. Ela era pura arte da cabeça aos pés! E, nos tempos vagos ainda era compositora de músicas lindas! Ela também gostava muito de ouvir canções dos 70s e músicas clássicas.

Ela gostava de chegar em casa, tirar os sapatos, acariciar seu gato preto de pelos brilhantes e olhos verdes penetrantes, que pareciam atravessar a alma e até mesmo enxergar os espíritos, que ali habitavam entre paredes, portas e janelas deixando seus ectoplasmas espalhados pela casa.

Certa noite, quando Giordani chegava em casa passando pela portaria do Solaris cumprimentou o porteiro, pegou suas correspondências e entrou no elevador de serviço já que o social estava enguiçado. Este elevador parecia mal-assombrado. Fazia um barulho estranho rangendo os ferros e dava umas sacolejadas de vez em quando, que dava medo! Ela como era espírita acreditava, que espíritos obsessores viviam ali tentando

sugar a energia vital das pessoas que nele entravam. Mas, ela não tinha medo, porque sentia a presença de seus guias espirituais protegendo-a o tempo todo!

Ao descer no seu andar, que era o sétimo, já ouvia os miados de seu gatinho Salem de dentro de seu apartamento, que era o 702. O corredor estava sem luz e ela teve que acender sua pequena lanterna, que não saía de sua bolsa, pois já estava acostumada com essas quedas de luz em seu corredor. Ela dizia que eram os espíritos zombeteiros, que se divertiam tentando assustar as pessoas.

Ao passar pelo apartamento 703 ao lado do seu apontou sua lanterna e percebeu que a porta estava aberta. Não resistindo à curiosidade abriu vagarosamente a porta e deu uma espiada. Estava curiosa, porque aquele apartamento estava desalugado há mais de dez anos, desde quando a última moradora, uma velhota que era chamada de bruxinha do bem, que conhecia as ervas como ninguém havia falecido de morte suspeita! Todos a solicitavam no Condomínio quando tinham variados problemas como: insônia falta de apetite, ansiedade, dores no corpo, na cabeça, angústias, falta de apetite sexual, até mesmo doenças como câncer, hipertensão, alergias de pele, dificuldade de concentração, memória, enfim, ela sabia combinar ervas para chás de banhos e para ingerir também! Ela era muito querida pelas crianças e animais. Ela era uma espécie de benzedeira indígena e mentora espiritual. Ela ouvia as pessoas que a procurava e dava conselhos e chás. Todos tinham muito carinho por ela, exceto o Síndico Caim, que era um

homem muito preconceituoso! Inclusive, dizem as más línguas, que foi ele quem a assassinou. Bom, isso já é outra história, que somente a polícia pode dizer!

Gio entrou vagarosamente no apto 703 e viu que o imóvel estava sendo reformado e decorado. Os móveis eram muito bonitos! Não havia aparentemente ninguém no local, pelo menos encarnado, porque desencarnado ela sabia que havia, pois ao entrar sentiu seus pelos arrepiarem e sentiu um perfume original e bem familiar o de ervas frescas. É claro, que ela sabia que era a bruxinha do bem! Fez uma oração aos espíritos de luz pela alma dela e saiu de fininho entrando em seu apto ao lado.

Ao abrir a porta Salem pulou em seu colo e foi lambendo seu rosto ronronando como que pedindo atenção. Ela falou com ele como se este a entendesse: — Boa noite meu amorzinho! Tá com saudades da mamãe? Você quer tomar um leitinho morninho? — Salem pula do colo de Gio e vai miando em direção a cozinha. Ela tira os sapatos e sua jaqueta jeans toda estilizada com pinturas de flores cor de laranja à mão, segue para a cozinha, abre a geladeira e pega a garrafa de leite e coloca no pratinho de Salem e depois se serve em uma tigela com cereais. Faz o conhecido sibilo com os lábios para chamar o gato, pspspspsp... e vai para a sala, liga o computador coloca sua playlist e aumenta o som, senta-se no sofá e come seus cereais ouvindo suas canções prediletas.

Quando acaba de comer brinca um pouco com seu gatinho e levanta-se em direção a porta da varanda e entra para contemplar a noite estrelada, acende um cigarro e deita numa

cadeira espreguiçadeira com o olhar fixo na lua cheia, enquanto isso, começa a tocar na sua playlist a música que marcou sua infância, Act I. Allegro moderato, canção 1994.

Giordani tinha uns nove anos quando sua primeira Professora de Ballet clássico a Sra. Reneé, levou toda a turminha para o Teatro La Fenice, em Veneza. Este é um Teatro famoso na Itália que apresenta óperas, Balés e concertos de música clássica. Elas foram assistir ao espetáculo de Balé Gisele que era acompanhado por uma Orchestra Sinfônica que tocava Tchaikovsky-1. Allegro moderato (Violin Concerto in D op.35).

Gio ficou encantada com aquele Teatro, com a Orquestra e com o Balé nem se fala! Ela chorou de emoção durante o espetáculo e percebeu naquele momento que a alma dela havia sido tocada pela música e pela dança. Dali em diante nunca mais abandonou a dança e pediu aos pais pra a colocarem numa aula de piano. Depois na adolescência resolveu tocar violino também e na vida adulta foi se especializar numa grande Universidade como já disse anteriormente, a Julliard School em Nova York.

Então, naquele momento em que relaxava na varanda ouvindo aquelas músicas clássicas e lembrando aquele acontecimento que a fisgou tão jovem para as artes, Gio sentiu a presença de muitos espíritos de luz e muita paz na alma. Seu gatinho Salem sentou-se em cima dela e ficou olhando para o nada como se estivesse vendo as almas flutuarem e dançarem liberando energia positiva naquele ambiente.

Os espíritos de luz costumam fazer muitas curas em ambientes com músicas clássicas e também na beira da água dos

mares e rios. Eles sentiram algo no espírito de Gio meio que pesado atrapalhando o fluir positivo de suas emoções, que poderiam causar doenças autoimunes. Então, eles se reuniram ao redor de Gio. Salem que estava em seu colo saiu correndo como se sentisse a necessidade de deixar que os espíritos a curassem. Eles deram passes de cura nela que adormeceu rapidamente de forma tão relaxada que só foi acordar no dia seguinte na varanda deitada na cadeira.

Quando acordou... — Meu Deus, que sono gostoso! Não acredito que adormeci aqui! Nossa, eu estava tão cansada e acordei tão bem disposta! — Então se levantou e foi preparar um café! Enquanto fervia a água ela colocava os pães na torradeira elétrica e bocejava despreguiçando-se! Salem pulou em seu colo dando-lhe “lambeijos” apaixonados! A água já estava fervendo e colocou o café para coar. E neste intervalo a campainha toca. Gio estranhou, pois era muito cedo e não costumava receber visitas, mas foi abrir a porta.

— Vamos ver quem é Salem! Chega de tantos beijinhos meu pretinho fofo! — Olhou pelo buraco da fechadura e disse pensando em voz alta: — Nossa quem é esse homem! Uau, que moreno gatíssimo e forte! Hummmm... Deixa-me ver quem é!



Então ela abriu a porta esquecendo-se que estava só de tomara que caia que usava por debaixo da jaqueta no dia anterior e calcinha, pois havia acabado de tirar a calça jeans pantalona com pinturas e bordados feitos por ela mesma! Como ela morava sozinha com seu gatinho costumava ficar seminua dentro de casa. Então ela abriu a porta de supetão!

— Pois não, bom dia! O que deseja? Posso ajudá-lo?

O homem a fitou com seus olhos de esmeralda percorrendo seu corpo de cima a baixo mordiscando os lábios. E ela deu-se por conta de que estava seminua ficou com as bochechas coradas tentando esconder-se atrás da porta. Ele ficou tão sem

graça quanto ela e pigarreou tentando se recompor e disse gaguejando:

— Ô oi, me desculpe te incomodar tão cedo! Deixe-me me apresentar! Sou seu novo vizinho do 703, Ramirez! Muito prazer em conhecê-la!

Ela o observava também de cima a baixo reparando que ele usava argolas nas orelhas, rabo de cavalo e tinha a barba por fazer que o deixava muito sensual, cabelos negros meio cacheados com alguns fios platinados, uma boca carnuda, usava uma blusa aberta na frente mostrando um belo peitoral, ela pode reparar também um certo volume em suas calças pretas e justas e sobrancelhas grossas, que deixavam seu olhar ainda mais invasivo. Ele sentiu um cheiro vindo da cozinha de Gio e disse:

— Nossa que delícia esse aroma de café! Acho que está vindo da sua cozinha! Nossa se você me convidasse eu bem que aceitaria! Cheguei aqui muito cedo e nem tomei café. Ainda não achei minha cafeteira no meio da bagunça. (risos) Nossa que coisa feia!

E ela perguntou com ar de riso:

— O quê?

— Ah sim é que fui muito mal educado me auto convidando para entrar e tomar um café com você. Desculpe-me! Vou procurar uma padaria lá embaixo.

— Espere! Eu já ia te convidar mesmo e você nem disse o que queria ainda! Afinal somos vizinhos né! Entre logo e vamos

bater um papo para nos conhecermos melhor enquanto tomamos café!

Ele sorriu e aceitou o convite de imediato! Gio pediu que Ramirez aguardasse uns minutinhos enquanto ela iria colocar uma roupa para atendê-lo. Ele sorriu com uma carinha de safado, mas tentando ser respeitoso e disse:

— Tudo bem eu aguardo!

Dali a dois minutos ela reaparece com um roupão preto de veludo por cima das peças íntimas. Ele viu que o roupão tinha as iniciais do nome dela, que era GC (Giordani Conti) e falou apontando para as letras iniciais no roupão que era bordado em fios dourados como se fosse um Brasão de família:

— Hummm... Vejo aqui as iniciais do seu nome, acertei? E por falar nisso você nem me disse seu nome! — Ah desculpe eu até esqueci! Meu nome é Giordani Conti! Agora Sr. Ramirez entre e seja bem-vindo em meu doce lar!

Ele entrou meio constrangido, mas com um sentimento tão familiar, que encheu sua alma de paz e alegria de um jeito tão especial, que há muito tempo não sentia. Era como se algo mágico estivesse naquele cheiro que oxigenava seus pulmões de paz e saudades de um tempo que não existiu em seu pensamento e aquele felino de pelos negros e brilhantes que colocava as patinhas em suas pernas ronronando por colo e carinho lhe causando sentimentos de tanto amor e carinho... Ele pensava:

— Meu Deus, que lugar é esse que tu me trouxeste? E que mulher é essa que parece uma Deusa me deixando fascinado e

embriagado pelo melhor vinho, que tem a sua essência sem ao menos conhecê-la ao íntimo, cheio de desejos carnis e espirituais de tocar sua pele e beijar sua boca tomando o seu corpo deliciosamente sobre o meu?! Oxalá eu quero essa mulher pra mim! E fechou seus olhos como em oração! Então, Giordani aproximou-se dele em silêncio e ficou admirando-o não somente pela beleza física, mas por algo que ela desconhece apesar de sentir em sua alma.

Ela colou suas mãos suavemente em seus ombros e disse delicadamente:

— Vamos tomar nosso cafezinho lá na cozinha, que é meu lugar preferido para receber amigos, apesar de não ter muitos e agora que ganhei um vizinho novo de porta quero te levar pra lá!

Ele abriu os olhos como que despertando de um sonho e quando olha para ela vê que é tudo real! Ele sorri e diz:

— Hummm vamos sim, porque esse café tá muito cheiroso e eu preciso de cafeína para continuar minhas organizações lá na minha nova casa! — Nisso Salém pula no colo dele e dá muitos “lambeijos” em seu rosto. Ela chama a atenção do gato e manda ele descer, mas Ramirez começa a brincar e fazer carinhos e a retribuir os beijos amorosos de Salem, então ela para e fica admirando, porque nunca Salém fez isso com ninguém além dela! E diz:

— Nossa! Estou admirada com você meu anjinho! Nunca deu “lambeijos” nas visitas! Pelo contrário, você quer logo arranhar ou então corre e se esconde! — Disse ela para o gato

fazendo carinho e beijando sua cabecinha! Depois virou-se para o vizinho e disse:

— Me desculpe, mas você é banhado a leite? Gente, eu nunca vi o Salém assim com nenhuma visita! Ele é anti-social demais! Risos...

Ramirez sorriu e disse:

— Certamente ele percebeu que sou amigo dos animais, principalmente gatos!

Ela sorriu ainda mais admirada e interessada nesse homem, que mal chegou e já conquistou até mesmo seu gato! Então perguntou:

— Sério? E por que gatos e não outros animais?

Ele coçou a cabeça achando que ela talvez não o compreendesse e disse:

— É que os gatos são animais especiais. Não sei se você irá compreender, mas preciso te contar logo uma coisa a meu respeito que talvez você não queira mais fazer amizade comigo!

Ela empalideceu e pensou “Meu Deus não vai me dizer que ele é um bandido, ex-presidiário ou quê! Um homem tão interessante desse tinha que ter algum defeito! Eu sabia o amor não é pra mim! Quando aparece um homem que me encanta como ele...aliás nunca apareceu né! Ele é o primeiro em todos esses anos, nem dá pra acreditar! “

—Mas, por que fala logo já estou ficando nervosa!

Ele disse:

—É que os gatos têm uma visão do mundo espiritual. Eles conseguem ver os espíritos tanto os de luz quanto os sem luz e

eu venho de uma família de Ciganos e sei que muita gente discrimina nosso povo como vagabundos e ladrões, mas isso não é verdade! Somos um povo que têm uma espiritualidade forte, capazes de prever coisas boas e ruins no futuro das pessoas e... Ela o interrompeu dizendo:

— Ah então é isso! Quase me matou do coração por nada! Eu sou uma mulher espírita e como vocês eu também tenho mediunidade e não vejo, mas ouço espíritos por toda parte e além do mais sou apaixonada pelos Ciganos! Vai ver que foi por isso que fui com a sua cara!

Ele achou graça do jeito dela falar com tanta simplicidade e soltou uma gargalhada sem querer dizendo:

— Nossa eu já estava suando frio aqui pensando que você fosse me escorraçar da sua casa e Adeus cafezinho! Ahahahaha...

E os dois riram muito juntos! Nesse momento chegaram muito perto um do outro e ela dando pequenos socos no peito dele brincando até que ele pegou em seus braços e olhou em seus olhos, os lábios se aproximaram e quase se beijaram até que o leite que estava no fogo ferveu e derramou todo no fogão!

E Ela disse:

— Ai que droga! Porcaria! Eu odeio quando isso acontece! Acabei de fazer minhas unhas hoje e já vou ter que fazer de novo!

Ele sorriu achando ela engraçada e disse:

— Calma eu lavo depois para você! Mas talvez tenha uma coisa que você não saiba sobre leite fervido derramado. É que

minha vizinha era uma Cigana muito antiga e dizia que quando isso acontecia era sinal de que o amor estava próximo!

Ela largou a leiteira dentro da pia acalmando-se e disse:

— Nossa, que lindo! Eu não sabia disso! Então vamos ao café!

E ele respondeu a ela pedindo permissão para que fizesse a oração Cigana do Amanhecer. Com o consentimento dela começou a orar em voz alta assim:

— “Salve o Sol, a Natureza, o Orvalho da Manhã!

Salve Deus todo Poderoso, que me dá a felicidade de tomar a bênção de toda a Natureza.

Salve o Vento, o Sol, a Chuva, as Nuvens, as Estrelas e a Lua!

Salve as forças das Àguas, a Terra, a Areia e o Solo Fértil!

Que belo seja seu remédio!

O pão que parto à mesa seja multiplicado!

O Trigo que trago comigo, seja minha propriedade!

O Universo me abrace!

E que os quatro Elementos: Terra, Água, Fogo e Ar, me dêem as forças necessárias para todas as dificuldades de minha vida!

Meus caminhos sejam abertos, hoje e sempre, com toda a pureza dos Elementais e dos Anjos Mensageiros de Deus. Assim seja!”

A oração deixou Gio emocionada! E para disfarçar as lágrimas nos olhos ela foi logo servindo o café, os pães de queijo, as frutas, iogurte e cereais deixando Ramirez a vontade para que se sirva sozinho. E disse:

— Não faça cerimônia vizinho e sirva-se ao seu gosto, enquanto eu coloco a ração do Salem! — Então ele disse:

— Muito obrigado! Esse pão de queijo parece muito bom! Já estou atacando a mesa hein! Venha logo antes que eu coma tudo! Risos...

Ela sorriu e disse:

— Pode comer tudo menos meu iogurte natural caseiro de abacaxi pinkglow! Ahahaha... Estou brincando, é claro que pode comer, mas deixe um pouco pra mim!

Esta fruta que ela ama o abacaxi pinkglow, realmente existe! Ela é cultivada na Costa Rica, é uma fruta geneticamente modificada que tem polpa rosa doce. Ela conheceu essa fruta através de uma cozinheira, que trabalhou para ela e era da Costa Rica. Gio adorava as comidinhas que ela preparava, mas infelizmente Arabela teve que voltar para casa, pois seu avô estava idoso e doente! Mas, não se esqueceu de deixar a receita desse iogurte para Gio e o endereço onde comprar a fruta, que era importada da Costa Rica. Quando Gio voltou e sentou à mesa na cozinha ela serviu-se de tudo um pouco e começaram a conversar. Ela falou de sua vida, suas artes, sua família e ele também falou de sua vida para ela. Depois do café, ela o convidou para ir até a varanda fumar um cigarro, que era seu único vício. Ele disse que também fumava e foram juntos até lá. Sentaram-se numa poltroninha bem confortável que dava para dois... Ele puxou o cigarro do bolso junto com o isqueiro e deu para ela, que acendeu um e ofereceu a ele sujo de batom. Ele pegou deu um trago e disse:

— Assim vou descobrir seus desejos!

Ela sorriu e pensou cheia de malícias” mal sabe você, bobinho, eu queria mesmo é que me beijasse na boca! Assim iria sentir meu gosto e descobrir de verdade meus desejos!”

Ele perguntou:

— Disse alguma coisa?

Ela corou a face e pensou que tivesse dito em voz alta respondendo:

— O que? Ah, não! Estava só pensando aqui numa coisa, que tenho que fazer!

Ele aproximou-se do rosto dela virando seu corpo todo de frente para o dela e disse:

— Preciso fazer uma coisa com você posso? Não estou mais me segurando e mesmo que você diga que não e me dê um tapa na cara eu vou fazer, porque meu instinto me obriga!

Ela disse:

— Pode fazer! Eu acho que vou gostar!

Ele com aqueles braços musculosos, puxou-a colocando-a em seu colo e beijou loucamente a sua boca e ela retribuindo aquele beijo cheia de desejo e loucura colocou as mãos dele entre suas pernas enquanto deslizava as suas naquele peitoral moreno e forte e foi escorregando ainda mais para baixo até chegar no membro dele que estava tão rígido quanto uma pedra.

Eles estavam tão enlouquecidos de paixão e excitados como almas gêmeas que se reencontram após vários séculos separados. Nessas alturas o roupão dela já estava no chão e ele

Antologia Edifício Solaris

começou a beijar seu pescoço e tirou o tomara que caia dela com uma mão só e se amaram loucamente ali mesmo como se nunca tivessem se separado.



Andréia Marques, Psicanalista, filósofa, escritora, editora e contadora de histórias. Membro Correspondente da AIAB (Academia Inclusiva de Autores Brasileiros) e Membro da AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira), fundou a editora Panóplia, publicou dez livros, organizou e participou de diversas antologias.

Contato: www.andreiamarques.com.br



Apartamento 704: A MOÇA NA LUA

Andréia Marques

Com a caneta erguida sobre o papel, Kamile não conseguia escrever nenhuma palavra, e o que dizer do roteiro para o próximo vídeo? Não sabia por onde começar, se a inspiração não surgia por nada. Em sua carreira de booktuber, poucas vezes havia caído no famigerado bloqueio criativo, e aquele era, com toda certeza, o pior de todos.

— O que fazer? — Perguntou para sua própria imagem refletida na vidraça. Deitada no balcão de sua janela, sentia uma ponta de desesperança, como se nada fizesse sentido.

Lá fora, o dia frio e chuvoso parecia noite. Tanto que, embora fossem duas horas da tarde, no prédio em frente ao seu, a maioria das luzes estavam acesas. Foi então que ocorreu-lhe a única ideia. E se fizesse um vídeo unboxing? Não precisava de roteiro nem resenha, apenas apresentar os livros recebidos em sua caixa postal. O único trabalho seria ir até aos Correios, mas sabia que valeria a pena, pois era certo que encontraria pelo menos uns cinco livros de cortesia das editoras, já que não ia buscar fazia algum tempo.

Levantou-se animada. Escolheu a maior bolsa do armário, calçou suas galochas vermelhas e enfiou-se na capa de chuva florida. Pouco tempo depois estava na rua e era a única louca a aventurar-se na chuva torrencial.

Por sorte, sua agência ficava bem perto, a exatamente duas quadras. Então, era só andar alguns metros, atravessar a avenida principal e pronto! Já se encontrava dentro dos Correios, que por sinal, estava vazio.

Seguiu até o armário de correspondências parando diante da caixa postal. Afundou a mão em sua bolsa gigante, ficando quase um século à procura da minúscula chave que abria a portinhola. E, conforme havia previsto, estava lotada! Muitos exemplares de várias formatos, gêneros e editoras. Todos aparentemente maravilhosos. Kamile sorria como uma criança abobalhada. Era incrível receber livros, mais do que qualquer outro presente!

Foi retirando-os, com todo cuidado, até que um deles lhe chamou bastante a atenção. Tinha capa e contracapa

primorosas, em papel emborrachado macio, preto fosco, com várias estrelinhas em semivinil e a estampa de uma lua azul poderosa, onde estava sentada uma moça de perfil. E o título não poderia ser mais fofo:

— A Menina na Lua. — Leu em voz alta.

Encantada, devorou a sinopse:

"Esta é a incrível história da Senhorita K., uma garota inquieta e corajosa que, aos dezoito anos, saiu da casa de seus pais para viver suas aventuras, independente e completamente sozinha. Não que buscasse a solidão pela incapacidade de amar, muito pelo contrário! Era uma romântica assumida, que apreciava as coisas mais simples, como as flores e os livros... Ah, os livros! Estes, então, eram sua maior paixão e foram seus maiores mestres nas mais difíceis decisões em sua busca por um significado especial para a vida, para a sua própria vida."

Kamile estava surpresa. A tal moça na lua se chamava Senhorita K. Além da coincidência da inicial dos nomes, a personagem também havia saído de casa com dezoito anos, também morava sozinha e amava os livros. Bem interessante, afinal, quem era aquela moça na lua, se não, ela mesma?

Tentou ler a primeira página e se enrolou com o restante dos livros, deixando que todos caíssem no chão, fazendo um enorme barulho. Logo surgiu um segurança de olhar carrancudo e ela, envergonhada, catou um por um e saiu apressada sem parar de pensar na Senhorita K.

De volta ao seu apartamento 704, abandonou a bolsa em um canto da sala, tirou as galochas e a capa de chuva e largou-

se sobre o sofá, abrindo o curioso livro. Nem se lembrava mais do tal roteiro que precisava escrever meia hora antes.

"Capítulo um, marco zero. Era o primeiro dia da Senhorita K. em seu apartamento. Diante da vidraça, observava a cidade, apertando uma xícara de café, que ela mesma fizera, entre as mãos. Ouvia cirenes, buzinas, vozes e todo ruído de uma grande cidade parecia música aos seus ouvidos. Estava tão orgulhosa de si mesma que mal suportava a felicidade batendo forte em seu peito.

Deixar a casa de seus pais fora sua melhor decisão, ainda que bastante difícil. Reconhecia que morar sozinha era mesmo algo assustador. Mas entendia, desde sempre, que não se constrói uma auto confiança sem uma boa dose de medo."

Kamile fluía na história. Concentrada em cada detalhe absurdamente familiar, como se tivesse em mãos, sua própria biografia.

"Dificuldades surgiriam, com toda certeza. A Senhorita K. sabia bem disso. Mas teria um tom diferente em um lugar especial, sem o qual, não poderia alcançar o crescimento que tanto desejava. Um lugar de onde pudesse encontra-se consigo mesma e, ao mesmo tempo, abraçar aos poucos, e com segurança, a realidade que sempre a aguardou. Por isso elegeu, como refúgio, não apenas seu apartamento, mas também e, principalmente, o balcão de sua janela, onde poderia se acomodar, sentindo e observando, sendo expectadora de si mesma e do mundo. Como se estivesse... Sentada na lua!"

— Ah, aí já é coincidência demais! Quem escreveu essa história?

Rastreou a capa. Pietro Mascarenhas era o autor. No celular, inseriu seu nome no site de busca, que retornou várias fotos de um jovem bonito, de olhar intenso e sorriso sedutor, que kamile tinha a certeza de ter visto antes.

Cismada, buscou mais informações e descobriu que Menina na Lua era seu segundo romance, um sucesso de vendas, tanto que Pietro era um dos autores mais requisitados nos eventos literários nacionais. Estranho ela nunca ter ouvido falar dele, mas o queridinho da literatura tinha apenas vinte e quatro anos, era recém formado em letras, gostava de gatos e havia morado em vários lugares, inclusive... Em seu bairro, cerca de um ano antes.

— Meu Deus! Só pode ser isso! — Disse, arregalando os olhos para o prédio em frente. Imaginou Pietro sentado em um dos apartamentos, com seu notebook no colo, observando cada passo seu! Talvez, até, tivesse perguntado sobre ela na portaria, por isso o nome da personagem era apenas Senhorita K., para não entregar tudo.

Duvidando da própria sanidade, fechou todas as cortinas da sala e tornou a abrir mais uma página:

"(...) Eram momentos mais simples que a Senhorita K. mais admirava. O sabor do café quentinho, a luz do sol por entre as cortinas, o cheiro dos seus livros, muitos dos quais ela recebeu de presente, pois sabiam o quanto ela gostava de ler."

À medida que Kamile avançava na leitura, mais aumentava sua certeza de que fora a inspiração para aquela obra extraordinária. Cada acontecimento, cada detalhe da personalidade marcante da Senhorita K. remetia a ela mesma e isso era fenomenal. Ficou tão envolvida, que só conseguiu abandonar o livro muitas horas depois, de madrugada, quando acabou de ler toda a história.

Acordou, na manhã seguinte, prostrada no chão da sala, imprensada entre o sofá e a mesa de centro. No rosto, a marca do tapete e do espanto que ainda experimentava sobre tudo que havia lido. Como fora ousado! Embora soubesse que muitos autores se inspiravam em pessoas reais para construir seus personagens, aquilo era muito assustador.

— Pietro, você é um cara pirado! — Falou em voz alta, já tendo a certeza de que ela fora, realmente, a sua musa inspiradora.

Verificou, novamente, sua biografia no celular. Precisava saber mais sobre ele e sobre sua estranha fixação por ela. Visitou o site da editora e do próprio autor, onde havia disponível a programação dos próximos eventos que participaria. Dentre eles, um bate-papo literário que aconteceria naquele mesmo dia, em outra cidade, cerca de 100 quilômetros de onde ela morava. Poderia parecer loucura mas era uma oportunidade magnífica de olhar em seus olhos e perguntar porque tudo aquilo? Por que o livro? Por que ela?

Foi a primeira a entrar no auditório, cerca de meia hora antes do início do evento. Sentou-se logo na primeira fileira,

bem próxima à uma mesa com microfones. Estava ansiosa pra ver sua reação, pois tinha a certeza de que, quando trocassem os olhares, ele ficaria desarmado.

Dez minutos depois, o público começava a chegar, composto, em sua maioria, por meninas da sua faixa etária, que foram ocupando, pouco a pouco, todos os lugares.

Pietro surgiu à hora combinada, acompanhado da organizadora do evento, uma senhora séria e elegante. Sorridente, ele se acomodou à mesa. Retirou alguns livros da sacola de couro que levava, organizando-os à sua frente. Depois arrumou a camisa, ajustando as dobras em seus punhos e passou o olhar amigável por todos, sem perceber Kamile à sua frente.

A senhora, então, iniciou o evento e apresentou Pietro, que recebeu uma salva de palmas e gritinhos das fãs mais animadas. Por mais de quarenta minutos ele falou sobre sua carreira como romancista e poeta, das antologias que participou, dos seus próprios livros, enfim, de todo o universo literário que lhe dizia respeito. Sobre seus personagens, falou da Senhorita K. com especial carinho, pois se tratava, como ele mesmo disse, da sua figura feminina preferida.

Ao final da sua palestra, a mediadora abriu espaço para as perguntas. Kamile decidiu não se pronunciar e aguardar pacientemente pelo final, para que pudesse, enfim, colocar-se frente a frente com ele, impedindo qualquer possibilidade de evasivas.

A escolhida para fazer a primeira pergunta, levantou-se do meio da platéia. Kamile à conhecia de vista.

— Meu nome é Yasmine e sou do blog Conversando sobre Livros. Primeiro, parabéns pela sua obra, sou uma grande fã sua. Bom... A que você deve esse sucesso tão repentino de A Menina na Lua?

— Olá, Yasmine! — Respondeu ele, sempre sorridente. — Primeiro, obrigado por seu carinho. Sobre sua pergunta, sinceramente, eu não saberia responder. Ouve uma grande identificação do público juvenil feminino com a história, talvez pela personagem ser bastante verdadeira.

— Verdadeira? — Continuou Yasmine. — Então alguém em especial inspirou você? Quem seria a Senhorita K. da vida real?

Pietro sorriu envergonhado e pela primeira vez parecia olhar para Kamile, que estremeceu na cadeira.

— Sim. — Respondeu, com o rosto vermelho. — Na verdade, ela está aqui conosco.

— Eu sabia! — Vibrou, Kamile, em êxtase, em meio ao burburinho que se fazia na platéia.

— E como se chama a musa inspiradora? — Insistiu a blogueira.

— Ela se chama...

— Kamile, diga, Kamile! — Sussurrava, de olhos fechados.

— Katarina, minha namorada. — Respondeu, apontado discretamente para uma jovem.

Todos se voltaram para a garota de olhar tímido, sentada na primeira fileira, ao lado de Kamile. De repente, houve uma salva

Antologia Edifício Solaris
de palmas para aquela que, sem mais nem menos, havia tomado
o seu lugar.

— Não! — Kamile gritou, levantando-se.

Houve silêncio, enquanto todos a olhavam surpresos.

— Isso não é verdade! — Kamile continuou.

— Co-como? — Perguntou Pietro.

— Você está mentindo!

— Não estou não.

— Está! E nós dois sabemos bem disso!

— Não sei de nada não.

— Claro que sabe... Você só pode estar brincando!!!

— Por que eu brincaria com algo tão sério?

— Eu fui a sua inspiração!

Todos observavam, atônitos, inclusive o próprio Pietro.

— Eu, eu, eu! Você é um mentiroso!

— Me desculpe, realmente não estou entendendo.

— Você se inspirou em mim pra escrever o livro! Diga a verdade, agora! — Kamile começou a chorar. — Não pode ser essa Katarina... Você me descreveu perfeitamente no livro.... Eu sou a Senhorita K.!

Pietro, então, assumiu uma expressão de que havia entendido tudo. Pensou por alguns segundos e falou em seguida:

— Moça, acalme-se e sente-se, por favor. Qual é o seu nome?

— Você sabe... Sou a Kamile.

— Bem, Kamile, acho que entendo o que está acontecendo.

— Continuou Pietro com o tom de voz bem suave. — Vou fazer uma pergunta, uma única pergunta, a todas aqui presentes e tenho a certeza de que você vai chegar à mesma conclusão que eu.

Houve silêncio.

— Meninas... — Continuou ele, calmamente. — Levante a mão, quem se identificou com a personagem a ponto de achar que o livro foi escrito pra você?

Quase todas as mãos se levantaram e Kamile engoliu seco. Como pôde ter se enganado daquela forma? Sentiu-se forçada a despertar de um grande sonho.

— Mas até a inicial do nome é igual...

— Aí, já foi coincidência, mesmo. — Ele concluiu, em tom amável.

— E o balcão na janela?

— Tem um balcão na sua janela também? Incrível! Mas não passa de outra grande coincidência. Afinal, muitos prédios possuem balcão de janela nos seus apartamentos. Mas não se sinta constrangida. Estou realmente lisonjeado que o meu livro tenha tocado tão profundamente você a ponto de...

Pietro não conseguiu concluir, Kamile saiu da sala aos prantos.

Em seu apartamento, Kamile estava com seu vestido floral preferido. Embora tivesse, em sua cabeça, o roteiro pronto

sobre tudo que iria falar naquele vídeo, preferiu deixar as palavras fluírem de acordo com seu sentimento.

— Olá, queridos! — Saudou, iniciando a gravação. — Eu sou a Kamile Freitas e esse é o Lendo Pra Valer!

Inclinou-se rapidamente para sua estante repleta de livros que utilizava como cenário e voltou:

— É... A vida de um apaixonado por livros não é fácil. Assim como toda paixão, envolve prazeres e desprazeres. Seguimos nos equilibrando entre o forte desejo de ler todos os livros do mundo e a certeza dolorosa de que não conseguiremos atingir nem um terço desta meta, durante uma vida inteira. Nada, então, é previsível quando se diz respeito a essa paixão. Alegrias não são garantidas e é mais certo que venhamos a sofrer... Seja pela morte daquele personagem preferido ou pela separação daquele casal que shipamos. Mas o todo é extremamente compensador, mesmo quando encerramos, aos prantos, aquela história que poderia ser interminável. Cada livro é um universo novo e a gente cria uma sincronicidade inevitável com o nosso próprio universo. Em parte conseguimos, pois, vivemos mil vidas se lemos mil livros. Mas existem, nessas mil vidas, aquelas mais intensas, quando o livro te abraça de uma forma que você poder jurar que ele foi escrito pra você...

Respirou fundo, com um sorriso sereno no rosto.

— Aí nos damos conta de que faz parte deste ofício de leitor, ser uma espécie de marinheiro solitário, que navega sozinho pelo oceano dos livros, e que deseja, com todas as suas forças, ser enfeitiçado pelo canto da sereia. Porque sabe que

Antologia Edifício Solaris
esta é, inevitavelmente, a sua sina... Viver e morrer nos braços
sedutores da fantasia.



Apartamento 801: Melancolia

Andréia Marques

A sala estava tomada por uma luz fraca, filtrada pelas cortinas finas que cobriam a única janela do cômodo. O ventilador de teto girava com certo esforço, produzindo um zumbido contínuo, quase hipnótico. O ar cheirava a naftalina, incenso velho e alguma coisa doce — algo que Edgard não soube identificar de imediato, mas que o deixou inquieto.

O psicanalista se ajeitou na poltrona encardida. Aninhou os braços nos apoios gastos e, com a familiaridade de um ritual, acomodou no colo o velho caderninho — o mesmo onde registrava os delírios, angústias e labirintos mentais dos que o procuravam.

Ou, como naquele momento específico, dos que ele ia encontrar.

Augusto era um caso especial. Daqueles que obrigam até os profissionais mais experientes a saírem de seus consultórios acolchoados, daqueles que testam os limites da prática psicanalítica.

O jovem sofria de uma coleção de psicopatologias que poderia encher um manual psiquiátrico inteiro. Claustrofobia, agorafobia, tanatofobia... O medo da morte, o medo da vida, o medo de sair de casa. Um pavor paralisante do mundo lá fora, das pessoas, das luzes, dos sons. Só se sentia seguro dentro de seu próprio apartamento.

— Podemos começar, Augusto? — perguntou Edgard, com a caneta pronta sobre o caderninho de anotações, as páginas marcadas com o peso de outros tormentos.

O rapaz, deitado no sofá à sua frente como quem aguarda o fim do mundo, respondeu com a voz arrastada de quem já morrera várias vezes por dentro:

— Por onde você quer que eu comece?

— Por onde quiser.

Augusto cruzou os braços ossudos. Seus olhos escuros fixaram um ponto no teto, aquém do ventilador.

— Não senti mais aquilo.

— Aquilo? Pode descrever? — Edgard não sabia ao certo qual queixa Augusto traria à tona naquela sessão.

— A solidão. A porra daquela sensação de que ninguém se importa. Como se o mundo inteiro tivesse esquecido que eu existo. Um buraco no peito, sem fundo.

— Entendi... — Edgard assentiu, escrevendo.

— Então, ultimamente, não me sinto mais sozinho.

— E o que mudou?

Augusto hesitou. Sua voz veio num sussurro quase reverente:

— Ela... Ela me visita todos os dias... Já tem uma semana.

Edgard se ajeitou na poltrona. O som da caneta parou.

— Ela, quem? Você está se relacionando com alguém? É alguma vizinha? — Perguntou deixando escapar certa animação.

Augusto riu ironicamente.

— Não é um relacionamento do jeito que você está pensando. Ela vem ao entardecer... Sempre no mesmo horário. Primeiro, sinto meu peito apertar, como se o coração estivesse tentando escapar. Então sou puxado até a janela... Entenda: eu não vou até a janela, eu sou levado até lá. — Ele parou por um instante, os olhos agora fixos nas cortinas. — Abro a janela e olho o céu avermelhado. Sei que é hora. Meu corpo começa a tremer, mas não de medo. Não mais. É... Expectativa... Desejo.

Edgard franziu a testa. Aquele momento começava a soar mais como uma sessão espírita do que como uma consulta psicanalítica.

— Continue.

Augusto fechou os olhos, como se visse melhor de lá, de dentro de sua mente.

— Ela surge... Primeiro o topo da cabeça, depois o rosto inteiro. Meu corpo se agita. Vejo-a, em seguida, erguendo um braço, depois o outro e é quando toma impulso para ficar sentada, de cócoras, sobre o parapeito da janela, se equilibrando como uma criatura selvagem, descojuntada. Então, eu faço um sinal com a cabeça e ela entende que pode entrar... Desliza como uma sombra parede abaixo, rasteja pelo chão e, em pouco tempo, se acomoda bem aqui ao meu lado, nesse sofá.

Antologia Edifício Solaris
Edgard não escrevia nada. Apenas ouvia.

— Encaro seu rosto e a envolvo num abraço apertado, porque entendo, no fundo, que aquele corpo mortificado — tão pálido, tão disforme, parecendo um trapo recém-desenterrado — é tão frágil quanto o meu. E então, desabo. Deito em seu colo e choro tudo o que há em mim, como se ela fosse a única capaz de suportar o peso da minha dor.

E, de alguma forma, ela me dá o que nunca recebi de ninguém: empatia, apoio e atenção.

Houve um grande silêncio. Apenas o som do ventilador podia ser ouvido.

— Isso é... uma metáfora impressionante para a melancolia! — disse Edgard, tentando manter a compostura. — você construiu uma imagem bem vívida.

— Não! Não é uma metáfora. Eu a vejo de verdade. Eu a abraço e choro deitado em seu colo, todos os dias.

— Augusto... — cortou Edgard, tateando palavras como quem anda sobre cacos de vidro. — talvez fosse bom você retornar ao psiquiatra. Essas alucinações...

— Alucinações? Você acha que eu estou ficando louco, né?

— Não estou dizendo isso. Mas primeiro as fobias e agora...

— Eu imaginei, mesmo, que não fosse acreditar em nada que eu dissesse sobre ela.

Por isso pedi para que você viesse hoje num horário diferente. Pra ver com seus próprios olhos.

Edgard sorriu, nervoso. Não seria a primeira vez que um paciente insistia em mostrar o próprio delírio como se fosse uma pintura em movimento. Mas havia algo em Augusto... Uma firmeza que o desconcertava.

O psicanalista anotou mais algumas palavras. Estava prestes a fazer uma nova pergunta quando notou que Augusto havia parado de responder. Estava imóvel, olhos presos à janela fechada, os ombros rígidos, como os de uma estátua prestes a desmoronar.

— Augusto?

Nenhuma resposta. Só silêncio.

Edgard fechou o caderno. Sabia quando era hora de parar. Alguns silêncios exigem mais respeito do que qualquer palavra. Permaneceu quieto por longos minutos, observando o paciente, cuja respiração parecia cada vez mais lenta e pesada.

E então, subitamente, Augusto saltou do sofá.

O movimento foi tão rápido, tão fora do padrão daquele corpo letárgico, que Edgard deu um leve sobressalto.

— É agora! — exclamou Augusto, com os olhos arregalados, a voz embargada.

— O quê?

— Ela vai chegar! — Correu para afastar as cortinas e escancarar a janela, para depois voltar a senta-se no sofá. — Essa é a hora... eu sinto!

Ele tinha aquele olhar mortificado, perdido entre a lucidez e o abismo, como quem espera um milagre ou uma sentença de morte.

Edgard apenas voltou-se para a janela. Um arrepio correu por sua nuca, ainda que tentasse manter a razão. Sabia que não deveria alimentar delírios. Sabia, academicamente, que tudo aquilo era produto de uma mente isolada, afogada em sofrimento. Mas...

— Está pronto? — Augusto tremia, como uma criança ansiosa.

O psicanalista assentiu, apenas para não contrariar. "Pobre rapaz!", pensou, ajuizando que os remédios não estavam mais fazendo efeito. Era realmente lamentável que alguém tão jovem precisasse passar por tamanha provação. Talvez nunca mais experimentasse uma vida normal.

Mas então, algo realmente aconteceu, decependo seus pensamentos.

— Veja, Edgar! É ela! — Gritou Augusto sorrindo como um cadáver satisfeito.

— Ma-mas... O-quê? — Gaguejou o psicanalista, com os olhos arregalados.

O psicanalista, com a boca escancarada, viu surgir na janela uma cabeça... Em seguida um braço, depois outro...



Valéria Rezende é carioca, doceira, poeta e contista. Já foi bailarina e desenhista, a arte sempre esteve presente em sua vida. Formou-se pela vida e escreve pela alma. Possui três livros publicados, NEM TUDO QUE VOA É PÁSSARO (poesia), O CAMINHO NA POESIA DO TEMPO (contos), PARA TODAS AS MULHERES QUE FUI (contos). Participou de várias antologias de poesias e contos e atualmente é colaboradora da revista Leia Vicejar.



Apartamento 802: Quem mora ao lado?

Valéria Rezende

A vida começava tranquila naquela quinta-feira do mês de outubro de 1979. O tempo estava ameno, apesar de já estarmos na primavera. A chuva, que caíra na véspera, refrescou e deu um leve tom de outono fora de hora. Calvinópolis é uma cidade interiorana com poucos habitantes, mas o Edifício Solaris era majestoso. Fora construído numa época onde a engenharia civil ousou em sua fachada com o estilo Art Nouveau ou "arte nova". É um estilo internacional de arquitetura, que surgiu no final do século XIX e início do século XX, caracterizado por linhas curvas e ornamentos inspirados na natureza. Localizado bem em frente

Antologia Edifício Solaris

à uma praça arborizada, com flores muito bem cuidadas, bancos de madeira que abrigam pessoas de todas as idades em conversas, o deixou mais atraente inclusive para turistas. Muitas pessoas iam especialmente ao local para retratarem a fachada do edifício que se harmonizava com a tradicionalidade da praça. O Edifício Solaris é o único na cidade com essa arquitetura, e logo transformou-se em atração turística.

A nova moradora do apartamento 802, uma mulher com seus 30 anos, nova na cidade, encantou-se pela preservação do edifício e pela hospitalidade dos demais moradores. Morando ali há pouco mais de um mês, a alegria que transbordava em seu rosto deixava claro que a escolha foi certa. Mas naquela quinta-feira à noite, algo mudou...

Clara, a moradora do 802, teve um dia comum, acordou às 6:30h, preparou o café como de costume e foi trabalhar. Numa cidade interiorana não acontecem grandes coisas e a repartição pública na qual trabalhava era tipicamente tranquila.

Já eram 17:36h quando retornou ao edifício. No hall estava o porteiro já se preparando para ir embora.

— Boa tarde, dona Clara! — cumprimentou já entregando-lhe a correspondência.

— Boa tarde, seu Antônio! Obrigada. — ia se dirigindo ao elevador verificando a correspondência, que na maioria eram

contas, quando deu meia volta e perguntou — Seu Antônio, o senhor sabe quem é o morador do apartamento ao lado do meu, o 801?

— Sei não senhora. — respondeu com voz séria e olhando para baixo.

— Mas o senhor é o porteiro, conhece todo mundo que mora aqui... O senhor recebe a correspondência do morador...

— Por que a senhora quer saber?

— Desde que cheguei aqui, escuto barulhos à noite, mas durante o dia é só silêncio. Teve um dia que era tanto barulho que não aguentei e fui até lá, bati na porta, mas não me atenderam. Mas o barulho cessou imediatamente. E nessa noite tive um pesadelo horrível!

— Olha, dona Clara, é melhor a senhora não fazer mais isso. Ela não gosta de ser incomodada — disse o porteiro com voz densa — A moradora nunca sai. Não recebe correspondências além das contas que estão no nome do pai dela, já falecido há anos... E as compras, o mercadinho da dona Jacinta, ali do outro quarteirão, faz a entrega toda semana. Eu recebo as compras e deixo na porta do apartamento.

Clara percebeu a inquietação do porteiro e achou melhor encerrar o assunto. Agradeceu as informações e se dirigiu ao elevador.

Ao chegar no oitavo andar passou na frente do 801, parou e observou a porta de cima a baixo. Seu olhar varreu cada centímetro daquela porta. Quando chegou na parte de baixo, na fresta, pôde ver uma luz intensa e a sombra de alguém que a assustou, como se algo a tivesse despertado de um transe. Saiu correndo em direção ao seu apartamento entrando e trancando a porta.

A noite os ruídos se tornaram irritantes e incômodos. Olhou o despertador na mesinha de cabeceira que já marcava 23h. Virava para um lado e outro na cama, mas não conseguia dormir. Levantou-se e colocou a orelha na parede do quarto para tentar ouvir melhor o que estava acontecendo ali. Para sua surpresa os ruídos pararam. Permaneceu ali mais alguns segundos quando teve a nítida sensação de uma voz sussurrante lhe chamando pelo nome: "Clara...". Correu para a cama apavorada, colocou o travesseiro sobre a cabeça e acordou no dia seguinte com despertador marcando 6:30h, sem ter a certeza se tudo aquilo foi realmente mais um pesadelo ou não.

Clara se preparou para mais um dia de trabalho, saiu do apartamento e foi direto para o elevador sem olhar para o 801. Entrou no elevador e no percurso encontrou com dona Hellen, moradora do 501, uns 60 anos, casada, com filhos adolescentes, um doce de pessoa. Não se conteve e perguntou sobre a estranha moradora do 801.

— Querida, ninguém nunca a viu, sempre foi assim. Para seu próprio bem, não se meta com essa mulher. — disse com ar temeroso.

— Parece que todos a temem... — ponderou Clara encarando dona Hellen.

O silêncio dentro do elevador se desfez com a porta abrindo. Dona Hellen se despediu, saiu do edifício e cumprimentou seu Antônio. Clara percebeu que ele estava com uma sacola de papel nas mãos, eram compras do mercadinho da dona Jacinta, pôde ver pela padronagem do logotipo na sacola.

— Bom dia, seu Antônio! Foi no mercado cedo.

— Bom dia, dona Clara! São as compras do 801.

Clara tentou olhar dentro da sacola e só viu algumas ervas frescas encobrindo o restante das compras.

— Quer ajuda seu Antônio? Parece pesada. — disse já tentando segurar a sacola e buscando ver o que havia dentro além das ervas.

— Não se preocupe, eu faço isso há muito tempo... — respondeu já apertando o botão do elevador.

Clara esticou o máximo seu olhar para tentar ver algo mais e surgiu uma ideia.

— Ah, seu Antônio vou subir com o senhor, esqueci minha carteira em casa. Que cabeça a minha... — disse ela mexendo na bolsa e já entrando no elevador.

Clara foi em direção ao seu apartamento, entrou e apenas encostou a porta enquanto o porteiro colocava a sacola em frente à porta do 801. Ficou à espreita esperando ele descer e saiu silenciosamente. Aproximou-se da sacola no chão, abriu e viu que continha, além das ervas, velas, algumas maçãs, uma abóbora, lápis e papel. Achou a compra um tanto comum, e ficou ligeiramente decepcionada e um pouco arrependida de estar bisbilhotando a vida alheia. Entrou no elevador para seguir seu caminho e assim que a porta já estava quase totalmente fechada, a porta do 801 começou a se abrir.

Passou o dia todo pensando naquela cena. Se tivesse esperado um pouco mais... Se tivesse escondida atrás da porta do seu apartamento... Se.... Se... Aquilo estava virando uma obsessão...

Saiu do trabalho e passou na floricultura para comprar algumas flores para alegrar o fim de semana. Estava quase em frente ao Edifício Solaris quando resolveu atravessar toda a praça para observar a janela do 801 de longe. Mas estavam cobertas por cortinas vermelhas. Desistiu e foi para casa.

Era sexta-feira e a lua cheia estava linda! Um frescor invadiu a sala e o perfume dos pés de Jasmim da praça se espalhava pelo ar. Ajeitou as flores no jarro, sentiu seu aroma, estavam bem frescas. Clara ligou a televisão para assistir a novela e pegou no sono logo no início. Despertou com a impressão de alguém tê-la chamado. A novela ainda estava no começo. "Nossa, foi um cochilo muito rápido, a novela continua no início", pensou Clara. Olhou em volta e no meio da sala haviam velas acesas. Uma abóbora na mesinha ao lado do sofá. Levantou assustada e chutou algumas maçãs pelo chão. O jarro de flores agora continha ervas. Os ruídos ao lado aumentavam num tom ensurdecedor. Era uma mistura de canções com tambores e risadas... Gritaria... Palavras aleatórias... E uma voz de mulher sussurrava seu nome... "Clara... Clara..." A música era hipnotizante... estava ficando tonta... "Clara...Clara..." palavras estranhas... O corpo tremia... "Clara... Clara..." As chamas das velas aumentavam... As ervas secas pareciam retorcidas... "Clara... Clara..." Ela cambaleava... A brisa virou vento forte... A respiração ofegante... "Clara.... Clara..." O suor escorria pelo corpo... A janela aberta... A lua...

O dia amanheceu com a polícia na porta do Edifício Solaris. Apenas dona Hellen e seu Antônio, o porteiro, estavam presentes na escadaria do edifício observando aquele pano branco cobrindo o volume do corpo estirado no chão, enquanto o síndico conversava com os policiais. O restante dos moradores

se encontravam em suas respectivas janelas como que assistindo a algum espetáculo. O síndico aproximou-se.

— Os policiais confirmaram o suicídio — falou com tom aliviado.

— Eu a avisei — disse Hellen friamente.

— Essas jovens da cidade grande acham que podem fazer o que bem entendem por aqui — disse Antônio com arrogância.

Dois meses depois...

— Você vai adorar morar aqui! O prédio é muito bem conservado, tem uma praça aqui em frente com vários pés de Jasmim, o perfume se espalha no ar e os moradores são uma simpatia! É uma pena que a moça que morava aqui não se adaptou e foi embora... — disse o corretor, apresentando o apartamento 802 para uma mulher, solteira, nova na cidade, que aparentava seus 30 anos.



Fernando Cozzi, 57 anos, nascido em Santos. Empresário, Aromaterapeuta, Tarólogo, Escritor de Poemas e Crônicas. Participei das Antologias Memórias das Flores, Melhores Escritores de 2025 e Memórias de Pirassununga, da Editora Vip e Antologia Uno IV que será lançado na Biblioteca de Alcântara, em Lisboa. Também participei da FLAL 2025



Apartamento 803: Caos em Família

Fernando Cozzi

A família Pereira era um espetáculo digno de reality show, mas sem roteirista para dar um final feliz. O pai, Júlio, era um sujeito pacato, que só queria paz para ver seu futebol. A mãe, Vanessa, era a regente de uma sinfonia de confusão. Mas o verdadeiro show vinha dos filhos: Lucas, um baterista roqueiro desastrado, e Marina, uma nerd convicta, cuja ideia de diversão era resolver equações e corrigir os erros gramaticais da família no grupo do WhatsApp.

O problema maior era a coexistência forçada desses dois universos paralelos dentro do mesmo apartamento de 80

metros quadrados. O dia começava com Lucas testando seu mais novo solo de bateria no quarto – que, para desespero de Vanessa, ficava ao lado da cozinha.

— LUCAS! — gritou a mãe, tentando equilibrar uma panela que quase foi ao chão com a vibração. — Já falei que esse tamborilar satânico tem horário!

— É rock, mãe! Expressão artística! — respondeu ele, enquanto uma baqueta escapava de sua mão e atingia o lustre, soltando uma chuva de poeira.

Marina surgiu na porta da cozinha, segurando um livro de cálculo avançado como se fosse um escudo.

— Se expressão artística inclui quebrar as leis da física, parabéns, você conseguiu. A vibração das suas batidas pode abrir um portal interdimensional! Júlio, tentando ignorar o caos, aumentou o volume da televisão.

— FINALMENTE, O GOL! — gritou, feliz por um segundo, antes de a tela congelar. — QUÊ?! Internet caiu de novo?

— Foi mal, pai — disse Marina, ajustando os óculos. — Estou rodando uma simulação na nuvem e consumi um pouquinho da banda.

— UM POUQUINHO?! — Júlio quase caiu do sofá. — O que você tá simulando? O apocalipse?

— Não, pai, só um modelo estatístico para otimizar o tempo de resposta da rede neural. — ela olhou para Lucas — Algo que um cérebro primitivo como o do Lucas jamais entenderia.

— Ah, é? — Lucas rebateu. — Pelo menos eu não namoro um personagem de anime.

— Ele tem mais personalidade que você.

— Ele nem existe!

— MELHOR AINDA!

Vanessa, com a paciência de uma monja budista prestes a quebrar um vaso, decidiu tomar as rédeas da situação.

— CHEGA! Vocês vão resolver isso como uma família civilizada. Vamos jantar fora. — Ela olhou para Júlio, que tentava religar o Wi-Fi. — E sem futebol no celular!

Os Pereira entraram no carro, um veículo que já havia vivido guerras maiores que qualquer tanque de guerra. Júlio assumiu o volante com a confiança de quem sempre errava o caminho. Marina abriu um livro de física, Lucas colocou os fones de ouvido e Vanessa apenas fechou os olhos, rezando para que o carro chegasse inteiro ao destino.

Na lanchonete, as coisas pareciam finalmente tranquilas. Até que Lucas, distraído com sua batida imaginária na mesa,

derrubou o copo de refrigerante direto no caderno de anotações de Marina.

— LUCAS! Meu estudo sobre a teoria dos jogos!

— Ah, era só papel...

— SÓ PAPEL?! — Marina ficou vermelha de raiva. — Então sua bateria é só um conjunto de painéis caras?

Vanessa já estava com a cabeça nas mãos, enquanto Júlio comia seu hambúrguer em silêncio, decidido a não intervir.

— Vamos fazer um trato — sugeriu Vanessa. — Vocês tentam conviver sem se matar por uma semana e eu prometo um presente para cada um.

— Fechado — disseram os irmãos em uníssono.

No dia seguinte, Marina descobriu que a "paz" incluía Lucas tentando ensinar seu baterismo a um dos robôs que ela estava programando. A semana prometia.



Arredores do Edifício Solares: Kalel, Maribel e a Praça

Gilson Salomão Pessoa

A praça Alfredo Tobias, que ficava em frente ao Edifício Solaris nunca foi um espaço realmente significativo para os moradores da pacata Cavinópolis. Um espaço de terra discreto, nem grande nem pequeno, com alguns bancos de madeira e canteiros de flores. Naquele local o músico Kalel (sim, o seu pai era muito fã de Superman) levava o seu violão e tocava diversas músicas conhecidas no repertório nacional, na esperança de ganhar alguns trocados enquanto praticava para se tornar cada vez melhor e assim talvez ganhar públicos cada vez maiores na capital. Gostava muito de MPB e samba de raiz, mas quando estava mais precisado de dinheiro tocava sertanejo universitário e pagode, mais conhecidas do público. Se gabava de ser eclético e versátil e assim sentia que um dia o seu esforço seria recompensado. Não pensava tanto em fama ou dinheiro, mas sim na interação com os ouvintes, poder compor e dividir a sua

arte, sentir a galera cantando as grandes multidões cantando as músicas que até então só estavam em sua cabeça.

Assim passava os dias, sonhando e dedilhando o seu instrumento na esperança de dias melhores, quando certa vez foi interrompido por um falatório no outro lado daquele cantinho que ele tinha carinhosamente “tomado” como seu. Era a apaixonada Maribel, uma estudante de artes cênicas que resolveu adotar um pedaço daquele lote como palco para as suas declamações. Ela devorava todas as grandes peças já escritas e se emocionava com todas elas. Sentia nas veias que aquela era a sua grande vocação. Encarnava todos os seus papéis com uma dedicação impressionante, chegando a interpretar mais de um, alternando a postura e a tonalidade da voz quando lhe era demandado.

A primeira impressão do músico, porém, foi a de uma maluca que resolveu se instalar no seu “local de trabalho” gritando e agitando os braços. Foi em direção à moça na tentativa de entender o que estava acontecendo e talvez resolver a situação sem confrontos, o que ele odiava, mas tudo o que ela viu foi a oportunidade de encontrar alguém para contracenar. Dessa forma, o diálogo saiu mais ou menos assim:

— Com licença, meu nome é Kalel e eu costumo tocar violão todos os dias naquele canto ali. — disse o rapaz apontando para o local onde ficava de domingo a domingo.

— Você ouviu isso, majestade? Temos um bardo para a nossa corte! Diga me, nobre menestrel, o senhor toca o seu alaúde há muito tempo? Nosso rei é bastante exigente, ele pode pedir a sua execução se você desafinar.

— Alaúde e violão são dois instrumentos completamente diferentes, que história é essa, sua doida?

— Doido é você de pisar no palácio real sem permissão. Se não fosse o seu alaúde provavelmente estaria no fosso agora, sofrendo incontáveis torturas por sua insolência.

— Que papo aranha é esse? É além da imaginação essa porra? Eu só quero combinar pacificamente dias e horários, para a gente não atrapalhar as performances um do outro, pode ser?

— Sua arrogância será o seu fim, herege! Os guardas irão te levar para as feras, que se deliciarão com a sua carne fresca!

— Olha, geralmente eu sou muito calmo, mas você está me tirando do sério!

— E o que você vai fazer? Vai estuprar e violar uma serva real indefesa só porque ela estava te recebendo na corte real? É assim que você se comporta, como um animal?

Nesse ponto ela começou a falar mais alto e acabou chamando a atenção de muitos transeuntes, que pararam para ouvir aquela discussão. O encabulado músico se virou para eles e tentou se explicar:

— Olha, não é nada disso que vocês estão pensando. Eu estava ali tocando em paz e...

— Confessou! Confessou que estava se masturbando depois de vislumbrar as minhas coxas torneadas com pele de alabastro!

— Tocando música, sua doida! Olha gente, eu nem conheço essa mulher...

— Ele é um perverso que usa sua música para seduzir e enfeitiçar pobres garotas como eu.

— Eu não faço isso.

— Você não gosta quando uma garota fica encantada pela sua arte?

— Sim, mas isso não tem nada a ver.

— Então você quer, só não consegue.

A multidão bateu palmas. Ele não estava entendendo mais nada. A atriz se deliciava cada vez mais com a plateia que só crescia:

— Então fica curvado numa moita se masturbando, acariciando suas carnes nojentas e babando como um depravado solitário!

— O quê? Não! Gente, ela é doida. Eu não faço nada disso.

Kalel estava cada vez mais desesperado, pois só ele não entendia que estava participando de uma peça de teatro contra a própria vontade. A própria multidão não estava levando a sério, pois as atitudes da moça eram caricatas e exageradas demais para serem verídicas. Isso explica porque algumas pessoas se sentiram encorajadas a participar, gritando insultos ao pobre rapaz:

— Você é um nojento! Deveria ter vergonha de si mesmo! Só porque a moça está descalça e de shortinhos você acha que pode comer ela com os olhos, seu machista!

A pressão do músico baixou. Ele sentiu uma leve tonteira e vontade de sair correndo, pois percebeu que não conseguiria se explicar para toda aquela gente. Maribel então resolveu terminar e gritou:

— Alguém por favor arruma um copo d'água que ele vai desmaiar!

Depois de o ajudar a se sentar, ela finalmente se apresentou:

— Prazer, sou Maribel, atriz performática. Hoje foi legal, né? Apareceu muita gente. Eu entendo que deve ter sido um choque para você, que obviamente não está acostumado.

— Que porra foi isso que acabou de acontecer?

— Uma peça improvisada, sem redes de proteção. Acho que o próprio público acabou entrando na brincadeira, com aquele cara gritando e tal.

— Eu quase desmaiei com medo de ser linchado e era tudo encenação?

— Foi bem real, né? Eu senti nas veias!

— Você é totalmente maluca!

— Não mesmo. Estou completamente ciente de minhas faculdades mentais.

— Você não arrasta qualquer um para esse circo de maluquices. Isso não se faz! Deve ser combinado!

— Mas assim ficou mais autêntico, achei que você como colega artista entenderia.

— Eu fiquei completamente confuso.

— Porque você é travado demais. Precisa abraçar o imprevisível para alcançar o intangencial.

— Eu respeito muito a sua arte, mas só quero ficar no meu cantinho tocando a minha música.

— Eu não vou a lugar nenhum e vou continuar mexendo contigo, então deixa de ser bobo e aproveita essa nova fase da sua vida.

— Que nova fase?

Ela não respondeu. Só partiu sem dizer nada. Kalel continuava sem entender nada. Tinha achado ela realmente muito atraente, mas a conversa toda saiu tão atravessada que ele não sabia o que pensar. Sua vida tinha acabado de levar uma estranha sacudida e ele não sabia ainda se tinha gostado daquilo ou não. De qualquer forma, não via muitas alternativas de escapar daquele confronto, então resolveu continuar frequentando a praça, evitando a moça, o que era praticamente inevitável, pois mesmo que ele não fosse até ela, Maribel arrumava alguma maneira de “importuná-lo”. E com o tempo ele foi se acostumando a gostar dessa dinâmica. Era quase uma terapia, pois ele se sentia à vontade para falar bobagem, desabafar e expurgar seus demônios interiores. E devia tudo isso àquela moça que entrou em seu coração metendo o pé descalço na porta, falando alto e agitando os braços.

Com o passar dos dias, foram ficando mais íntimos, almoçavam juntos, trocavam mensagens à noite antes de dormir e faziam programas que não incluíam a praça. Mas Kalel ainda estava em dúvida sobre o relacionamento deles. Estava apaixonado, mas tinha medo de perder a amizade dela caso se declarasse. Foi então que um dia eles estavam sentados na praça quando ele disse:

— Sabe, eu aprendi a gostar bastante das nossas falsas discussões, mas sinto falta de tocar o meu violão.

— Entendo. Mas você pode fazer isso em casa, né?

— Não é a mesma coisa. Eu quero audiência, assim como você.

Ela saiu sem falar nada. Sumiu por alguns dias. Ele não entendeu nada. Chegou a ficar preocupado. Mandou mensagens e ela não respondeu. O que tinha acontecido? Ele tinha dito alguma coisa errada? Tentou voltar à sua antiga rotina tocando violão, mas alguma coisa tinha mudado. Não era mais a mesma coisa.

Depois de algumas semanas sumida ela finalmente voltou. Estava com um roteiro nas mãos.

— Finalmente terminei! Disse ela sorrindo com um ar vitorioso.

— Terminou o quê?

— O musical que escrevi para a gente. Lógico que não escrevi partituras porque eu não sei. Mas eu vou cantando e você tira de ouvido, pode ser?

— Legal! É sobre o quê?

— É uma história de amor. Já que você não me beija fora dos palcos, que seja neles então.

Era tudo o que Kalel precisava ouvir para puxar a moça pela cintura e consumir aquele relacionamento que na verdade já havia começado Há muito tempo atrás, desde que ela o ouviu tocar pela primeira vez da janela do seu quarto enquanto lia Shakespeare e ensaiava na frente do espelho.

Sob a luz pálida da lua, o Edifício Solaris ergue-se imponente, testemunha silenciosa de histórias que se escondem entre suas paredes. Cada janela iluminada expõe um drama, um mistério, um segredo inconfessável. Seus moradores? Pessoas comuns à primeira vista, mas que, por trás de suas portas fechadas, guardam destinos imprevisíveis.

Nesta antologia intrigante, autores de diferentes estilos abrem as portas de apartamentos onde tudo pode acontecer: amores impossíveis, crimes insolúveis, encontros sobrenaturais e histórias que desafiam a lógica. No Solaris, cada conto é uma chave que revela um novo enigma. Você está pronto para entrar?

ISBN 978-855401895-5



9

788554

018955

Panóplia

editorapanoplia.com.br